

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)  
CAMPUS AVANÇADO “PROFa.MARIA ELISA DE A. MAIA (CAMEAM)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGL)  
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS  
Área de concentração: **Estudos do discurso e do texto**  
Linha de pesquisa: **Texto, discurso e ensino**

**ANÁLISE DE PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DO 9º ANO SOB A  
PERSPECTIVA DO PLANO DISCURSIVO FIGURA E FUNDO: ABORDAGEM  
FUNCIONALISTA**

Ana Dalete da Silva

PAU DOS FERROS

2016

ANA DALETE DA SILVA

**ANÁLISE DE PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DO 9º ANO SOB A  
PERSPECTIVA DO PLANO DISCURSIVO FIGURA E FUNDO: ABORDAGEM  
FUNCIONALISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado “Prof.<sup>a</sup> Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal

PAU DOS FERROS

2016

A dissertação “**Análise de produções textuais de alunos do 9º ano sob a perspectiva do plano discursivo figura e fundo: abordagem funcionalista**”, autoria de **Ana Dalete da Silva**, foi submetida à Banca Examinadora, constituída pelo PPGL/UERN, como requisito parcial necessário à obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Dissertação defendida e aprovada em 19 de abril de 2016.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal(UERN)  
(Presidente)

---

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes (UFC)  
(1º Examinador)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa (UERN)  
(2ª Examinadora)

---

Prof. Dr. Edvaldo Balduino Bispo (UFRN)  
(Suplente Externo)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Edileuza da Costa (UERN)  
(Suplente Interna)

PAU DOS FERROS

2016

A meu amado pai, Antonio Francisco (*in memoriam*) que, na sua simplicidade de homem do campo, soube compreender com tanta maestria a magnitude de buscar conhecimento e de lutar pelos sonhos. A você, meu herói, por ter sido um grande ser humano, exemplo a ser seguido. Não há legado maior para uma filha.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma das formas mais singelas de dar graças ao Senhor pelas suas maravilhas. De reconhecermos o quanto a existência do outro se torna necessária em nossa vida e de compreendermos quão grande são as suas promessas, amor e fidelidade para com cada um de nós. Talvez, um dos segredos mais preciosos da grandeza humana esteja revestido na arte de agradecer, que deveria ser, não uma ação de recompensa pelo o que alguém fez/faz por nós, mas um exercício de sabedoria interior. Agradecer independe de acontecimentos, situações ou feitos, constitui uma compreensão desmedida de respeito, humildade e generosidade ao próximo. Coberta por esses sentimentos, as palavras a que me direciono neste espaço são destinadas a pessoas incríveis, que o Altíssimo se encarregou de me presentear, guiando-me, fortalecendo-me e, sobretudo, ensinando-me a viver. Por isso, a extensão do meu reconhecimento é distribuída gratuitamente:

A Deus, a quem indubitavelmente destilo todo o meu louvor, pela a graça da vida e por nela ter me permitido o júbilo da aprovação no Mestrado. A Ti, bendigo pelas maravilhas das obras de tuas mãos, pela sabedoria concedida, por fortalecer-me diante dos desafios, revigorando-me diariamente e dando-me coragem para enfrentá-los.

À professora Dra. Rosângela Vidal, um ser de luz. Pela a mediação carinhosa na realização deste trabalho, gentileza e simplicidade por meio da qual desempenha a magnitude do educar. Pela a humildade inculcada em suas ações e palavras, virtudes da grandeza do seu coração.

Aos professores da Banca Examinadora, Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa (UERN) e o professor Dr. Valdecy de Oliveira Pontes (UFC) pela leitura assídua e pelas preciosas contribuições para o trabalho.

À minha mãe, Maria Concebida, referência de fé, persistência e força. Mulher guerreira, que desde cedo me motivou a aprender. Sempre dedicada, atenta e rigorosa com a realização das tarefas escolares. Ensinou-me a enxergar nas improbabilidades da vida as possibilidades para realização das metas tão almejadas.

A meu amado pai, Antonio Francisco (*in memoriam*), que do suor derramado no solo sedento a que se dedicou cultivar benevolência, honestidade e respeito, deixou a melhor colheita: a integridade. Esta que faz germinar todos os dias a esperança de dias melhores e a bravura tão necessária para triunfar. Não há, na extensão física/espiritual que nos separa, distância que desenraíze a semente de amor semeada em meu coração.

A meu irmão, Daniel Silva, fonte de serenidade, zelo e proteção mútua. Um instrumento de paz, amor, sensibilidade e compreensão na convivência diária. Aquele que otimiza e impulsiona a prosseguir.

A Jaílton Silva, pela a motivação constante, pelos os esforços empreendidos para a concretização dos projetos traçados, pelo o apoio incondicional, carinho e disponibilidade.

A meus avós, Francisca Luiza e Vicente Batista (*in memoriam*), pelas orações, confiança e carinho dedicado a família.

Às professoras Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa e Dra. Maria Edileuza da Costa, pelas contribuições valiosas na qualificação.

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN/CAMEAM pela busca contínua com a qualidade e excelência do ensino.

Aos colegas de Mestrado, representados pela grande amiga Janaína Fernandes, a quem nutro um carinho especial. Com quem compartilhei discussões teóricas, alegrias e preocupações no decorrer do Curso. Uma pessoa incrível, sábia e extremamente humana, uma amizade para a vida.

Ao corpo docente do PPGL/UERN pela promoção de momentos ricos de aprendizagem e pelos saberes compartilhados.

À secretaria do PPGL na menção dos nomes de Marília e Ricardo, pessoas comprometidas, amigáveis e sempre prestativas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos.

Ao professor Me. Marcos Antonio, pelo apreço e cordialidade sempre que nos (re)encontramos. O meu afeto, fascínio e gratidão pelo apoio emocional/espiritual quando mais precisei.

À professora Ma. Francimeire Cesário e aos alunos que me concederam o acesso aos textos cerne das investigações desta pesquisa.

À família do Grupo de Oração Chamas de Amor da Renovação Carismática Católica (RCC) de Marcelino Vieira, alimento para o espírito.

Enfim, a todos aqui citados e também aos não mencionados, sintam-se envolvidos pelo meu respeito, carinho e admiração.

*Eu te agradeço, Javé, de todo o meu coração. Na presença dos anjos eu canto para ti. Eu me prostro em direção ao teu santuário, e agradeço ao teu nome, por teu amor e fidelidade, pois a tua promessa supera a tua fama. Quando eu gritei, tu me ouviste, e aumentaste a força em minha alma [...].*

## RESUMO

Ancorando-nos na ideia de que a língua é um instrumento de interação social, de natureza essencialmente dinâmica, materializada a partir dos usos linguísticos que contingenciam as diferentes formas de configuração do discurso, buscamos, nesta pesquisa, compreender como se dá a articulação discursiva dos alunos investigados na produção dos seus textos. Com isso, detemo-nos as dimensões de plano discursivo, com ênfase nas noções de figura e fundo. Para esse empreendimento, adotamos os pressupostos teóricos que caracterizam a ambiência da Linguística Funcional Centrada no Uso, referenciando-nos em estudiosos como Givón (2001; 2011); Hopper & Thompson (1979; 1980), Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003); Martelotta (1998; 2003; 2008; 2011); Neves (1997; 1999; 2006; 2011), entre outros. Também, serviram-nos de subsídio as contribuições bakhtinianas (1995; 2000; 2003; 2005) em torno dos gêneros discursivos. Para constituir o *corpus* da pesquisa, coletamos produções textuais de alunos pertencentes ao 9º ano do Ensino Fundamental, advindos de uma escola pública estadual. Trata-se de vinte textos, sendo dez do gênero carta argumentativa e dez do gênero crônica. O estudo assume uma metodologia de caráter descritivo-interpretativo, na qual lançamos um olhar qualitativo sobre os dados. As análises efetivadas elucidaram o nível textual discursivo e os aspectos semânticos-pragmáticos na construção dos textos. A partir disso, visamos analisar como se dá a organização das ideias primárias e secundárias propagadas e veiculadas na produção escrita dos alunos, bem como são arquitetadas no plano discursivo. Desse modo, como a Linguística Funcional Centrada no Uso se direciona para o estudo da língua em seu uso efetivo, o plano discursivo foi escolhido como unidade de análise, tendo em vista que se constitui um campo profícuo no que tange a reflexão dos possíveis diálogos que podem ser estabelecidos nos estudos que tomam a linguagem como objeto de pesquisa. Discussões desta natureza podem trazer contribuições para o ensino de língua, já que vislumbram questões relativas a compreensão e produção textual. Os resultados obtidos, nesta pesquisa, evidenciam que os alunos investigados revelam dificuldades com a escrita, à disposição das informações enunciadas nos textos, em alguns casos, estão articuladas de maneira precária o que ocasiona prejuízos ao plano discursivo. Constatamos ainda incidências de muito relato, o que consiste em um indicativo que demonstra a objeção em argumentar os temas propostos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística Funcional Centrada no Uso. Planos discursivos Figura e Fundo. Produção textual.



## ABSTRACT

Anchoring us in the idea that language is an instrument of social interaction, essentially dynamic nature, materialized from the linguistic uses that contingency the different forms of discourse configuration, we seek, in this research, to understand how is the discursive articulation of students investigated in the production of their texts. With this, we focus the discursive plan dimensions, with emphasis on the notions of foregrounding and background. For this enterprise, we adopted the theoretical presuppositions that characterize the ambience of Usage-based Linguistic Functional, referencing us in researchers such as Givón (2001; 2011); Hopper and Thompson (1979; 1980), Furtado da Cunha, Costa and Cezario (2003); Martelotta (1998; 2003; 2008; 2011); Neves (1997; 1999; 2006; 2011), among others. And Bakhtin's contributions (1995; 2000; 2003; 2005) around the discourse genres is also adopted. To form the *corpus of the research*, we collected textual productions of students belonging to the ninth year of elementary school, coming from a state public school. It is twenty texts, ten genre letter argumentative e and ten chronic genre. The study assumes a descriptive and interpretative character methodology, which we launched a qualitative look at the data. The analyzes have elucidated the textual level discursive and semantic-pragmatic aspects in the construction of the texts. From this, we will analyze how it is the organization of primary and secondary ideas propagated and disseminated in the written production of the students, as well as are architected in the discursive plan. That way, as the Usage-based Linguistic Functional is directed to the study of language in its effective use, the discursive plan has been chosen as the unit of analysis, having in mind that it is a fruitful field regarding the reflection of possible dialogues that may be established in studies that take the language as object of research. Discussions of this nature can bring contributions to language teaching, as it glimpsed questions concerning the understanding and the textual production. The results obtained, in this research, provide evidence that the students investigated have difficulties with writing, the availability the information set out in the texts, in some cases, are articulated in a precarious manner thus causing damage to the discursive plan. We verified still incidences of much report, what consists of an indicator that demonstrate the objection to argue the proposed themes.

**KEYWORDS:** Usage-based Linguistic Functional. Discursive plans foregrounding and background. Textual production.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CLG: Curso de Linguística Geral

CENPEC: Coordenação Técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária

LFCU: Linguística Funcional Centrada no Uso

MEC: Ministério da Educação

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP: Projeto Político Pedagógico

PT: Partido dos Trabalhadores

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>22</b>
2.1 A gênese da Linguística Funcional Centrada no Uso.....	22
2.2 As noções de plano discursivo na comunicação.....	30
2.2.1 Considerações sobre figura e fundo.....	34
<b>3 A PRODUÇÃO TEXTUAL E OS GÊNEROS DISCURSIVOS .....</b>	<b>40</b>
3.1 Os gêneros discursivos sob a ótica bakhtiniana.....	40
3.2 Aspectos gerais sobre o gênero crônica.....	51
3.3 Caracterizando o gênero carta argumentativa.....	55
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....</b>	<b>58</b>
4.1 A natureza da pesquisa .....	58
4.2 Caracterização do campo da pesquisa .....	59
4.3 Os participantes .....	61
4.4 Constituição do <i>corpus</i> .....	61
4.5 Procedimentos de coleta dos dados .....	63
4.6 Categorias de análise do <i>corpus</i> .....	64
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>67</b>
5.1 A organização textual nas produções dos alunos do 9º ano .....	67
5.2 Desvendando os textos .....	68
5.2.1 Análise das cartas argumentativas .....	69
5.2.2 Análise do gênero discursivo crônica.....	89
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>109</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>114</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>119</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A tradição dos estudos linguísticos tem sido permeada por discussões acaloradas em torno dos fenômenos da língua. A Linguística, campo fértil de múltiplos estudos e pesquisas, constitui-se uma esfera científica que abriga diferentes concepções acerca da natureza da linguagem, da qual derivam-se inúmeros conceitos e estratégias metodológicas. No âmbito dessas arquiteturas teóricas, os linguistas têm formulado, cada um sob sua ótica, conjuntos de princípios que buscam “dar conta” das manifestações da língua.

Com efeito, a língua tem se mostrado um objeto valioso, protagonizando uma fonte rica de novas descobertas e achados reveladores. Mas, por que estudá-la? De fato, compreender os mecanismos pelos quais se processa, como também, suas possíveis motivações, tem se revelado uma tarefa extremamente complexa e desafiadora. As tentativas dos estudiosos em torno de compreendê-la ilustram bem a vastidão de designações que a envolve. O empreendimento que essa tarefa impõe ao pesquisador da linguagem pode ser percebida sob numerosos ângulos, seja no nível sonoro, estrutural, morfológico, sintático, semântico, entre outros.

Na verdade, parece haver uma luta incansável a fim de se explicar cada entidade linguística. Pelo menos, o que observamos por meio das proposições teóricas, até então desenvolvidas, especialmente, desde o Curso de Linguística Geral (CLG) de Saussure, publicado em 1916, é o contraste entre uma percepção de língua enquanto sistema organizado e fechado em relação à noção de língua como entidade dinâmica e variável.

No âmbito desta pesquisa, comungamos da perspectiva denominada recentemente de Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), cuja ênfase teórica congrega os estatutos semânticos, pragmáticos e discursivos como elementos essenciais para a compreensão das expressões linguísticas empregadas nas variadas situações de uso. Desse modo, a análise dos fenômenos linguísticos, deve, necessariamente, estar atrelada ao uso desempenhado nas instâncias de interação comunicativa, visto que, a língua(gem), assim como salienta Tomasello (1998), compõe um complexo mosaico de atividades comunicativas, cognitivas e sociais.

Assim, no aglomerado de designações que lhes são atribuídas e por meio do qual os linguistas funcionais advogam o seu entendimento, a língua é concebida levando em consideração o fato de que, conforme salientam Furtado da Cunha; Bispo e Silva (2013):

- É um sistema de estrutura adaptativa e fluida;
- Sua estrutura surge à medida que está em uso;

- Sua análise, leva em consideração o contexto linguístico e a situação extralinguística;
- Discurso e gramática estão vinculados, no sentido em que interagem simultaneamente;
- A gramática é produto de propriedades cognitivas e comunicativas da língua;
- Trabalha-se com a interface entre uso e estrutura;
- Leva-se em consideração a emergência e a regularização de padrões linguísticos decorrentes da interação verbal.

Segundo essa visão teórica, a estrutura da língua está em constante modificação. Em razão disso, as situações e os contextos comunicativos assumem uma importância significativa nesse campo do conhecimento. Desse modo, os estudiosos vinculados a abordagem do uso linguístico entendem a dinamicidade da língua como sendo produto das motivações estabelecidas pelos fatores cognitivos e comunicativos, que a permeiam na efetivação das práticas discursivas desempenhadas pelos falantes no contexto social.

A Linguística Funcional trabalha com a noção da língua em uso e se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical da língua e os diferentes contextos comunicativos. Por isso, dedica especial atenção aos elementos externos (fala, os participantes, o propósito comunicativo, o contexto discursivo, a influência extralinguística no ato de fala, entre outros), defendendo a concepção de que a gramática é moldável.

Segundo afirma Neves (2011, p. 13), “a premissa central é que, numa visão da língua em uso, a avaliação deve ser tentada no domínio discursivo [...]”. É exatamente disso que se fala quando nos remetemos ao funcionalismo. Nessa base, a língua não pode ser considerada completamente independente de seus aspectos externos, pois a gramática se constitui em decorrência da atuação desses fatores. Assim, podemos mencionar o fato de estar incorporado a essa abordagem, a consideração das funções desempenhadas pela língua no ato comunicativo. Conceber o sistema linguístico dentro de tais pressupostos é, ao mesmo tempo, entender que a língua tem funções cognitivas e sociais, que, por sua vez, só se materializam na interação, através de contextos reais de comunicação.

Assim, pensar nas variadas manifestações da linguagem é considerá-la uma atividade fundamentalmente social, que se constrói através da interação entre os sujeitos, ou seja, é por meio dessa “ferramenta” comunicativa que interagimos com o outro, construímos nossa identidade pessoal, agimos e nos relacionamos. Este caráter interacional da linguagem pressupõe que somos constituídos pela linguagem e na linguagem. Por conseguinte, não há

como concebermos a linguagem desvinculada de um contexto, pois é a partir de uma situação de comunicação que os textos revelam sua real funcionalidade.

Refletindo sobre esses aspectos, pretendemos, nesta pesquisa, fazer uma análise reflexiva acerca da maneira como os alunos investigados utilizam a língua para articular os textos. Visando a isso, atentamos para as noções de plano discursivo, tendo como objetivo central analisar a organização textual com foco nas noções de figura e fundo nas produções escritas de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Para esse empreendimento, advêm outras pormenorizações norteadoras dos respectivos objetivos específicos:

- Investigar a articulação textual nos gêneros crônica e carta argumentativa, desempenhada pelos alunos no encadeamento das informações enunciadas nas produções escritas;
- Verificar o domínio discursivo nas dimensões de figura e fundo, com base na percepção e cognição;
- Examinar a influência dos aspectos discursivos, pragmáticos e semânticos que direcionam a organização textual nos gêneros crônica e carta argumentativa.

Sob essa ótica, acolhemos a ideia de que é no uso onde as instâncias linguísticas desempenham suas funções. Calçados na teoria funcionalista, interessa-nos compreender como se processam os procedimentos organizacionais feitos pelos falantes, a fim de uma articulação discursiva efetivada nas produções textuais constitutivas do *corpus* da referida investigação.

Dessa forma, ao nos remetermos à escrita, o processo de produção textual materializa uma atividade pela qual o indivíduo constrói discursos<sup>1</sup>, que por sua vez, são concretizados nos textos. Nesse sentido, o texto tem por finalidade comunicar, no entanto, é importante destacarmos que o texto não é meramente um aglomerado de palavras desconexas, mas requer uma determinada articulação nas informações. Isto é, no decorrer do processamento organizacional do pensamento humano, cada sujeito articula seu discurso com foco nas necessidades comunicativas concernentes ao seu interlocutor.

---

<sup>1</sup> O discurso para a Linguística Funcional Centrada no Uso é compreendido como a construção criativa e subjetiva de sentido(s) feita pelo falante para articular seu texto. Consiste em um conjunto de estratégias socialmente e pragmaticamente configuradas face a uma determinada situação comunicativa. Está relacionado, pois, como afirma Du Bois (2003) a qualquer instância de uso da linguagem em suas mais variadas manifestações, ou seja, se trate de qualquer ato produtivo e compreensivo de enunciados em um contexto de interação verbal.

Através desta sistematização, o indivíduo é capaz de apresentar a distinção entre os eixos centrais e periféricos com relação aos eventos veiculados no texto. A organização conceitual ligada ao processamento linguístico relacionado ao grau de transitividade da sentença revela a função discursiva em menor e/ou alta densidade, de modo a diferenciar nos planos discursivos a noção de figura e fundo.

Para Hopper & Thompson (1980), a saliência perceptual do discurso está relacionada ao grau de transitividade da sentença, para o qual associam a uma função discursivo-comunicativa. Assim, orações classificadas como altamente transitivas demarcam as porções de maior realce no texto (figura), já as orações categorizadas com o grau de transitividade menor, indicam as porções periféricas (fundo). Esses eventos são assim classificados, por meio da aplicação de dez parâmetros sintático-semânticos.

Segundo essa formulação, cada um desses parâmetros são independentes, mas atuam de maneira articulada contribuindo para a determinação das orações em uma escala de transitividade. De forma que, a transitividade passa a ser compreendida no nível da sentença, não se restringindo, pois, somente ao verbo. Isto é, as orações classificadas como mais transitivas se referem aquelas que apresentam um maior número de parâmetros marcados na escala da transitividade, por outro lado, as orações menos transitivas dizem respeito as que apresentam menor número de parâmetros, classificadas assim, com baixa transitividade.

Além dessas proposições, outros teóricos também discutem a forma como o discurso é sistematizado. Neves (1999), ao abordar a construção causal, afirma que o segmento referente à causa se caracteriza como uma *pressuposição*, ou melhor, assinala o fragmento recessivo do significado (fundo), já o segmento relativo à parte causada, compõe a oração dominante, em outros termos, diz respeito à figura.

Para isso, buscamos responder as inquietações que movem este estudo, motivando-nos a encontrar respostas para as seguintes questões: De que forma se dá a organização textual das produções escritas na constituição dos gêneros crônica e carta argumentativa? Como as informações principais e secundárias (figura e fundo) são, cognitivamente projetadas para a disposição do plano argumentativo? Quais as estratégias discursivas dos alunos investigados, a partir dos aspectos pragmáticos e semânticos, para a construção do texto?

A relevância dessa pesquisase configura, principalmente, pela tentativa de buscarmos uma melhor compreensão em torno dos fenômenos linguísticos, de modo especial, pela necessidade de compreendermos como se processa, no plano discursivo, a organização dos eventos propagados no texto de alunos concluintes do Ensino Fundamental II.



Tencionando isso, o foco no plano discursivo e nos conceitos figura e fundo são explicados, pelo fato de que, um trabalho alicerçado na Linguística Funcional Centrada no Uso, com vista a contemplar os aspectos relativos à escrita e à produção de textos, pode constituir uma relevante ferramenta para pesquisas vindouras. Bem como, fomentar contribuições que venham colaborar, de certa forma, com os estudos vinculados à produção e ao ensino do texto. Para tanto, consideramos que essa pesquisa se reveste de grande relevância social e acadêmica, já que, ao nos propormos analisar a articulação das informações veiculadas nos textos, vislumbramos, também, a possibilidade de reflexão no que compete à prática docente e a forma como o texto é trabalhado no espaço escolar.

Pensando nisso, é que pretendemos colaborar com as discussões em torno das questões que permeiam a língua, uma vez que não podemos desconsiderar que esta precisa ser melhor compreendida, analisada e pensada. Além disso, as análises as quais essa pesquisa tenciona poderão trazer direcionamentos aos trabalhos com os gêneros investigados, ou até mesmo com qualquer outro gênero discursivo. Ademais, a referida pesquisa se revela importante, também, no âmbito acadêmico, pois esperamos que as discussões ora efetivadas possam trazer uma gama de ideias e propostas que venham instigar novos estudos envolvendo essa temática, expandindo as pesquisas linguísticas e ocasionando sugestões que suscitem contribuições na prática pedagógica.

Dado que, a compreensão em torno do plano discursivo se configura como uma ferramenta significativa para ser trabalhada pelo professor em sala de aula. De modo a promover a discussão do texto em sua amplitude, no sentido de que os alunos possam refletir acerca do que se revela como central e/ou periférico no texto, levando-os ao entendimento do funcionamento e dinamicidade constitutiva dos textos.

Convém destacarmos que entre as pesquisas realizadas, encontramos alguns trabalhos que versam sobre a noção de figura e fundo. Contudo, não identificamos, em nenhum deles, pelo menos que seja do nosso conhecimento, um estudo que aborde figura e fundo nos gêneros carta argumentativa e crônica.

Entre os trabalhos desenvolvidos, Silveira (1990; 1997) se detém ao estudo do relevo discursivo levando em consideração diversos níveis de escolaridade, a saber: 3º, 5º, 7º e 9º anos do Ensino Fundamental e 2º ano do Ensino Médio. A autora realiza uma investigação comparativa desses níveis de escolaridade buscando identificar se essas variáveis implicam na incidência de Figura e Fundo utilizadas pelos falantes em seu discurso. Além do mais, a pesquisadora também leva em conta o gênero investigado, tomando como base textos orais como também escritos.

Chedier (2007) se propôs a pesquisar alunos com queixas de aprendizagem. Para isso, ela efetivou um estudo com doze crianças de uma escola pública, destes, seis apresentavam queixas de aprendizagem e os outros seis não. O intuito desse estudo foi, a partir do relato de narrativas feitas pelos participantes, averiguar como as crianças com queixas de aprendizagem processavam as informações. Como resultado, constatou-se que essas crianças, em seus relatos, deram maior ênfase às informações de figura. Isto implica dizer que o plano figura é mais, facilmente, processado. Por outro lado, as crianças sem queixas de aprendizagem, conseguiram recuperar o máximo de informações da narrativa, sem perdas significativas no plano de fundo.

Gomes (2012) estudou em relatos orais e escritos de estudantes pertencentes ao 2º ano do Ensino Fundamental a ocorrência dos planos discursivos em figura e fundo. Propondo-se, também, a uma investigação comparativa entre essas duas modalidades. A autora pôde constatar com a pesquisa que o resgate do plano discursivo enfatizado nos relatos revelaram-se bastante equivalentes.

Conceição (2010) buscou estudar de que forma se dá a recuperação dos planos discursivos nas sentenças de figura e fundo, por alunos oriundos do 5º, 7º e 9º anos do Ensino Fundamental e 2º ano do Ensino Médio. A pesquisa foi efetivada em uma escola localizada em Petrópolis, no Rio de Janeiro e teve por intuito identificar se o nível de escolaridade e o gosto pela leitura exerciam influência sobre o resgate dessas orações. Os resultados indicaram que tanto a escolaridade como o prazer pela leitura, neste caso, interferiram na recuperação das orações.

Face ao exposto, este trabalho, além de se inserir como parte desses estudos, haja vista que estamos lidando com fatos relacionados à língua, integra-se a um conjunto de outras pesquisas desenvolvidas ou em andamento. No entanto, a pesquisa efetivada não se classifica como uma mera extensão das investigações acerca de plano discursivo em figura e fundo, mas, se lança a uma nova dimensão contemplativa, visto que buscamos analisá-las em textos argumentativos, extrapolando, como propõe Martelotta (1998) o domínio da narrativa. Assim, para realização desta pesquisa de caráter qualitativo e cunho descritivo-interpretativo, constituímos um *corpus* composto por vinte textos, os quais foram coletados em uma escola pública estadual localizada no município de Marcelino Vieira- RN.

Considerando as contribuições teóricas acerca da temática a qual nos propomos e partindo das considerações delineadas por esses estudos, fundamentamos a nossa pesquisa conforme as formulações de Givón (2001; 2011); Hopper & Thompson (1980; 1987), Du Bois (1985); Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003); Martelotta (1996; 1998; 2003; 2008;

2011); Neves (1997; 1999; 2006; 2011), entre outros estudiosos. Como o nosso *corpus* é composto por textos do gênero crônica e carta argumentativa, achamos pertinente discorreremos acerca dos aspectos permeadores das noções de gênero, sobretudo a teoria do gênero discursivo, cujo teórico basilar é Bakhtin (1995; 2000; 2003; 2005), além do mais, para tecermos essas discussões também nos servimos de outros teóricos, tais como Brait (1997).

Desse modo, a fim de esclarecermos a utilidade de cada um desses estudiosos, discorreremos de maneira sintética as teorias de alguns desses pesquisadores utilizados para subsidiar a nossa pesquisa. Servimo-nos das designações de Hopper e Thompson (1980), que estabelecem a articulação das orações por meio de uma escala de transitividade, compreendendo-a como uma propriedade da oração em sua completude. Tais discussões nos foram úteis, em razão das conceitualizações teóricas apresentadas em torno de planos discursivos, para quem relacionam a transitividade a uma funcionalidade discursivo-comunicativa.

Ainda com relação ao plano discursivo, contamos com os estudos de Givón (2001; 2011), para isso, elencamos suas considerações acerca do que denomina de *marcação*(subtópico 2.2.1). Como o nosso trabalho trata do grau de saliência perceptual nas sentenças, encontramos no estudioso apontamentos importantes para a compreensão do relevo discursivo. Para ele, a distinção entre figura e fundo está diretamente relacionada a categorias marcadas e não-marcadas, estas são estabelecidas binariamente em um contraste gramatical por meio de três critérios: complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva.

Sobre os gêneros, adotamos a nomenclatura gêneros discursivos estabelecida nos estudos Bakhtinianos (1995; 2000; 2003; 2005). Consideramos as designações que ele traz sobre os gêneros enquanto prática discursiva, bem como as dimensões conceituais em torno do caráter dialógico da linguagem. Ressaltamos para o nosso estudo a perspectiva linguístico-dicursiva abordada pelo estudioso, que vê a língua como um ato social, histórico e ideológico que se processa nas relações interativas.

Com relação às noções de linguagem, texto e plano discursivo destacamos trabalhos de Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2003) e suas discussões sobre a Linguística Funcional Centrada no Uso. Nas pesquisas de Neves (1997; 1999; 2006; 2011) contamos com as grandiosas contribuições acerca dos conceitos funcionalistas sobre a linguagem, bem como em torno da compreensão dos papéis que esta exerce na vida dos indivíduos, nos ajudaram também suas definições acerca da gramática funcional e suas designações. Em referência a

esses aspectos contamos também com as contribuições de Martelotta (1996; 1998; 2003; 2008; 2011), que concebe a gramática como instável e inacabada.

Feitas essas considerações, este trabalho está organizado da seguinte forma: primeiramente, na introdução, tecemos alguns comentários em torno da pesquisa, apresentando um panorama geral sobre o estudo, no qual expomos os objetivos e justificamos sua relevância temática.

No segundo capítulo, intitulado *Linguística Funcional Centrada no Uso: contextualização teórica*, apresentamos a delimitação dos postulados teóricos a respeito do funcionalismo linguístico, enfatizando a vertente Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). O referido capítulo está articulado em três subtópicos, nos quais sob uma ótica geral, abordamos discussões pertinentes em torno dessa perspectiva teórica e que, necessariamente, constituem conceitos relevantes para a compreensão do estudo ora efetivado, são eles: A gênese da Linguística Funcional Centrada no Uso; As noções de plano discursivo na comunicação e Considerações sobre figura e fundo.

No terceiro capítulo, lançamos o nosso olhar para a *Produção textuale osgêneros discursivos*, assim nomeado. Nessa sessão, trazemos uma discussão sobre a teoria dos gêneros conforme as contribuições de Bakhtin e outros teóricos que subsidiam os apontamentos realizados sobre a produção de textos. A sua composição está dividida em duas subseções, denominadas: Os gêneros discursivos sob a ótica Bakhtiniana, em seguida, Aspectos gerais sobre o gênero crônica e caracterizando o gênero carta argumentativa.

No quarto capítulo, traçamos os delineamentos arquitetados para o trajeto percorrido. Nesse espaço, o qual denominamos *Procedimentos metodológicos da pesquisa*, explicamos a caracterização da pesquisa, os critérios utilizados para montagem, análise e discussão das amostras constitutivas do *corpus*. Esse capítulo se apresenta distribuído em seis subtópicos: A natureza da pesquisa; Caracterização do campo da pesquisa; Os participantes; Constituição do *corpus*; Procedimentos de coleta dos dados e Categorias de análise do *corpus*.

No quinto capítulo, focalizamos a análise dos dados. Nele, por meio das amostras que o compõem, exploramos o plano discursivo com ênfase nas premissas funcionalistas categorizadas de figura e fundo. Refere-se, portanto, ao momento em que nos debruçamos sobre os dados, fazendo uma interpretação que se funde nos postulados teóricos como também através de uma visão empírica, visto que, classificar figura e fundo, subjaz, necessariamente, um posicionamento do leitor em relação ao texto e isso perpassa a sua visão de mundo quanto ao que venha considerar central e/ou periférico nas informações nele enunciadas.

Por fim, expomos nas considerações finais, os achados da pesquisa. Deixamos claro que, como o próprio nome sugere, são apenas considerações, haja vista a possibilidade de muito a ser investigado, pois é diversa a viabilidade de ampliação deste estudo, como também de congregação para que novos surjam. Assim como a dinamicidade da língua, há sempre a probabilidade de algo ser (re)construído.

## **2 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO: CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA**

Neste capítulo, com base no campo teórico presente na literatura da área, apresentamos alguns apontamentos e discussões acerca da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Consideramos que as contribuições teóricas dessa perspectiva de estudo apontam para a motivação de uma concepção linguística que congrega uma forma de contemplar a linguagem, a partir de uma compreensão de língua baseada no uso. Assim entendida, esta passa a ser uma estrutura maleável, moldável aos diferentes contextos comunicativos. Em face dessa maneira de conceber a linguagem, os tópicos que se seguem tratam de uma contextualização dos pontos relevantes que abrangem a temática, de forma que possam respaldar o desenvolvimento deste estudo. Desse modo, elencamos, inicialmente, algumas considerações históricas sobre a gênese da Linguística Funcional Centrada no Uso, seu desenvolvimento, seus conceitos mais básicos e gerais, assim como os aspectos que caracterizam esse ramo do conhecimento. Enfim, no capítulo que se segue tratamos de um conjunto de reflexões com base em estudiosos que debatem o assunto, e que, portanto, buscam não perder de vista suas contribuições no que há de científico nos estudos elaborados na área linguística.

### **2.1 A gênese da Linguística Funcional Centrada no Uso**

No decorrer dos anos, temos constatado nos estudos linguísticos, as inúmeras investidas teóricas que se esforçam para esclarecer as línguas naturais. As formulações em torno das diversas tentativas que buscam desvendar as questões linguísticas têm representado, entre os estudiosos, embates acirrados e motivado várias pesquisas linguísticas.

As investigações linguísticas de caráter essencialmente histórico-comparativa realizadas no século XIX compõem um legado relevante e influente para as formulações teóricas posteriores. Nesse campo propenso a incontáveis discussões, destaca-se no século XIX, Ferdinand Saussure, um dos grandes nomes nos estudos linguísticos. Ele demarca o rompimento da concepção de língua enquanto produto da história e lança uma nova roupagem aos estudos, ou seja, instaura a noção de autonomia da linguagem, o que subjaz a noção de sistema. Assim compreendida, predomina a concepção de faculdade autônoma, em outras palavras, a língua por ela mesma.

Com o aparecimento do *Cours de linguistique générale* de Saussure, no ano de 1916, surgem três aspectos básicos que passam a constituir o cerne do desenvolvimento evolutivo das pesquisas lingüísticas efetivadas no século XX: sistema, estrutura e função (MARTELOTTA; AREAS, 2003). A noção de língua enquanto sistema suscita, conseqüentemente, a ideia de um conjunto de elementos que se ordenam em um todo articulado, o que remete a noção de estrutura.

No século XX, com o advento do Estruturalismo, os estudos lingüísticos recebem novos direcionamentos. Dessa vez, a língua passa a ser vista como um sistema no qual desempenha relações de interdependência. Admite-se, desse modo, um estudo de caráter descritivo-sincrônico do sistema lingüístico, uma vez que o comparativismo gramatical, cujo foco estava em analisar o processo histórico-diacrônico da língua, é deixado de lado.

Como afirma Martellota e Areas (2003, p. 18), “a análise lingüística estava, então, restrita à rede de dependências internas em que se estruturam os elementos da língua”. Na ótica estruturalista, os estudos não se detinham à faculdade da linguagem. Por assim dizer, no berço estruturalista, nascem inúmeros enfoques, o que poderíamos falar em estruturalismos, no plural.

No percurso das múltiplas mudanças ocorridas ao longo dos tempos, a história dos estudos da linguagem e os desdobramentos ocorridos no século XX marcam o avanço da lingüística. Tais estudos, por vezes, aconchegam-se das postulações delineadas por Saussure, por vezes, distanciam-se, suscitando controvérsias na teoria. Entretanto, não podemos negar as investigações teóricas existentes antes das formulações saussurianas, como é o caso dos estudos filosóficos ou retóricos, que também pretendiam contemplar os inúmeros dilemas associados à linguagem.

Percebemos com isso, que o campo teórico que se arquiteta, historicamente, a fim de elucidar uma explicação contundente as línguas naturais é alvo de constantes teorias, cada uma com seu olhar particular, diferenciado. No entanto, nenhuma consegue apreciar, de forma absoluta a completude do fenômeno lingüístico, fato naturalmente considerável na trajetória das investigações científicas. Haja vista que o propósito não é, necessariamente, sanar os problemas e/ou indefinições lingüísticas, mas tentar explicá-los.

Nesse sentido, somente com a consolidação da Linguística como ciência, motivada por Saussure, é que se atribui a esse objeto de investigação direcionamentos concretos, observáveis, constituindo assim, interesse em numerosos estudos, que em diversos casos, considera em suas perspectivas o parâmetro comunicativo. Contudo, mesmo diante desse estabelecimento, a Linguística ainda constitui um campo cujo terreno é protagonista de

incontáveis confrontos teóricos, principalmente no que diz respeito a *langue*, seu objeto de investigação.

Com relação a isso, podemos afirmar que há uma definição “insuficiente” quanto ao que seja língua. Se por um lado, esta é tida, assim como nos postulados de Saussure, como um sistema de signos no qual se delimita uma correlação entre significante e significado por meio de um código finito existente, por outro lado, esse mesmo sistema, supostamente fechado, sugere múltiplas possibilidades.

É comum, portanto, em qualquer formulação científica tomar como base premissas antecedentes, para que assim novos conhecimentos sejam (re)criados, inseridos, reformulados, propagados e/ou contemplados. Frente a esse fato, seria inconseqüência conferirmos a determinados teóricos um cunho de ineditismo. Porém, reconhecemos a grandiosa contribuição dos estudos realizados na tentativa de compreender o fenômeno linguístico. Para tanto, como nosso intuito é investiga-lo considerando os parâmetros sociais, cognitivos e comunicativos, optamos pela perspectiva teórica classificada como Linguística Funcional Centrada no Uso.

O funcionalismo, em contraposição ao estruturalismo e ao gerativismo, é um ramo da linguística que se interessa em investigar a língua em interface com as diversas situações comunicativas materializadas a partir do uso. Para Martellota (2003, p. 60, grifos do autor), “o que importa saber [...] é a natureza dessas características e peculiaridades pancrônicas, que não se enquadram na oposição *sincronia x diacronia* do modelo estruturalista”. A abordagem funcionalista não dissocia o sistema do uso, se contrariando, portanto, dos binômios propostos pelos modelos estruturalista e gerativista, respectivamente, língua/fala e competência/desempenho. Assim, o funcionalismo se diferencia das correntes formalistas por dois quesitos:

[...] primeiro por conceber a linguagem como um instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p.29).

Desta maneira, a premissa central é que o foco da investigação linguística extrapola a estruturação gramatical, isto é, os funcionalistas compreendem a linguagem como uma ferramenta de interação social. Para Furtado da Cunha, et. al. (2003, p. 29) “a abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua



analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso”. Assim, o que passa a reger a estrutura, nessa abordagem, é a circunstância comunicativa. Martelotta (2008, p. 157) declara:

O funcionalismo é uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. Assim, a abordagem funcionalista apresenta não apenas propostas teóricas distintas acerca da natureza geral da linguagem, mas diferentes concepções no que diz respeito aos objetivos da análise linguística, aos métodos nela utilizados e ao tipo dos dados utilizados como evidência empírica.

Por isso, os funcionalistas buscam nas determinações das relações interacionais da língua (os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo), analisar as relações que se fundem entre linguagem e sociedade, procurando nas situações comunicativas as funções a que esta serve. Para Castilho (2012, p. 21):

O funcionalismo não é uma abordagem monolítica; ao contrário, ele reúne um conjunto de subteorias que coincidem na postulação de que a língua tem funções cognitivas e sociais que desempenham um papel central na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua. Essas estruturas não são fechadas, pois representam as continuadas gramaticalizações das necessidades sociais de expressão e de intercomunicação. A pesquisa funcionalista, portanto, concentra-se no esclarecimento das relações entre forma e função, especificamente aquelas funções que parecem exercer influência na estrutura gramatical.

Desse modo, as primeiras propostas do funcionalismo se iniciam, historicamente, com as análises empreendidas na Escola Linguística de Praga, a qual deriva a utilização das terminologias função/funcional. Nesses estudos, a língua, é entendida não apenas como entidade sintática, mas como um sistema funcional que unifica os componentes semânticos, pragmáticos e discursivos. Sob essa ótica, função está relacionada ao “papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos” (NEVES, 1997, p. 08). Conforme destaca Neves (2006, p. 17) o funcionalismo:

É uma teoria que se liga, acima de tudo, aos fins a que servem as unidades linguísticas, o que é o mesmo que dizer que o Funcionalismo se ocupa, exatamente, das funções dos meios linguísticos de expressão. (...) E liga-se à Escola Linguística de Praga, ainda por assentar uma consideração dinâmica da linguagem, pela qual as relações entre estrutura e função são vistas como estáveis, dada a força dinâmica que está por detrás do constante desenvolvimento da linguagem.

Dentro das vertentes do funcionalismo enfatizamos a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), recentemente denominada. Seus pressupostos propõem analisar as regularidades da língua conforme as estratégias discursivas em que se verifica o uso, ou seja, os seus propósitos comunicativos. Diante disso, a preocupação é a descrição da linguagem como parâmetro pragmático correspondente a interação verbal.

Tomamos a abordagem como premissa para analisarmos a consideração de que os elementos linguísticos são usados pelo locutor/falante para evocar no interlocutor/ouvinte um determinado propósito, isto é, o que está por trás da interação verbal (as intenções dentro de um contexto de interação determinado socioculturalmente) por via dos usuários da língua passa a ser primordial na compreensão de sua natureza.

A luz dos conceitos da Linguística Funcional Centrada no Uso prioriza, especialmente, a língua enquanto sistema de comunicação, interessando-se pelos seus usos e funções. A esse respeito, podemos invocar as indicações postuladas pela abordagem funcional que fixa a noção de função, para referenciar o papel que a linguagem executa na vida dos sujeitos, ou seja, termo designado não para fazer alusão ao papel desempenhado pela linguagem dentro da estrutura das partes maiores, mas para se referir ao papel que a linguagem presta a serviço dos diversos tipos universais de demanda.

Na tradição desse modo de ver a linguagem, os funcionalistas da Escola de Praga fundada em 1926, assentaram considerações sobre o dinamismo dos componentes linguísticos, evidenciando a multifuncionalidade da linguagem. Bem como, os estudos das diferentes análises fonéticas e fonológicas dos sons, dos fonemas em traços distintivos, além dos princípios análogos de binário e marcação da morfologia, distinguindo as categorias tidas como marcadas das não marcadas, assim como considerando as disparidades binárias, a saber, interna/externa, intelectual/emocional, prática/teórica, dentre outras.

Em meados dos anos 1970, a teoria funcionalista passa a ganhar um demasiado impulso, tendo como grande percussor Dwight Bolinger. Contudo, somente cinco anos depois, mais precisamente em 1975, é que se instituem as análises linguísticas funcionalistas pontualmente ditas.

A Linguística Funcional Centrada no Uso busca, então, a descrição e explicação dos fatos linguísticos conforme as funções moldadas pelas práticas discursivas dos participantes no contexto social, ou seja, com base nas funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas. Nessa perspectiva, Castilho (2012, p. 23) salienta que:

Deixando de lado a teoria da autonomia das estruturas, o funcionalismo sustenta que elas podem ser descritas e interpretadas a partir das seguintes propriedades: (1) as estruturas são flexíveis e permeáveis às pressões do uso, combinando-se a estabilidade dos padrões morfossintáticos cristalizados com as estruturas emergentes, ainda não cristalizadas; (2) as estruturas não são totalmente arbitrárias; (3) as estruturas são dinâmicas e sujeitas a reelaborações constantes, através do processo de gramaticalização.

Tomada em tão largo aspecto, a noção de estrutura passa a ser moldada a partir do uso da língua. Ao incorporar os elementos pragmáticos na compreensão de língua, esta passa a ser pensada à luz da funcionalidade do item linguístico. Com base nisso, Nascimento (1990) destaca que o linguista deve atentar para uma descrição exterior da língua, primando, pois, para os elementos que a compõem.

A Linguística Funcional Centrada no Uso reconhece que a língua é instável e inacabada. Por isso, sua mera descrição estrutural se torna insatisfatória, visto que a tendo como elemento primariamente social, tal descrição deve referenciar a situação comunicativa geradora dos enunciados, tais como: o falante, o ouvinte e o contexto em que se realizam. Segundo Ferreira (2003, p. 86):

A perspectiva pancrônica do estudo dos fatos linguísticos, ao permitir a comparação entre várias sincronias da língua, dá maior visibilidade aos aspectos relacionados à continuidade e à estabilidade, e, conseqüentemente, os resultados das pesquisas confrontam-nos com um novo elenco de questionamentos.

O princípio pancrônico<sup>2</sup> na investigação dos fenômenos linguísticos ajuda na compreensão dos fatos em que os sentidos, parecem emergir e submergir, além do mais, possibilita o entendimento das inferências de ordem pragmaticamente impulsionadas. Isso sugere uma percepção de língua heterogênea, não estática, o que implica em uma noção de gramática fundamentada a partir de sua instrumentalidade com os contextos de uso. Assim, a gramática de uma língua está em permanente emergência (HOPPER, 1980), isto é, se constrói rotineiramente, sendo que mudança e variação estão sempre presentes. Segundo Neves (1997, p. 15):

---

<sup>2</sup> A concepção pancrônica de mudança legitimada pela LFCU se refere a relação de interdependência entre o sistema linguístico e o uso. Isto é, os fatores que geram a mudança não estão associados apenas aos elementos como o tempo e a história, mas aos aspectos de natureza cognitiva e comunicativa que agem sobre o indivíduo no momento concreto da comunicação.

Por gramática funcional entende-se, em geral, uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social. Trata-se de uma teoria que assenta as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridades sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso.

Levamos em conta a relação entre discurso e gramática, no sentido em que, nas situações reais de uso da língua, um não pode ser concebido desvinculado do outro. Para Castilho (1994, p. 85), “a gramática funcional postula a língua como uma atividade social e a gramática, como um processamento das categorias discursivas e semânticas, de que resultam as estruturas sintáticas”.

Desse modo, tendo como premissa o uso real da língua, os funcionalistas compreendem que os complexos de atividades comunicativas determinam nossas enunciações. Sob essa ótica, a(s) língua(s) é (são) motivada(s) pelo contexto discursivo. Assim, a gramática é investigada como produto da interação exercida pelos usuários (VIDAL, 2009).

De acordo com as designações de Givón (2001), a gramática está propensa às determinações do discurso. Em sua obra *Functionalism and Grammar*, ele pleiteia a proposição de uma análise do sintagma verbal, a ordenação de cláusulas multiverbais, além da composição das relações gramaticais, focalizando sua prototipicidade<sup>3</sup> e graus de interação.

Dessa maneira, a relação entre discurso e gramática se torna evidente, também, no Brasil, advogando a defesa de que os elementos de natureza pragmática e discursiva são encarregados pela escolha e articulação dos aspectos que a gramática realiza. Como afirma Martelotta e Alonso (2012, p. 97):

Nesse sentido, a gramática não é vista como um conjunto de regras fixas, independentes do conteúdo que elas veiculam ou dos sentimentos e valores envolvidos na interação entre os usuários da língua. A Sintaxe, ao contrário, está a serviço do discurso, compreendido como o uso real de língua em situações específicas de comunicação ou, em outras palavras, a gramática é vista como um conjunto de princípios de adaptação contextual.

A Linguística Funcional Centrada no Uso concebe que existe uma relação mútua entre ambos, admitindo que a gramática, aqui entendida como “um conjunto de esquemas/processos

---

<sup>3</sup> A prototipicidade permite pensar as categorias linguísticas como sendo flexíveis e dinâmicas, no que compete as suas funções semânticas e sintáticas. Ou seja, na teoria dos protótipos as estruturas não são homogêneas e o significado depende do contexto, na qual prevalece a noção de *continuum*.

simbólicos utilizado na produção e organização de discurso coerente” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 20), por sua vez, somente é construída através do discurso. Du Bois (1985) enfatiza que “a gramática é feita a imagem do discurso”. A partir disso, surge na língua novas atribuições, funcionalidades, valores e usos para as formas que já existem, em um ciclo em que um depende do outro. Furtado da Cunha e Oliveira (2003, p. 47) afirmam que:

Para o funcionalismo, todas as orações de um texto têm uma dupla função: semântica e pragmática. O que se comunica em cada porção não é só o conteúdo semântico da língua, mas também a natureza e o propósito do ato de fala visto como fenômeno cultural e cognitivo. O conteúdo semântico proposicional de uma oração pode permanecer estável, ao passo que sua função discursiva e pragmática pode se modificar.

Sob esta ótica, o conceito de regularidade para a Linguística Funcional Centrada no Uso é o que está no discurso. Pois a gramática de uma língua é susceptível às influências externas, podendo, portanto, ser afetada pelo uso linguístico. Para Martellota et al. (1996, p. 11), “a gramática de uma língua natural nunca é estática e acabada [...]”. Nessa perspectiva, as expressões linguísticas não são consideradas objetos isolados, mas projetadas para a comunicação, dependendo, pois, do cumprimento das funções linguísticas configuradas na interação.

Conforme Pezatti (2009), a noção de linguagem como instrumento comunicativo em consonância com o uso real na visão funcionalista, é o que mais evidencia essa abordagem. Desse modo, temos um sistema linguístico maleável e passível a inúmeras adaptações. Nas palavras de Neves (1997, p. 110), “por constituir uma estrutura cognitiva é que a gramática é sensível às pressões de uso”.

Isso nos leva a mais um ponto importante de nossa argumentação. Tendo em conta o aspecto emergente da gramática (HOPPER, 1980), a Linguística Funcional Centrada no Uso utiliza como referência o estudo das funções dos meios linguísticos de expressão, assim se tem uma trajetória tão antiga quanto o padrão formal dos modelos de análise linguística.

Os estudos funcionalistas contemporâneos resgatam as percepções linguísticas que precedem os trabalhos de Saussure, no qual no final do século XIX estudiosos como Whitney, Von der Gabelentz e Herman Paul, precursores da escola neogramática, já refletiam em seus trabalhos os aspectos sincrônicos e diacrônicos cogitando em suas descrições linguísticas as dimensões psicológicas, cognitivas e funcionais.

Portanto, tais concepções se complementam e contribuem para a compreensão dos estudos linguísticos enquanto assunções básicas para o entendimento das questões referentes ao funcionalismo. Neste estudo, enfatizamos como premissa as considerações da Linguística Funcional Centrada no Uso, que têm como precursor o linguista Bolinger, grande responsável por alavancar essa abordagem, sob a influência dos seus trabalhos de análise com a pragmática da ordenação das palavras nas cláusulas e com fenômenos particulares. Além deste, também podemos citar como principais representantes Givón, Hopper, Thompson, Chafe, dentre outros, que estudam a língua com relação ao uso, levando em consideração a esfera do contexto linguístico, bem como, as dimensões cognitivas e extralinguísticas.

A Linguística Funcional Centrada no Uso propôs as Ciências da Linguagem lançar uma nova visão sobre a língua, tida como pronta e acabada. Suscitando outros direcionamentos ao seu tratamento, passando a ser vista conforme seu uso e as necessidades dos seus usuários. Para Martelotta (2008, p. 158):

Na análise de cunho funcionalista, os enunciados e os textos são relacionados às funções que eles desempenham na comunicação interpessoal. Ou seja, o funcionalismo procura essencialmente trabalhar com dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases inventadas, dissociadas de sua função no ato da comunicação. É a universalidade dos usos a que a linguagem serve nas sociedades humanas que explica a existência dos universais linguísticos [...].

A LFCU abriga alguns temas de extrema importância para o estudo linguístico, evidentemente, não temos a pretensão de dar conta de forma rigorosa e absoluta dos pontos abordados, mas apresentar uma amostra representativa dos mais relevantes para a proposta deste trabalho. A seguir, apresentamos as noções de plano discursivo, figura e fundo centro de nossa investigação.

## 2.2 As noções de plano discursivo na comunicação

A Linguística Funcional Centrada no Uso se caracteriza, principalmente, por conceber a língua como instrumento comunicativo. Evidencia-se, pois, em suas investigações linguísticas uma análise que ultrapassa a mera estrutura gramatical, na qual a sintaxe, a semântica e a pragmática são elementos interdependentes e estão diretamente associados. Nesse sentido, o que se busca compreender são as regularidades observadas no uso linguístico,

a fim de aferir as circunstâncias discursivas em que se realiza o ato comunicativo. Nas palavras de Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2003, p.29):

Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso. Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema. A necessidade de investigar a sintaxe nos termos da semântica e da pragmática é comum a todas as abordagens funcionalistas atuais.

Com isso, observamos a existência de mecanismos recorrentes, em que a estrutura gramatical é moldada pelo uso interativo que se realiza por meio da língua nas mais diversas instâncias de comunicação humana. A visão funcionalista da linguagem considera que os aspectos de natureza pragmático-discursivos são encarregados tanto pela regularização gramatical, como pela escolha e articulação dos elementos que a gramática motiva.

Desse modo admitimos que o processo comunicativo é, de certa forma, articulado. Isto quer dizer que, os critérios utilizados pelo falante na estruturação do texto, refletem não somente seus objetivos e finalidades discursivas, como também, as necessidades de seu(s)interlocutor(es), fatores preponderantes na organização do texto (FURTADO DA CUNHA, 2013).

Assim, para que o processo comunicativo atenda de maneira satisfatória as exigências do interlocutor, é necessário que o emissor ordene suas ideias a fim de orientar o receptor com relação ao relevo discursivo dos enunciados que compõem o seu discurso. A esse respeito, Hopper e Thompson (1980) enfatizam a existência de uma correlação evidentemente acentuada do relevo discurso no tocante ao grau de transitividade da cláusula que, por sua vez, está relacionado a uma função discursivo-comunicativa.

Na designação, proposta por Hopper e Thompson (1980), a compreensão de transitividade está associada a uma percepção de continuidade e escala. Como tal, defendem a ideia de que a transitividade abrange a totalidade da oração, não se restringindo, pois, somente a uma propriedade dos verbos, como propõe a gramática tradicional. A transitividade é, como enfatiza Furtado da Cunha (2013, p. 171), “uma propriedade escalar que focaliza diferentes ângulos da transferência da ação de um agente para um paciente em diferentes porções da oração”. Com efeito, a categorização de uma sentença não está limitada, apenas, a transitiva ou não transitiva, mas revela graus distintos de transitividade.

Hopper e Thompson (1980) selecionam dez parâmetros sintático-semânticos independentes, mas que atuam de maneira organizada definindo o grau de transitividade da oração. Como salienta Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2003, p. 38):

A universalidade do complexo de transitividade parece residir no fato de que os parâmetros que o compõem estão relacionados ao evento causal prototípico, que é definido como um evento em que um agente animado intencionalmente causa uma mudança física e perceptível de estado ou locução em um objeto.

Esses parâmetros são classificados como: participantes, cinese, aspecto do verbo, pontualidade do verbo, intencionalidade do sujeito, polaridade da oração, modalidade da oração, agentividade do sujeito, afetamento do objeto e individuação do objeto, os quais não vamos nos deter, tendo em vista que a menção, ora efetivada, recaiu apenas com o intuito de esclarecer ao leitor de quais parâmetros se tratam.

A título de melhor esclarecimento acerca dessa proposição, fazemos um recorte de um exemplo exposto em Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003, p. 37) que analisam quatro sentenças derivadas da narrativa recontada versada sobre o filme *Batman*:

#### EXEMPLO (01)

- Batman derrubou o Pinguim com um saco.
- A mulher gato não gostava do Batman.
- Esse rio tem uma forte correnteza.
- Então o Pinguim chegou na festa.

**Fonte:** Furtado da Cunha; Costa; Cezario (2003, p. 37).

Nas exemplificações acima, se olharmos sob o viés da gramática tradicional, consideramos que as três primeiras orações, por terem como complemento do verbo um objeto, são consideradas transitivas. Entretanto, se tomarmos como viés investigativo as formulações funcionalistas de Hopper e Thompson, temos que a oração mais alta em termos de ocupação de lugar na escala de transitividade se trata da primeira sentença, uma vez que, esta, apresenta todos os dez traços constitutivos da escala de transitividade.

No segundo lugar ficaria a quarta sentença, pois contém sete traços dos parâmetros da transitividade proposto por Hopper e Thompson (1980), no entanto a gramática tradicional a considera intransitiva. No que diz respeito à segunda e à terceira sentença, estas, seriam as



que apresentam menor grau de transitividade, em virtude de conterem somente quatro e três traços, respectivamente.

Vale ressaltarmos que, como a transitividade oracional está associada ao modo como o falante ordena seu discurso, assim é pertinente destacar conforme afirmam Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2003, p. 39), que “os parâmetros da transitividade assinalam elementos salientes no discurso”. Diante disso, subjaz a noção de que os aspectos determinadores da transitividade em função de cogitarem proeminentemente eventos cognitivamente expressivos marcam características importantes no discurso.

Deduzimos, com isso, o fato de que o grau de transitividade de uma sentença alude sua função discursiva. Assim sendo, “os componentes da transitividade mantêm relação de co-ocorrência por desempenharem funções discursivas comuns, que são as de assinalar as partes centrais e periféricas de um dado texto”(FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007, p. 31). A caracterização de transitividade enquanto universal linguístico deve ser ligada à funcionalidade expressa no enunciado como função discursivo-comunicativa.

Dessa maneira, ao entendermos o texto como materialidade resultante dos processos do(s) uso(s) que se faz da língua nos espaços socialmente, historicamente e culturalmente marcados, revelamos que a maleabilidade da língua conduz, essencialmente, a pensá-lo como objeto dinâmico, cuja estrutura depende das pressões oriundas das diversas situações comunicativas. Hopper e Thompson (1980) classificam, pois, a partir da alta ou baixa transitividade o que se denomina no plano discursivo de figura e fundo. Segundo Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2003, p. 39):

O grau de transitividade de uma oração reflete sua função discursiva característica, de modo que orações com alta transitividade assinalam porções centrais do texto, correspondentes à figura, enquanto porções com baixa transitividade marcam as porções periféricas, correspondentes ao fundo. Há, portanto uma correlação forte entre a marcação gramatical dos parâmetros da transitividade e a distinção entre figura e fundo.

Conforme afirmado, o texto contém diferentes planos discursivos, estes responsáveis pela ordenação do texto, no sentido de distinguir as informações centrais das secundárias, considerando que a alta transitividade está associada às ideias centrais do texto e a baixa transitividade vinculada às informações periféricas, definidas, respectivamente no plano discurso, como figura e fundo. Assunto abordado no tópico a seguir.

### 2.2.1 Considerações sobre figura e fundo

Como já mencionamos, anteriormente, a Linguística Funcional Centrada no Uso se configura por uma concepção dinâmica do funcionamento das línguas. Nesse sentido, a noção de plano teria sido utilizada, inicialmente, em estudos de narrativas, que tinham como propósito verificar a oposição entre as sequências móveis, isto é, figura, e as estáticas, o fundo. A exemplo disso, Hopper (1980) comprova a relação entre essas categorias distinguindo os eventos dinâmicos (o foco narrativo) do enredo (estruturas secundárias). Um dos aspectos mais pertinentes nesse trabalho é a relação de oposição entre os conceitos de perfectividade (que diz respeito à figura) e imperfectividade (caracterizada no pano de fundo).

Na Linguística Funcional Centrada no Uso, cujos principais representantes são: Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson e Wallace Chafe, a transitividade pode ser entendida mediante uma noção de continuidade da oração. Diferentemente da gramática tradicional, que relaciona a transitividade a uma propriedade dos verbos, a transitividade, proposta por Hopper e Thompson (1980), diz respeito a uma função pragmática.

Ou seja, a maneira como os sujeitos articulam seu discurso equivalem a determinações que abrangem seus objetivos comunicativos, como também, as necessidades de seu interlocutor. A finalidade desses estudiosos é demonstrar que os parâmetros delineadores da transitividade são discursivamente determinados.

Nas formulações de Furtado da Cunha e Souza (2007, p. 29-30), “[...] a manifestação discursiva de um verbo potencialmente transitivo depende de fatores pragmáticos, como a perspectiva a partir da qual o falante interpreta e comunica o evento narrado”. Assim, nos estudos funcionalistas a transitividade está relacionada à articulação semântica na frase, sendo, pois, responsável pela determinação do grau de relevância discursiva, descritos como figura e fundo.

No Brasil, o aspecto da transitividade abordado sob o viés funcionalista provém das discussões teóricas dos estudos realizados por Votre, Maria Angélica Furtado da Cunha e Maria Medianeira de Souza. Para quem a “transitividade (do latim *transitivus* = que vai além, que se transmite), em seu sentido original, denota a transferência de uma atividade de um agente para um paciente” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p.25).

As teóricas apresentam que apesar das diversas proposições atribuídas a ideia de transitividade na análise linguística, estas, portanto, consubstanciam a busca principal no empenho das pesquisas com relação às funcionalidades que a forma linguística exerce na atividade comunicativa. Para tanto, as estudiosas compartilham a ideia da manifestação da

transitividade na completude da oração, através da correspondência desempenhada entre os elementos que as constituem.

Já Givón (2001), associa a distinção entre figura e fundo ao que classifica como frequência de marcação. Para o autor, o elemento marcado refere-se à figura, já que é menos frequente, indicando porções centrais do texto com maior destaque perceptual, enquanto que as orações com baixa transitividade e mais abundantes, correspondem ao fundo. Conforme afirma Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2003, p. 34-35), a respeito da concepção de Givón:

A marcação é um fenômeno dependente do contexto, devendo, portanto, ser explicada com base em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos. [...] Outra observação importante feita por Givón é que a marcação não se restringe apenas às categorias linguísticas, mas pode estender-se a outros fenômenos, como a distinção entre o discurso formal e a conversação espontânea.

Chegamos, então, a noção de que há uma relação entre o discurso e o grau de transitividade de uma oração. De acordo com Pezatti (1994), em toda e qualquer fala há uma porção do discurso que se sobressai com relação às demais, ou seja, é evidente a relevância de algumas informações em detrimento de outras.

Desse modo, para que o processamento da comunicação no texto possa acontecer de maneira satisfatória, o emissor busca organizar seu discurso conforme seus objetivos e a percepção que possui. Através dessa articulação, o emissor apresenta a distinção a respeito do que é central e o que é periférico nos enunciados que constituem o seu discurso.

Hopper (1979) apresenta que, no processo de contação e/ou escrita de uma história ou texto, o falante ou escritor tende a uma sistematização dos acontecimentos, por meio do qual procura ordenar as ideias a serem descritas. Conforme o autor, essa articulação é orientada, parcialmente, pela compreensão do falante em torno do(s) fato(s) e, parcialmente, pela(s) necessidade(s) comunicativa(s) do ouvinte ou interlocutor. Para entendermos um pouco mais acerca desse aspecto, vejamos o que se classifica, em termos de planos discursivos, de figura e fundo, com base nos pressupostos funcionalistas.

As formulações originais que compreendem as noções de figura e fundo são provenientes da Gestalt, uma teoria cujos estudos remetem as dimensões relativas à psicologia e a cognição para explicação das formulações acerca da língua. Tendo por influência Husserl e, simultaneamente a psicologia gestaltista, as dimensões a que nos referimos anteriormente passam a ser o ponto central dos estudos linguísticos.

Por conseguinte, com a contribuição do estudioso Karl Bühler, atribui-se a Linguística uma face diferenciada das até então formuladas pelas escolas estruturalistas europeias, no qual a compreensão da linguagem enquanto função passa a ser primordial nos estudos.

Ao remetermos a função, percebemos a partir de uma percepção interna acerca do sistema que compreende a noção de língua, que o fundamento cognitivo para plano discursivo, reflete, especialmente, a noção de relevo discursivo. Por assim dizer, destacam-se as funções que desempenham as formas empregadas pelos usuários da língua. Com isso, necessariamente, como ênfase da abordagem funcionalista, atribui-se crucial relevância aos elementos pragmáticos no entendimento do funcionamento linguístico.

Vale salientarmos, então, o que se busca na teoria da Gestalt são explicações pertinentes acerca do modo como um determinado falante observa um acontecimento e, conseqüentemente, articula o seu discurso. Esse último entendido, pois, na visão funcionalista como estando “relacionado às estratégias criativas utilizadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte em uma determinada situação comunicativa” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p.50).

A Linguística Funcional Centrada no Usorecorre às contribuiçõesda teoria da Gestalt para tentar compreender como se dá a organização do discurso. Desse modo, ao tratarmos de sistematização do texto, simultaneamente, remetemo-nos ao fato de que, no processo de construçãoou formulaçãodos enunciados seguimos uma hierarquização de graus de centralidade e perifericidade.

Visto que, através da organização das informações, processo necessário para elaboração do discurso, o falante manifesta, essencialmente, a distinção entre o que se classifica como central e periférico no texto. Uma das evidências dessa orientação é a relevância de algumas informações com relação a outras no encadeamento das ideias expostas ao longo do texto.

As noções de figura e fundo, conforme Hopper (1979), diz respeito, respectivamente, ao relevo discursivo. O primeiro se trata da porção de textoque é mais saliente, isto é, os aspectos utilizados pelo usuário que mais se evidenciam, com maior notoriedade. Em se tratando de plano discursivo, a figura se refere às informações mais relevantes em torno da mensagem que está sendo veiculada. Já o segundo (fundo), trata-se das informações complementares que emolduram as informações principais.

De fato, conforme postula Hopper (1979), o termo inglês *foregrounding* (figura) se refere ao tópico principal do texto e diz respeito às ações primárias, já o *backgrounding* (fundo) se trata das informações secundárias, que estão associadas à figura. Contudo, tais

dimensões estão relacionadas à percepção e à cognição e compreendem um processo dinâmico, sendo que um depende do outro para a estruturação dos constituintes no plano comunicativo. Segundo Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2003, p. 39):

Por *figura* entende-se aquela porção do texto narrativo que apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativas, *realis*, sob a responsabilidade de um agente, que constitui a comunicação central. Já *fundo* corresponde à descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da figura, além das descrições de estados, da localização dos participantes da narrativa e dos comentários avaliativos.

Diante disso, em termos de estrutura de texto ou de planos discursivos, figura e fundo são elementos cruciais no processo de organização das informações encadeadas na escrita de uma produção textual, estando, pois, diretamente relacionada à sequencialidade.

Para Hopper (1979, p. 214), “[...] conceive of the background/foreground distinction is a universal of narrative discourse which can be formally realized in various ways, claims that the difference between foreground and background clause has to do with sequentiality<sup>4</sup>.

Em figura, estão as informações principais do texto, que expressam a sequência de ações caracterizadoras da narrativa, enquanto que em fundo estão às informações básicas utilizadas para dar sustentação às orações de figura. Em outras palavras, o fundo indica a descrição de estados, o local ou o momento dos acontecimentos presentes na narrativa, assim como, refletem as causas dessas ações.

Nas porções de texto do plano de figura, temos os elementos considerados como essenciais, em fundo estão às informações que dão apoio, auxiliando na progressão discursiva. Assim, embora a concepção de figura e fundo, nos estudos linguísticos, seja mais recorrente nas narrativas, Martelotta (1998) extrapola esses domínios.

Para isso, experientia a probabilidade de aplicação do complexo de dez parâmetros sintático-semânticos formulados por Hopper e Thompson (1980), mencionados anteriormente, a vários outros tipos de gênero discursivos, tais como: relatos de descrições, relatos de procedimentos ou relatos de opinião. Mostrando, desse modo, que os conceitos de figura e fundo também podem oferecer contribuições e serem bastante viáveis nesses tipos de análises. Para Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2003, p. 42, grifos dos autores):

---

<sup>4</sup> Conceber a distinção figura e fundo é um universal do discurso narrativo que pode formalmente ser realizado de vários modos, a diferença entre a cláusula de figura e o fundo tem a ver com sequencialidade (tradução livre).

Atualmente não se trabalha mais com a concepção dicotômica de figura e fundo. Algumas pesquisas (TOMLIN, 1987; SILVEIRA, 1991) mostraram a necessidade de redefinir a categoria *plano discursivo*, não mais em termos binários, e sim como um *continuum*, cujos polos seriam a superfigura, do lado mais saliente ou relevante, e superfundo, do lado mais difuso ou vago.

Conforme exposto, figura e fundo na perspectiva do *continuum* reflete a percepção escalar contemplada na coexistência dos elementos da transitividade formulada por Hopper e Thompson, tornando evidente a necessidade de as análises apoiarem-se nessa mesma ótica investigativa.

Percebemos, então, a dinamicidade por meio do qual estão envolvidas as categorias de figura e fundo. Ambas estão associadas, no sentido em que a correlação entre figura e fundo se complementa no plano discursivo, visto que, a figura constitui a comunicação principal e o fundo contextualiza o evento narrado via figura.

Nas designações de Hopper (1979), o teórico enfatiza que as cláusulas de figura estão relacionadas a eventos dinâmicos, cinéticos, de sequência cronológica/temporal, verbos pontuais e perfectivos. Já as cláusulas de fundo apresentam diversidade de tópicos, assinalando situações estáticas, descritivas, simultaneidade cronológica e verbos imperfectivos.

Para ilustrarmos melhor a noção de figura e fundo em um texto, através de aspectos tipicamente relacionados à transitividade em face de uma visão prototípica a que se referem Hopper e Thompson, tomamos como base o exemplo a seguir:

### EXEMPLO (02)

Figura	Fundo
	...aí quando vinha ali no rio Tietê... num sei se você conhece... já ouviu falar... lá de São Paulo... quando vinha lá do rio Tietê... tava chovendo muito... a pista escorregadia... né?
aí o carro perdeu o controle... o motorista perdeu o controle... né?...	
	aí quando ele viu que o carro ia cair dentro do rio...
aí ele... colocou o carro num... pra cima de outro carro...	
	que tava um casal de namorado assim... namorando...

Fonte: Furtado da Cunha; Costa; Cezario (2003, p. 40).

Percebemos no quadro apresentado acima que o texto exprime a oposição de tempo, bem como de aspecto e dinamicidade. Além disso, no lado esquerdo do quadro (correspondente à figura) encontram-se os verbos *perdeu* e *colocou*, essas formas verbais são pontuais e estão no pretérito perfeito. No lado direito do quadro, encontram-se as descrições narrativas que funcionam como comentários avaliativos do evento contado, com formas verbais como *vinha*, *conhece*, *ouviu*, *viu*, entre outros, que atuam cooperando para a continuidade da narrativa. Para Hopper (1979, p. 285-286):

Foregrounding clauses typically recount sequences of events which mimic the chronological order of the events, as they are supposed to have occurred. Each event in foregrounding is thus viewed in its entirety; from the view point of the discourse, it is bounded at its beginning by the termination of the preceding event, and at its end by the initiation of the next event. The discourse thus imposes a perfective interpretation on foregrounded events. [...] in backgrounding however, events and situations are not bounded in the discourse: they are presented as on-going, or repeated or simultaneous with foreground events<sup>5</sup>.

Sintetizando, a figura representa o esboço ou delineamento central, apresentando a temporalidade sequencial de ações finalizadas. Por outro lado, o fundo assinala as descrições de situações inertes, de estado e comentários avaliativos, são, portanto, os acessórios que dão apoio aos desdobramentos dos eventos principais, isto é, da figura.

No que se segue, tecemos algumas considerações sobre a teoria dos gêneros discursivos com base, principalmente, na visão de Bakhtin e outros teóricos norteadores da discussão.

---

<sup>5</sup>As cláusulas de figura, tipicamente, recontam sequências de eventos que imitam a ordem cronológica dos eventos, uma vez supostamente terem ocorrido. Cada evento em figura é visto na sua totalidade; sob o ponto de vista do discurso, este é limitado em seu início pelo término do evento anterior, e no seu término pelo início do próximo evento. O discurso impõe, portanto, uma interpretação perfectiva nos eventos de figura. [...] Em fundo, no entanto, os eventos e situações não são limitados ao discurso: eles são apresentados em contínuo, ou repetido ou simultaneamente com os eventos de figura (tradução livre).

### 3 A PRODUÇÃO TEXTUAL E OS GÊNEROS DISCURSIVOS

No referido capítulo, abordamos em torno dos aspectos que permeiam uma das perspectivas relacionadas à teoria do gênero. Tratamos da visão discursiva formulada por Bakhtin (2003), que perpassa as dimensões do espaço e do tempo se fundindo nos processos de interação verbal e práticas dialógicas. Inicialmente, lançamo-nos de uma exposição acerca dos principais termos e conceitos que sustentam a arejada e complexa arquitetura bakhtiniana. Nessa empreitada, não poderíamos deixar de lado as noções de língua, linguagem e produção textual. Por último, relatamos acerca das configurações do gênero crônica e carta, mais especificamente a carta argumentativa, a fim de delinear os dois gêneros que integram a natureza dos textos constitutivos das análises nesse estudo.

#### 3.1 Os gêneros discursivos sob a ótica bakhtiniana

Os estudos em torno da noção de gênero têm sido objeto de interesse em várias investigações e pesquisas, especialmente no campo da Linguística. Isto tem evidenciado discussões pertinentes acerca da natureza constitutiva da linguagem. Na perspectiva teórica de Bakhtin (2003), linguagem e sociedade se entrecruzam de forma dialógica, processando-se nas práticas discursivas efetivadas nas diversas esferas da atividade humana.

A noção de gênero proposta pelo teórico revela que a utilização da língua se configura através de enunciados, tais enunciados refletem as finalidades e propósitos de cada instância da comunicação humana. Uma vez que, a linguagem não é falada no vazio, mas em um contexto histórico e social.

Assim, no aglomerado de ideias postuladas por Bakhtin (2000), compreende-se que nenhum texto se esgota em si próprio, visto que, todo discurso se processa em uma relação do eu com o outro. Nas palavras de Machado (2007, p. 198), a concepção de texto na visão bakhtiniana emerge por meio da “necessidade de se entender uma manifestação constituída pela diversidade de linguagens, ou seja, uma manifestação dialógica”.

O dialogismo bakhtiniano se refere às relações instauradas por esses discursos na dinâmica efetivada pelas práticas sociais. Isto significa dizer que, nenhum discurso é neutro, todos eles têm sua carga de intencionalidade. Assim, nas proposições de Bakhtin (2000) todo texto se constitui no entrelaçamento de sujeitos discursivos, já que suscita uma língua-



discurso que se concebe nas dimensões comunicativas, por meio do qual os gêneros discursivos são estabelecidos.

Corroborando desse pensamento, Brait (1997) salienta que é no dialogismo onde se funde o sentido e a significação em Bakhtin (2003). A propagação da perspectiva dialógica se difunde de forma tão significativa que, atualmente, torna-se indispensável pensar os sistemas de signos que compreendem a nossa sociedade, considerando a visão de linguagem arquitetada pelo teórico russo.

Ao adentrarmos um pouco no percurso histórico dos estudos acerca de gêneros do discurso empreendidos no Brasil, percebemos que Bakhtin (2003), cuja teoria é basilar neste estudo, é um dos teóricos mais predominantes. O que se nota, desse modo, é uma vasta variedade terminológica e conceitual em estudos embasados por sua análise dos gêneros. Contudo, as ideias discutidas por Bakhtin e seu círculo, desde os anos 20 e que atualmente se encontra em expansão, difundem questões instigantes em torno da natureza constitutivamente dialógica e ideológica da linguagem.

No conjunto de ideias postuladas pelo teórico, a linguagem é compreendida por uma perspectiva linguístico-discursiva. Assim, a concretização efetiva da linguagem se processa no momento da enunciação, quando se coloca em uso a língua, se dá na relação entre homem e sociedade.

Diante dessa perspectiva, Bakhtin (2003), em seus estudos sobre gêneros, cita três elementos constituintes do enunciado, a saber: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Os quais, vale ressaltar, não recaem como critérios de análise nesse estudo, contudo, convém evidenciá-los haja vista a relevância dessa informação para os apontamentos seguintes. Para o autor, esses elementos são responsáveis por determinarem a formação das características que compõem um gênero discursivo. A esse respeito Bakhtin (2003, p. 261-262, grifos do autor) salienta:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos- o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

Sob essa ótica, percebemos que as três premissas enfatizadas pelo autor sugerem que os gêneros são produtos da atividade social de uma determinada esfera da comunicação, inscrita em uma determinada prática discursiva, situado historicamente e socialmente marcado. Dessa maneira, como os gêneros discursivos são aspectos característicos da linguagem, podemos dizer, que o ato da enunciação se efetiva em processos múltiplos. O locutor, enquanto sujeito discursivo, ao enunciar, tem seu discurso interpelado pelos ecos dos discursos alheios que circulam na sociedade.

Segundo Faraco (2001, p. 167), “por ser sempre resposta no diálogo social, todo enunciado instaura a possibilidade de se tornar ele mesmo alvo de respostas”. Destacamos, então, que o enunciado enquanto elemento discursivo estritamente social ocasiona, em suas mais diversas possibilidades de efetivação, uma reação-resposta por parte do sujeito.

Nesse sentido, não há como conceber o enunciado desvinculado de seu contexto de enunciação e/ou das relações sociais que o suscitaram. Conforme destaca Rodrigues (2005, p. 162) o enunciado “não é a frase ou a oração enunciada, mas, se quisermos manter uma analogia, o texto enunciado (texto + situação social de interação = enunciado)”. Nas palavras de Bakhtin (1995, p. 112) se refere ao “produto de interação de dois indivíduos socialmente organizados”.

Vale salientarmos que, a interação de que trata Bakhtin (1995) envolve uma compreensão bem mais complexa de que as frequentemente consideradas. É necessário que elucidemos melhor a que tipo de interação se reporta. Segundo Faraco (2001, p. 04):

Não é a interação, o diálogo como mera forma composicional; nem a interação como mero evento fortuito entre pessoas isoladas que se encontram por acaso, como os americanos vieram a construir, mais tarde, como objeto teórico na etnometodologia e na análise da conversação. Mas a interação que se tece sempre num certo quadro de relações sociais, culturais, históricas. A interação, portanto, entre seres situados, inscritos social e historicamente.

Nesse sentido, não é o diálogo/conversa espontânea que configura a interação, mas, como revela Faraco (2001), o diálogo entre seres situados em uma instância histórica e social, que são perpassados por diversos usos da língua, conforme a esfera social na qual está inserido. É, portanto, exatamente essa interação social que configura o ato de enunciação.

Na visão bakhtiniana, o caráter dialógico da linguagem, aponta que esta é, por excelência, um fenômeno social, histórico e ideológico. Por meio do qual se estabelecem

relações de interação, ou seja, o sujeito se constitui, no e pelo discurso, nas mediações das práticas discursivas, nas relações do eu com o outro.

Falar em dialogismo é considerarmos que a linguagem é por excelência um ato social que, se constitui por meio da interação entre indivíduos seja no âmbito oral ou escrito, é através desse “instrumento” de comunicação que a linguagem se reveste a partir dos aspectos sociopolítico-culturais em que está inserido o enunciador.

É a partir de uma situação de comunicação que os textos assumem sua real função, já que todo ato de enunciação é atravessado por uma finalidade, desconstituindo o texto da neutralidade, fazendo com que a linguagem seja dialógica. Frente a uma determinada esfera de produção, o texto está sujeito a determinadas convenções estruturais e linguísticas típicas de cada gênero discursivo. Nas palavras de Bakhtin (2003, p. 282, grifos do autor):

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo *na escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero.

Nessa perspectiva, não há como concebermos a linguagem fora de um contexto, posto que deve atender as distintas necessidades dos falantes, para assim, objetivar a finalidade social que detém cada gênero. Diante disso, Bakhtin (2000) coloca que o uso da linguagem em determinados contextos situacionais e culturais e em diferentes esferas sociais de ação linguística se dá por meio de enunciados orais, escritos (concretos e únicos). Segundo o autor (idem, p. 279), “o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, [...] também, e sobretudo, por sua construção composicional”.

A linguagem está referendada nos processos comunicativos, entrelaçada pelas atividades interativas realizadas pelos indivíduos nas mais variadas esferas humanas. A enunciação é compreendida, pois, na ótica bakhtiniana, como sendo resultante da simbiose de indivíduos essencialmente discursivos, têm sua constituição nos processos de interação social. Por isso, Bakhtin (2005, p. 293) afirma:

O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma. Quaisquer que sejam o volume, o

conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhes são comuns e acima de tudo, fronteiras claramente delimitadas. [...] A fronteira do enunciado compreendido como uma unidade da comunicação verbal é determinada pela alternância de sujeito falantes ou de interlocutores.

Sob esse prisma, os gêneros possuem características específicas, no tocante aos aspectos linguísticos, discursivos e textuais que acompanham as mudanças e as necessidades dos falantes que, ao utilizar um gênero seja oral ou escrito, deve considerar a situação de produção, para que e quem está falando e/ou escrevendo. Bakhtin (2005, p. 43) enfatiza que, “[...] cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio ideológica”.

A vinculação dos gêneros discursivos está associada ao surgimento de novas esferas de uso da linguagem. É nesse campo heterogeneamente constituído que se originam os gêneros, classificados por Bakhtin (2003) em gêneros primários e secundários. Do ponto de vista do teórico, os gêneros discursivos primários compreendem as situações comunicativas cotidianas, tais como a conversa cotidiana, o bilhete, a carta. Já os gêneros discursivos secundários, geralmente vinculados pela escrita, são formações mais articuladas e complexas, a exemplo disso temos os romances, tese científica, ensaios filosóficos, gêneros jornalísticos, entre outros.

Contudo, é pertinente destacarmos que essa classificação se refere a “uma distinção que dimensiona as esferas de uso da linguagem em processo dialógico interativo” (MACHADO, 2006, p. 155). Em outras palavras, ainda que cada gênero tenha seus níveis de complexidade e aspectos peculiares que os caracterizam, isso não impossibilita que um gênero primário possa ser convertido para uma dimensão mais complexa, como os campos da ciência, por exemplo. Como afirma Bakhtin (2003, p. 284):

É possível uma reacentuação dos gêneros, característica da comunicação discursiva em geral; assim, por exemplo, pode-se transferir a forma de gênero da saudação do campo oficial para o campo da comunicação familiar, isto é, empregá-la com uma reacentuação irônica-paródica; com fins análogos pode-se misturar deliberadamente os gêneros das diferentes esferas.

Com base nessa concepção, salientamos que a constituição dos gêneros do discurso está atrelada às instâncias enunciativas das esferas da atividade humana, isto é, as diversas práticas discursivas. Há de considerarmos, então, que as reflexões efetivadas por Bakhtin em torno dos gêneros serviram de embasamento para que entendamos que toda forma de

comunicação, pertence a um certo gênero. Ainda que essa comunicação seja espontânea, imediata ou especializada, o que torna o trabalho com os gêneros discursivos um objeto de ensino importante nas salas de aula, pois eles representam as formas da comunicação e as modalidades da linguagem em uso.

Ao proporcionar aos alunos o acesso à diversidade de gêneros existentes, o professor pode despertar o interesse dos educandos, contribuindo para o desenvolvimento da competência discursiva, bem como para o aprimoramento das habilidades de leitura, compreensão e produção escrita, uma tríade importante para o ensino de Língua Portuguesa. Quando falamos nesses aspectos, achamos pertinente direcionarmos um olhar para as questões relativas à produção textual, uma reflexão sempre atualizada, fundamental, constante e imprescindível para o ensino.

Ao nos remetermos ao texto como objeto de ensino, compreendido pela classificação da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), como “*locus* da organização e manifestação empírica do discurso, atualizado na/pela linguagem” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 19), acolhemos a ideia de que, trata-se de uma atividade sócio-cognitiva. Isto implica dizer que a atividade de produção/construção de texto(s) envolve a ativação de processos cognitivos e interacionais, ou seja, o ato de produzi-lo(s) consiste em uma atividade tanto linguística como comunicativa.

Desse modo, convém mencionarmos que os textos são resultantes das manifestações verbais, resultantes, pois, do complexo universo das ações humanas. Nesse processo, as entidades sociais, cognitivas, discursivas, individuais e subjetivas atuam conjuntamente, cooperando para a sua elaboração. Assim o indivíduo se serve desses parâmetros que, combinados conforme as suas necessidades e os seus objetivos comunicativos, são responsáveis pela materialização do(s) texto(s).

Com isso, ressaltamos a relevância do trabalho com produções textuais como um exercício essencial no âmbito educacional. Por ser uma atividade comunicativa pode possibilitar aos educados a compreensão do funcionamento da língua, de modo a permitir-lhes a inserção nas diversas práticas sociais. De acordo com Koch (2008, p. 26):

Defende-se, portanto, a posição de que:

A. a produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades;

B. trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o

texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal;  
 C. é uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual.

Nessa perspectiva, a concepção de produção de texto pressupõe a existência de uma estruturação interna, isto é, engloba a mobilização de processos de natureza cognitiva, mas não se limita apenas a isso, envolve também os aspectos de ordem sociointerativa, consequência das atividades verbais desempenhadas por indivíduos participantes das inúmeras práticas socioculturais.

Ao discutirmos as questões referentes à produção escrita, estamos nos remetendo ao fato de que ao produzir textos estamos executando uma atividade que se efetiva através de discursos, o que pressupõe tanto os processos interativos, como o uso da linguagem. Desse modo, ao escrever, manifestamos vontades, desejos, ou seja, expressamos as nossas opiniões. Nas palavras de Geraldi (1997, p. 136):

[...] na produção de discursos, o sujeito articula, aqui e agora, um ponto de vista sobre o mundo que, vinculado a uma certa formação discursiva, dela não é decorrência mecânica, seu trabalho sendo mais do que mera reprodução: se fosse apenas isso, os discursos seriam sempre idênticos, independentemente de quem e para quem resultam.

Como sabemos, a competência na produção de textos não está relacionada somente à aprendizagem do código linguístico, mas, demanda que se tenha conhecimento amplo e acesso à multiplicidade de gêneros que circulam nas diversas esferas comunicativas e sociais de manifestação da linguagem. É preciso considerarmos, também, como propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 25) que, “interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva, dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução”.

Dessa maneira, é fundamental entendermos que a atividade de produção textual compreende um ato de enunciação, no qual o discurso sob a perspectiva de Bakhtin (2005, p. 293), “se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma [...] A fronteira do enunciado compreendido como uma unidade da comunicação verbal é determinada pela alternância de sujeitos falantes ou de interlocutores”. E isto, necessariamente envolve a interação com o outro, como também as instâncias sociais, as dimensões semânticas e pragmáticas em que estamos imersos.

O que implica dizermos que, na elaboração do texto, os discursos são constituídos por meio de uma ligação com outros discursos, não podendo, pois, serem desprovidos do outro em relação ao que se escreve. De acordo com Koch (2006, p. 17), “o sentido de um texto é, portanto, construído na interação texto-sujeitos (ou texto-co-enunciadores) e não algo que preexistia a essa interação”. Nessa perspectiva, podemos afirmar que os textos são o produto das atividades discursivas, estando, desse modo, em incessante simbiose com os demais textos, bem como, entrelaçados pelo contexto histórico, cultural e social dos quais emergem. Segundo Antunes (2005, p. 35):

Escrever é uma atividade que retoma outros textos, isto é, que remonta a outros dizeres. De forma mais ou menos explícita, estamos sempre voltando a outras fontes, (ou a outras “vozes”, como se costuma dizer), próximas ou remotas. Nunca somos inteiramente originais. Nosso discurso vai-se compondo pela ativação de conhecimentos já adquiridos. Em alguma medida, todo texto comporta procedimentos de recapitulação e de reenquadramento de outros que ouvimos ou lemos. Fizemo-nos e fazemo-nos, individualmente, na rede coletiva de todos os discursos com que entramos em contato. Fizemo-nos e fazemo-nos no convívio social dos conhecimentos partilhados.

Como podemos perceber, escrever não se trata de uma atividade mecanizada, por meio do qual grafamos palavras, simplesmente. Ao contrário, é a construção de uma teia de interação verbal, orientada pelos múltiplos sentidos e pelas diversas esferas que constituem a situação comunicativa. Por isso, escrever vai muito além de um conhecimento linguístico sistematizado, pois envolve, também, as instâncias pragmáticas sendo exatamente esta que designa as escolhas linguísticas, e não o contrário. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 23-24) destacam com relação aos procedimentos didáticos a serem desenvolvidos no âmbito escolar que:

[...] É necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas.

A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social.

Pensando nisso, as atividades de produção escrita precisam ser abordadas em sala de aula através de propostas contextualizadas com a variedade de textos propagados nas

instâncias sociais. É necessário ofertar aos educandos um espaço provedor de leitores assíduos, de modo a estimular o progresso das propriedades de escrita, compreensão, interpretação e posicionamento frente à materialidade do texto por eles produzidos. Antunes (2007, p. 130) destaca que: “[...] sua exploração em sala de aula tem outras razões que deixar as aulas menos monótonas e mais motivadoras. Tudo o que nos deve interessar no estudo da língua culmina com a exploração das atividades textuais e discursivas”. Esse fatopropicia aos educandos a acessibilidade às múltiplas manifestações da linguagem, em suas mais diversas modalidades.

Quando falamos em habilidades necessárias para a escrita, não podemos deixar de enfatizar a importância da inserção dos alunos no mundo da leitura. A prática constante da leitura desperta a busca imprescindível pela aquisição do conhecimento, impulsionando e fomentando as habilidades essenciais para a competência escrita dos educandos. Antunes (2003, p. 67) complementa afirmando que:

A atividade da leitura completa a atividade da produção escrita. É, por isso, uma atividade de interação entre sujeitos e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor.

Ensinar a produzir textos nessa perspectiva se constitui uma alternativa interessante para a prática pedagógica. Entendemos, pois, que a leitura além de viabilizar o aprimoramento linguístico, textual e discursivo é um convite para o envolvimento dos alunos em várias práticas sociais e comunicativas.

É necessário, assim, que as propostas trabalhadas com os alunos no âmbito escolar contemplem o desempenho, gradativo, da apreensão dos vários procedimentos fundamentais ao desenvolvimento da escrita, de forma a favorecer a aprendizagem da língua. Segundo estabelecem os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 69):

É importante que as atividades de produção de textos escritos se organizem, portanto, de forma que seja possível para os alunos a apropriação progressiva dos diferentes procedimentos necessários ao ato de escrever e a experimentação dos diferentes papéis envolvidos. Coordenar esses papéis também é uma tarefa especialmente difícil, que supõe um exercício constante e contínuo, e não esporádico.

Convém ressaltarmos que pensar em sugestões de atividades para ensinar a produção de textos, exige refletir sobre os mais variados segmentos atrelados aos processos de escrita.



Fato que tem sido, muitas vezes, um desafio constante, visto que não se trata de uma tarefa tão simples. Para Koch (2006, p. 60):

Acredita-se, pois, como também enfatizam os Parâmetros Curriculares Nacionais, que a discussão e a pesquisa sobre os gêneros poderão trazer importantes contribuições para a mudança da forma de tratamento da produção textual na escola.

A discussão em torno do trabalho com a diversidade de gêneros discursivos na instância escolar precisa ser amplamente difundida, articulada e, sobretudo, aplicada. Em outras palavras, entendemos que o contexto atual nos permite refletir sobre a prática de ensino de produção de textos não mais levando em consideração apenas o conhecimento linguístico, mas as situações práticas de uso da linguagem.

São nas esferas de realização da atividade humana que os textos são materializados para fins variados de interação e comunicação. Na visão de Antunes (2002, p. 42), é necessário levar os alunos a compreender: “[...] que a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas materializadas em textos orais e escritos”. Pensando nisso, os gêneros discursivos, assim como os diversos textos a serem trabalhados em sala de aula, não podem ser enfatizados desvinculados dos papéis que exercem na sociedade.

O ensino da produção de textos sob esse entendimento preverabordar a aprendizagem da língua contemplando os estatutos discursivos e pragmáticos inerentes a constituição da linguagem. Cujos os indivíduos estão inseridos, participando, agindo e interagindo constantemente em meio as diferentes práticas de linguagens. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 47) propõem que, “o trabalho com produção de textos tem como finalidade formar produtores competentes e capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes”.

Nessa perspectiva, o ensino de produção textual deve, necessariamente, está voltado para o conhecimento do texto em sua completude, legitimado pelos domínios sociais, valorizando a leitura de gêneros discursivos diversos. Isso se revela uma atividade muito significativa para a apropriação dos elementos envolvidos na formação de um bom escritor. Como sugerido pelos PCN (BRASIL, 1998, p. 48):

Um escritor competente é alguém que sabe reconhecer diferentes tipos de textos e escolher o apropriado a seus objetivos num determinado momento [...].

Um escritor competente é, também, capaz de olhar para o próprio texto como um objeto e verificar se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto. Ou seja: é capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até considera-lo satisfatório para o momento. É, ainda, um leitor competente, capaz de recorrer, com sucesso, a outros textos quando precisa utilizar fontes escritas para a sua própria produção.

Dessa maneira, a formação de um escritor competente exige que este seja capaz de optar, conforme os objetivos do seu discurso, por um gênero adequado para cada demanda referendada pela situação comunicativa. Requer, ainda, que tenha a habilidade de refletir sobre sua própria produção, a fim de conseguir analisar quais as alterações necessárias. Além do mais, são atributos de um escritor competente, a propriedade de evocar a outros textos e/ou discursos como recurso norteador do seu próprio texto. Como afirma Antunes (2003, p. 81):

O ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras simples, das afirmações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença. Qualquer texto reforça ideias já sedimentadas ou propõe visões novas.

Por isso, um texto é sempre um conjunto de ideias, concepções, ideologias e formas de pensamento. Não é possível sua construção sem que esteja envolto por uma intertextualidade, pela mescla de discursos alheios e que são, necessariamente, elementos vitais para a sua materialidade. A prática de produção textual segundo Vilela e Koch (2001, p. 453, grifos dos autores) é:

[...] uma *atividade verbal*, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades;  
Trata-se de uma *atividade consciente*, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; [...];  
É uma *atividade interacional*, orientada para os parceiros da comunicação, que, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual.

Para tanto, o ensino de produção textual nas propostas didáticas deve motivar o aluno à participação nas práticas sociais, aproximando-o da leitura, da escrita e da compreensão acerca das diferentes formas de funcionamento da linguagem. Deve constituir-se em uma atividade que visa contribuir para a formação de cidadãos habilitados a agir de maneira crítica no espaço a que pertencem. Segundo Antunes (2003, p. 54):

[...] produzir um texto não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da escrita.

Assim, o envolvimento dos alunos nas práticas de leitura e escrita são essenciais na inovação e no enriquecimento dos conhecimentos primordiais para a ampliação das capacidades de um escritor competente. Portanto, um ensino voltado para a leitura de variados gêneros discursivos fomenta a criatividade, a criticidade e o poder de argumentação na produção textual.

No tópico seguinte, tecemos algumas considerações relativas aos gêneros crônica e carta argumentativa, respectivamente. Para tanto, nas discussões efetivadas vislumbramos apresentar as características referentes a cada um dos gêneros, já supracitados. O intuito é fazermos um apanhado das peculiaridades composicionais que os constituem. A fim de conhecermos o que integra cada um, reunimos um conjunto de informações pertinentes a compreensão, desenvolvimento e contemplação das análises empreendidas nesse estudo, visto que os textos que as compõem tratam, especificamente, dos gêneros discursivos abordados a seguir.

### 3.2 Aspectos gerais sobre o gênero crônica

A crônica é um gênero que se caracteriza pelo seu teor por vezes poético, por vezes filosófico e/ou divertido com que aborda os acontecimentos do cotidiano. Usualmente, versa sobre temas simples, relacionados ao convívio, à realidade das pessoas e remontam fatos sociais, culturais e políticos que relembram histórias de vida e lugares, através de registros entrecruzados com as lembranças do passado e da infância.

Em sua gênese, o vocábulo “crônica” deriva do grego “*khronos*” ou do latim “*chronos*”, termos que fazem alusão ao “tempo”. Para Neves (1995, p. 17), a crônica se refere a um texto que “tematiza o tempo e simultaneamente o mimetiza”. Assim, o aspecto temporal assume crucial relevância para a conjuntura desse gênero.

Na antiguidade romana, a palavra “*chronica*” se referia a um gênero que tinha por funcionalidade, apenas, registrar fatos históricos e eventos verdadeiros de uma época. Estes, eram dispostos seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos, em que se listavam os fatos sem nenhuma pretensão de comentá-los e/ou interpretá-los. Foi assim difundida e utilizada nos países da Europa.

Na Idade Média e no Renascimento, era usada com o propósito de fazer a narração do que se denominava os crônicas medievais, que tinham um teor lendário e maravilhoso. A história retrata que no século XII, com destaque para os nomes de Frossartna França, Geoffrey of Monmouth na Inglaterra, Fernão Lopes em Portugal e Alfonso X na Espanha, que as crônicas atingiram uma demasiada ascendência, nesses países, em virtude da proximidade da história com realces da ficção literária.

No Brasil, a história remonta que o registro da primeira crônica validada pelos historiadores se trata da carta de Pero Vaz de Caminha. Ele retrata o descobrimento do Brasil com uma fusão de realidade e magnitude, em meio as condições, costumes e povos estranhos no qual se encontrava, o que acrescenta ao seu texto um teor diferenciado.

Foi somente com a propagação dos jornais impressos, a partir do século XIX, no Brasil, que a crônica passou a vestir-se com uma nova roupagem. Isto porque deixa de lado sua conotação historicista inicial e passa a se revestir de uma nuance literária. Agora, com um direcionamento mais reflexivo e críticas sutis. Passa, assim, a integrar as publicações do texto jornalístico em que, geralmente, apareciam como notas de rodapés nas laudas dos folhetins, como eram nomeados na época, que circulavam naquele momento. Segundo Bender e Laurito (1993, p. 16):

Nos rodapés dos jornais, ao mesmo tempo que cabiam romances em capítulos, também cabia – ainda quando em outras folhas – aquela matéria variada dos fatos que registravam e comentavam a vida cotidiana da província, do país e até do mundo.

Nesse período, merece especial menção os escritores brasileiros José de Alencar e Machado de Assis, com suas crônicas as vezes mais literárias, as vezes mais jornalísticas acerca de acontecimentos rotineiros das suas épocas. Além desses, vale destaque, entre 1920 e 1990, no Brasil, o momento de ápice com João do Rio, Rubem Braga, Raquel de Queiróz, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Henrique Pongetti, Paulo Mendes Campos entre outros.

Um fato curioso, é que as primeiras versões das crônicas produzidas no Brasil estavam associadas à figura feminina, com temas vaiados. Além disso, o propósito desses textos eram entreter os leitores, por meio de escritos breves, rotineiros, emotivos e que visavam amenizar a tensão em meio a tantos noticiários sobrecarregados. Nas palavras de Drummond (1999, p. 13):

A crônica é fruto do jornal, onde aparece entre notícias efêmeras. Trata-se de um gênero literário que se caracteriza por estar perto do dia-a-dia, seja nos temas, ligados à vida cotidiana, seja na linguagem despojada e coloquial do jornalismo. Mais do que isso, surge inesperadamente como um instante de pausa para o leitor fatigado com a frieza da objetividade jornalística. De extensão limitada, essa pausa se caracteriza exatamente por ir contra as tendências fundamentais do meio em que aparece [...]. Se a notícia deve ser sempre objetiva e impessoal, a crônica é subjetiva e pessoal. Se a linguagem jornalística deve ser precisa e enxuta, a crônica é impressionista e lírica. Se o jornalista deve ser metódico e claro, o cronista costuma escrever pelo método da conversa fiada, do assunto-puxa-assunto, estabelecendo uma atmosfera de intimidade com o leitor.

A crônica, tal qual entendemos hoje, agrega tanto atributos de natureza jornalística quanto literária. Com relação a linguagem, o estilo e os recursos utilizados pelos escritores brasileiros na produção de suas crônicas, destacamos o lirismo, o humor, a ironia e a crítica. Características essas, expressas por meio de um texto sucinto, acessível e simples, no qual empregam, muitas vezes, traços bem típicos da fala, com feixes narrativos, preponderantemente, mas, também com marcas argumentativas ou expositivas. Segundo Lima (2001, p. 43):

A crônica, como a consagramos em nosso país, é um gênero híbrido, eminentemente brasileiro, que traz em seu conteúdo a conversa fiada da esquina, o devaneio das lembranças, o comentário da falta de assunto, o instante poético, ou a ponderação reflexiva que faz pensar nossa condição humana.

Os cronistas brasileiros, diferentemente dos europeus, que abordavam sentimentos pessoais do autor, objetivos e resumidos, expressam a realidade vivida e sentida da esfera social e cultural do país. Conforme disposto no caderno do professor da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (LAGINESTRA; PEREIRA, 2010, p. 21, grifos das autoras), as crônicas podem ter vários tons:

No Brasil, há vários modos de escrevê-las. Se usa o tom da poesia, o autor produz uma **prosa poética**, como algumas crônicas escritas por Paulo Mendes Campos. Mas elas podem ser escritas de uma forma mais próxima ao **ensaio**, como as de Lima Barreto [...]; ou ser **narrativas**, como as de Fernando Sabino. As crônicas podem ser **engraçadas**, puxando a reflexão do leitor pelo jeito humorístico, como as de Moacyr Scliar, ou ter um tom **sério**. Outras podem ser próximas de **comentários**, como as crônicas esportivas ou políticas.

Podemos dizer que se trata de um gênero associado ao entretenimento com nuance reflexiva e as vezes com traços sarcásticos, que visam manifestar críticas a realidade social. Isto é, a intenção dos cronistas é manifestar a emoção a fim de atrair seus leitores e provoca-los a reflexão irônica, de maneira tênue, acerca do cotidiano. O que pode ser feito através de múltiplas alternativas. Os vários tons da crônica, mencionados anteriormente, revelam o quanto esse gênero é amplo, diverso e rico para ser trabalhado no espaço escolar. Esse gênero pode favorecer a oportunidade de desenvolvimento da leitura, compreensão e produção textual.

Como as crônicas constitutivas das análises as quais essa pesquisa se configura, foram produzidas pelos alunos por ocasião da participação nas Olimpíadas de Língua Portuguesa 2014, cujo objetivo é levá-los a aprendizagem da escrita de crônicas, tendo por incumbência desenvolverem a visão atenta e sensível das situações diárias, contemplando fatos relativos as pessoas, aos costumes e a vida do lugar a qual pertencem. O caderno do professor da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (LAGINESTRA; PEREIRA, 2010, p. 20) destaca:

Crônica é um gênero de texto tão flexível que pode usar a “máscara” de outros gêneros, como o conto, a dissertação, a memória, o ensaio ou a poesia, sem se confundir com nenhum deles. É leve, despreziosa como uma conversa entre velhos amigos, e tem a capacidade de, por vezes, nos fazer enxergar coisas belas e grandiosas em pequenos detalhes do cotidiano que costumam passar despercebidos.

Como podemos perceber, a crônica pode comportar vários outros gêneros. Por se tratar de um texto híbrido, ao escrevê-la, há a manifestação de uma gama de estratégias que colaboram para a concretude do gênero. Fato que abrange tanto o leitor como o escritor numa espécie de troca de subjetividades e conhecimento. A mescla de gêneros reveste a crônica de um emolduramento envolvente e dinâmico possibilitando ao aluno/escritor transitar entre o real e o imaginário, o jornalístico e o literário, constituindo-a, desse modo, de uma magia singular.

Ao escreverem, os alunos são convidados a aperfeiçoarem as habilidades de escrita, as competências linguísticas, discursivas e comunicativas, além de despertarem a percepção crítica. Isto, viabiliza tanto a busca pela leitura quanto a produção textual, suscitando o acesso a outros gêneros, favorecendo, assim, o aprendizado de maneira contextualizada e reflexiva.

Ademais, a crônica apresenta grande relevância social, uma vez que através desse gênero discursivo rememoramos histórias de vida, pessoas e lugares. Lembranças essas,

constitutivas da história e da cultura social. Como permitem depositar um olhar sobre o cotidiano, as crônicas podem constituir-se uma excelente proposta de trabalho com os educandos.

Feitas essas considerações, posteriormente, tecemos alguns apontamentos em torno da carta argumentativa, outro gênero alusivo ao *corpus* constitutivo das análises desse estudo. Nesse espaço, reunimos um conjunto de informações que a caracterizam, com o intuito de alargarmos a compreensão em torno de sua conjuntura, bem como compartilharmos das discussões tecidas acerca do que se configura como gênero carta argumentativa.

### 3.3 Caracterizando o gênero carta argumentativa

A carta, ao longo de toda a história, constituiu-se um gênero de grande utilidade pública entre os povos. Nos registros historicistas, não se tem uma data definida acerca de seu surgimento, contudo, os estudiosos relatam que sua utilização é bastante antiga, chegando a afirmarem que pode ser considerada um dos meios de comunicação mais remotos que se tenha conhecimento.

Em países como o Oriente Médio, o Egito e a Grécia existiam os chamados mensageiros, que eram as pessoas responsáveis por levarem os recados escritos, muitas vezes transportados por cavalos, camelos ou até mesmo a pé. Conforme Paiva (2004, p.70):

A carta surgiu na Grécia Antiga e foi utilizada para questões militares, administrativas e políticas, expandindo-se para mensagens particulares e, aos poucos para propósitos variados como religião, documentação, petição, manifestação, registro de histórias familiares, etc.

Em territórios brasileiros o advento da carta chegou juntamente com os primeiros portugueses, ao desembarcarem, a esquadra de Cabral se comunicava através de cartas, nas quais mandavam notícias, descrevendo o povo, a cultura e as terras descobertas ao rei. Oriunda do grego antigo “ἐπιστολή”, “*epistólae*” do latim, a palavra carta tem o significado de mensagem escrita e assinada. Isto é, se refere a um texto na qual está associado a um remetente e um destinatário.

Antigamente, comoreporta os primórdios, não se dispunha de todo aparato tecnológico oferecido nos dias atuais. Em virtude disso, o meio de comunicação mais predominante era via escrita da carta, um gênero de grande veiculação, propagação e utilização. No entanto, atualmente, apesar de não ser mais tão difundida, tendo em vista estar sendo substituída pelo

telefone, e-mail e outras ferramentas computacionais que favorecem a comunicação em tempo real, a carta ainda resiste ao tempo e permanece sendo um veículo de comunicação relevante.

Em sua constituição, o gênero carta pode se recobrir de diferentes características. O que possibilita ao texto conter eventos narrativos, descritivos, dissertativos, argumentativos, entre outros. Bezerra (2005, p. 49) discorrendo acerca de cartas em sua generalidade, salienta que, “[...] seu corpo permite variados tipos de comunicação (pedido, agradecimento, informações, cobrança, intimação, notícias familiares, prestação de contas, propagandas e outros”. Dessa maneira, a depender do propósito pretendido com a escrita da carta, esta pode ser disposta em uma aplicabilidade ampla, conforme os fins que se intencionam atingir. Conforme disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.22):

Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico. Isso significa que as escolhas feitas ao dizer, ao produzir um discurso, não são aleatórias — ainda que possam ser inconscientes —, mas decorrentes das condições em que esse discurso é realizado. Quer dizer: quando se interage verbalmente com alguém, o discurso se organiza a partir dos conhecimentos que se acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que se supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que se tem, da posição social e hierárquica que se ocupa em relação a ele e vice-versa. Isso tudo pode determinar as escolhas que serão feitas com relação ao gênero no qual o discurso se realizará, à seleção de procedimentos de estruturação e, também, à seleção de recursos linguísticos.

Desse modo, o estilo da carta pode variar de acordo com a finalidade. O que pode requerer, ora uma linguagem formal, ora informal. Pode conter também, até mesmo, um teor mais crítico. Entre os tipos de cartas mais comuns, podemos citar a carta pessoal, comercial, carta ao leitor, de despedida, de amor, carta resposta, entre outras. Entretanto, não é nosso intuito explicitar cada uma delas. Interessa-nos, nesse trabalho, conhecermos um pouco mais sobre a carta argumentativa, em específico.

A carta argumentativa apresenta como característica essencial a tentativa de persuadir o interlocutor, já que o emissor se serve de uma série de argumentos que visam convencê-lo. Para isso, é necessário, que ao expor seu ponto de vista, as informações sejam postas de maneira clara, objetiva, concisa e coesa. Nessa perspectiva, as intenções discursivas são manifestadas através de uma solicitação e/ou reclamação em face a uma determinada situação comunicativa. Geralmente, destinada a uma pessoa com jurisdição ou com autoridade de decisão acerca do assunto abordado, no qual o locutor busca ser contemplado por meio do pedido ora efetivado.



Em sua estrutura, a carta argumentativa, é constituída por cabeçalho; contendo as informações referentes ao local e a data de onde se escreve, saudação inicial; em que se emprega um pronome de tratamento apropriado a quem a carta está sendo endereçada, o corpo do texto; espaço dedicado à exposição do tema abordado, em que se deve atentar para os aspectos mencionados anteriormente, saudação de despedida e assinatura do remetente.

Como podemos perceber, a composição da carta argumentativa não difere muito das cartas em geral, a característica principal para a sua elaboração é, exatamente, a capacidade de persuadir o destinatário. Por se tratar de um texto argumentativo, o locutor e/ou remetente precisa expressar seu ponto de vista e defendê-lo, podendo apresentar exemplificações, dados ou fatos que assegurem a autenticidade da opinião defendida. De acordo com Koch (2004, p. 29):

Quando interagimos através da linguagem, temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o outro de determinada maneira, obter dele determinadas reações (verbais ou não-verbais). É por isso que se pode afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras).

Por isso, a necessidade de elucidar o trabalho com esse tipo de gênero nas salas de aula, pois permite trabalhar os domínios da capacidade crítica dos educandos, representando um recurso importante para o desenvolvimento de suas habilidades discursivas. Como enfatizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.71), alguns gêneros “podem integrar atividades tanto de leitura como de escrita: é o caso de cartas [...]”. Um gênero que vem assumindo novos formatos e sendo adaptado pelas novas esferas de veiculação da sociedade contemporânea.

Assim, o ensino voltado para a diversidade de textos viabiliza a oportunidade de os alunos desenvolverem as competências linguísticas, ativando os conhecimentos de mundo, o desempenho argumentativo, bem como aprimorando as habilidades de leitura e escrita. Essa prática pode ser ofertada pela descoberta de um vasto mundo de inserção nos processos de produção escrita.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, dedicamo-nos aos encaminhamentos metodológicos traçados para a efetivação desta pesquisa. Optamos por organizá-lo em tópicos, nos quais contemplamos as principais características que norteiam esta investigação. Dessa maneira, iniciamos apresentando os aspectos constitutivos da natureza da pesquisa, seguidos da caracterização do campo de estudo, descrevendo informações a respeito da designação do objeto. Posteriormente, relatamos acerca da construção do *corpus* e dos procedimentos adotados para coleta e análise dos dados, buscando evidenciar a trajetória da pesquisa e os meios que possibilitaram sua concretude. Além disso, tecemos alguns comentários sobre os direcionamentos das análises empreendidas.

### 4.1 A natureza da pesquisa

Uma menção preliminar para elucidarmos esta pesquisa é o fato de a sua simbiose com o campo da Linguística Funcional Centrada no Uso. A escolha por essa perspectiva de estudo da língua, viabiliza uma compreensão da linguagem a partir de seu funcionamento, concebendo-a nas suas dimensões de uso. Esse olhar sobre a língua possibilita que as pesquisas em andamento, ao serem conduzidas sob este viés teórico, lancem uma visão que expressa o distanciamento de uma compreensão de língua como entidade estática, fechada. Assim, outros apontamentos à investigação linguística são incorporados, em que se abarcam os aspectos contextuais e comunicativos como elementos relevantes para o entendimento da linguagem.

Feitas essas colocações, destacamos que outra característica pertinente para esta pesquisa é a sua inserção em uma abordagem qualitativa. Na visão teórica apresentada por Minayo (2001, p.14), “a abordagem qualitativa se preocupa com a vastidão de significados concernentes aos processos de análise e explicação dos acontecimentos linguísticos frente à dinamicidade das inter-relações sociais”.

A vinculação à abordagem qualitativa enseja perspectivas metodológicas que caracterizam a pesquisa pelo realce investigativo de explorar dados que exprimem os aspectos linguísticos emergidos a partir do seu uso. Esse fato evidencia a versatilidade da linguagem, bem como a influência extralinguística dos contextos efetivos de comunicação na escolha dos falantes.

Além disso, para o desenvolvimento da referida pesquisa adotamos o método descritivo-interpretativo. Em termos gerais, as descrições têm por intuito explorar acerca dos aspectos linguísticos de viés funcionalista, com base no conceito de figura e fundo, enunciados em textos do gênero carta argumentativa e crônica produzidos pelos alunos do 9º ano investigado.

Quanto ao aspecto interpretativista deste estudo, Moita Lopes (1994, p. 331) salienta que, “na posição interpretativista, não é possível ignorar a visão dos participantes do mundo social caso se pretenda investigá-lo, já que é esta que o determina” [...]. Dessa maneira, a referida pesquisa se propõe a analisar os elementos linguísticos, descrevendo e interpretando as estratégias discursivas e cognitivas utilizadas para dar sustentação aos enunciados comunicativos.

#### 4.2 Caracterização do campo da pesquisa

Nosso campo de pesquisa fica localizado no município de Marcelino Vieira, Estado do Rio Grande do Norte (RN), trata-se, mais especificamente, de uma instituição de vinculação administrativa estadual da rede pública de ensino. A escolha por essa instância escolar se deu, principalmente, pela história compartilhada com essa instituição, que perpassa desde a vivência como aluna do Ensino Fundamental I e II até o trabalho desempenhado temporariamente como monitora.

O trabalho pedagógico desenvolvido nessa instituição de ensino ocorre mediante o envolvimento de todos os segmentos que integram a comunidade escolar. Esse trabalho é executado por meio de reuniões e planejamentos semanais, bem como através da elaboração de projetos de trabalho conforme as áreas de conhecimentos afins. Esses projetos têm seus resultados submetidos, no final de cada bimestre, a uma avaliação que visa subsidiar o planejamento escolar em todos seus aspectos.

Além do mais, são efetivadas bimestralmente reuniões com os pais dos alunos, com o intuito de envolver a instância familiar na prática pedagógica e incentivá-los a atuarem de forma cooperativa na prevenção e resolução de possíveis problemas. Com isso, a instituição visa estabelecer uma parceria constante com os familiares, prezando pelo fortalecimento de vínculos a fim de aperfeiçoar as estratégias e favorecer o processo de ensino e aprendizagem.

A escola também conta com a contribuição de projetos e atividades educacionais, tais como o Programa Mais Educação, Conselho Escolar e incentivo à leitura, objetivando

estimular a participação e inserção dos educandos em todos os segmentos escolares, como também, na deliberação de ações pedagógicas e administrativas, visando à promoção de uma educação de qualidade. Segundo disposto no Projeto Político Pedagógico (PPP), à escola também promove eventos com atividades didático-pedagógicas, exposição de trabalhos de pesquisa e torneios de esporte e lazer. Conforme descrito no documento:

O trabalho desenvolvido na escola ocorre por meio de um processo de construção e interação da comunidade escolar com o conhecimento da realidade da instituição, trabalhando as experiências sociais, afetivas e cognitivas inseridas na formação do educando, abordando-os de forma interdisciplinar (PPP, 2014, p. 16).

Assim, tem investido em melhorias na infraestrutura, na qualificação profissional, disponibilização de material didático e pedagógico e em uma ação democrática que se traduz por meio de ações concretas de acompanhamento, controle e avaliação. Assumindo, assim, uma liderança atuante junto aos demais segmentos escolares, a saber, pais e comunidade, visando sempre buscar soluções para os problemas que surgem.

Isso justifica a articulação pedagógica proposta pela instituição, a fim de ofertar situações de aprendizagem que oportunizem aos alunos a promoção do desenvolvimento nas práticas de leitura e escrita, no domínio do cálculo, na formação de atitudes e valores, na autoestima, no respeito aos direitos e deveres, no pensamento crítico-reflexivo da realidade, dos problemas sociais e das situações vivenciadas. O PPP destaca que:

Além das habilidades direcionadas nas várias situações de aprendizagem, a escola no decorrer do ano letivo busca superar os desafios que permeiam o contexto escolar desenvolvendo atividades e projetos que levam em consideração as necessidades dos educandos, dadas as limitações e os recursos disponíveis, e mediante integração dos professores, alunos, equipe pedagógica, equipe gestora, pais e demais funcionários comprometidos com a educação proporcionada pela escola (PPP, 2014, p. 17).

Outro fator preponderante nas ações executadas pela instituição escolar, no que refere ao processo de ensino e aprendizagem, são os procedimentos referentes à avaliação. Esta se dá de forma contínua e busca, sobretudo, o aprimoramento de toda a prática educativa realizada na escola, contemplando todas as instâncias, seja no que compete ao trabalho administrativo ou a prática docente executada em sala de aula. Dessa maneira, frequentemente “são feitas reuniões pedagógicas para avaliação do desempenho escolar, analisando cada

turma conforme as suas peculiaridades e traçando direcionamentos para que o trabalho seja melhorado” (PPP, 2014, p. 19).

Nessa perspectiva, a escola reconhece a relevância de uma prática transformadora que reveja a especificidade da ação na instituição, isso requer a garantia de uma educação de qualidade a fim de propiciar que as relações estabelecidas no espaço escolar estejam além da organização física e curricular. De acordo com as proposições do Projeto Político Pedagógico se faz necessário “atentar para uma proposta curricular contextualizada, com práticas inclusivas que respeitem a individualidade do aluno, que promova suas potencialidades e a valorização dos saberes adquiridos nas práticas sociais” (PPP, 2014, p. 19). Para isso vem, constantemente, se comprometendo com o acompanhamento e a avaliação das metas estabelecidas.

A esse respeito, o PPP (2014, p. 20) da escola enfatiza que “somente lançando um olhar que sirva de elo entre ensino, conhecimento, aprendizagem, corpo docente e discente se garantirá o sucesso do fazer pedagógico, e, conseqüentemente, a eficácia da educação”. Assim sendo, a instituição tem lutado para minimizar as problemáticas existentes, empenhando-se em propiciar um ensino melhor.

#### 4.3 Os participantes

Os participantes da pesquisa se constituem de alunos de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental II, composta por 34 alunos com faixa etária entre 14 e 16 anos. Esses estudantes são provenientes da zona rural e urbana do município, em sua grande maioria de classe média baixa, filhos de pais agricultores, donas de casa, servidores públicos e aposentados(as).

No intuito de melhor encaminhar os trabalhos da pesquisa, bem como de resguardar e manter a identidade dos participantes foi aplicado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com informações acerca dos propósitos e objetivos do referido estudo aos alunos voluntários. Além dos mais, optamos por designar os textos dos informantes utilizando-se da nomenclatura **AMOSTRA**, acrescido de uma numeração que lhe foi atribuída aleatoriamente.

#### 4.4 Constituição do *corpus*

O *corpus* que compõe o cerne das investigações e reflexões constituintes desta pesquisa são produções textuais, produzidas, mais especificamente, entre os meses de outubro e dezembro de 2014. Foram coletados um total de vinte e nove textos, porém, tendo por intuito uma quantidade exata dos textos e pretendendo refinar o *corpus*, optamos por selecioná-lo, excluindo, assim, nove deles.

O critério utilizado para seleção das produções escritas levou em consideração a informatividade contida nos textos (descartamos os textos que estavam incompletos), tendo em vista que alguns alunos entregaram apenas a primeira versão e não retornaram com a segunda versão solicitada pela professora regente para correção. Desse modo, constitui o universo deste estudo vinte textos dos gêneros carta argumentativa e crônica produzidos por concluintes do Ensino Fundamental II, sendo dez textos de cada gênero.

A opção pelo 9º ano se explica pelo fato de ser um nível que demarca a transição para o Ensino Médio e demanda, de certa maneira, que o aluno tenha habilidades com a escrita de textos. Pois, consideramos que esse aluno demonstre maior sustentação na formulação das ideias apresentadas na construção dos textos, ainda que nem sempre seja essa a realidade encontrada.

Além do mais, a escolha por essa turma se deu, especificamente, pela homogeneidade da classe, como também, pelo trabalho constante com a escrita que vinha sendo desenvolvido com a turma. Nessa circunstância, os textos do gênero crônica, que constituem o *corpus* dessa pesquisa, foram solicitados pela professora, por ocasião da realização da Olimpíada de Língua Portuguesa.

A Olimpíada de Língua Portuguesa se refere a um programa instituído em 2008, em consonância com o Ministério da Educação (MEC) e com a Coordenação Técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), cuja iniciativa visa aprimorar a prática pedagógica dos professores de Língua Portuguesa pertencentes à rede pública de ensino em todo país. Ademais, busca contribuir para o desenvolvimento das habilidades escrita, visando promover o aperfeiçoamento das produções textuais de alunos oriundos do sistema público de ensino.

No ano de 2014, o programa realizou sua quarta edição, propondo como tema: “O lugar onde vivo”. Mediante essa proposta, o (a) professor(a) deveria solicitar ao aluno, participante do concurso, a escrita de um texto conforme os respectivos gêneros: poema, memórias literárias, crônica e artigo de opinião. Para isso, os textos deveriam apresentar um resgate histórico das experiências vividas na comunidade, considerando à realidade em que os alunos estavam inseridos, como meio de fortalecimento dos vínculos com suas raízes,

reconhecimento da cultura e estabelecimento da cidadania. Foi, portanto, tomando como base esse contexto que as crônicas utilizadas para compor essa investigação foram produzidas.

Quanto aos textos do gênero carta argumentativa que compõem o *corpus* dessa pesquisa, a proposta de redação teve como base as eleições 2014. Excepcionalmente, no que diz respeito às polêmicas discussões realizada nas redes sociais, depois do pleito eleitoral, direcionadas ao povo nordestino com relação ao voto para presidente.

Tomando por base essas discussões, que por sua vez, marcaram fervorosamente o momento vivido em todo o Brasil, a professora propôs a produção de uma carta argumentativa dirigida ao Ministro da Educação, solicitando que ele promovesse uma campanha nacional tendo por intuito divulgar as potencialidades (sociais, econômicas e culturais) da região. A fim de que pudessem levar o Nordeste e sua cultura ao reconhecimento de que é uma das identidades do povo brasileiro, esperando-se, com isso, amenizar a questão do preconceito com os nordestinos.

Os textos constitutivos do *corpus* desta pesquisa foram escritos em sala de aula, não foram necessariamente produzidos para essa investigação, contudo, compõem um material representativo para análise linguística. Feitas essas colocações, a análise contempla sob a ótica da perspectiva funcionalista da linguagem, a compreensão de plano discursivo, cujo objeto de estudo focaliza as noções de figura e fundo.

O propósito é investigarmos como se dá a articulação discursiva dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II na escrita dos textos, como também verificar o domínio discursivo com ênfase nas noções de figura e fundo abordando os aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos. Aspectos estes consideráveis para a condução das análises a qual nos propomos e que integram o foco desta pesquisa.

Em linhas gerais, esse é o espaço que se delinea para a investigação das categorias funcionalistas denominadas figura e fundo, empreendida na análise dos dados.

#### 4.5 Procedimentos de coleta dos dados

As etapas referentes aos procedimentos da coleta dos dados se deram da seguinte forma: inicialmente estabelecemos o contato pessoal com a professora regente da disciplina em que foram esclarecidos os propósitos da pesquisa. Na oportunidade, foi explicado que não comprometeríamos o seu planejamento, tampouco, o cronograma dos conteúdos a serem trabalhados em classe. Com o consentimento da professora, os textos foram coletados em sala de aula, em um intervalo de tempo de três meses.

Optamos pela coleta *in locus* pelo fato de estarmos trabalhando com a língua em uso, bem como de tentarmos elucidar os aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos constitutivos do sistema linguístico. Desse modo, o texto representa, para a Linguística Funcional Centrada no Uso, o construto da manifestação do discurso, assim, acolhemos a ideia de que a estruturação da língua é suscitada por aspectos cognitivos, sociais e comunicativos. Por isso, consideramos nas análises, fatores que mantêm uma correlação com a motivação do discurso e que abrangem tanto os aspectos internos (linguísticos) como os extralinguísticos do sistema.

No primeiro contato com a turma, ao adentrarmos na sala, expusemos o intuito da pesquisa e os objetivos da investigação. Assim, os convidamos para participarem e solicitamos a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos que estimavam colaborar com o estudo. Não houve rejeição de nenhum aluno em participar da pesquisa, constituindo, desse modo, um total de vinte e nove produções textuais coletadas. Entretanto, no processo de refacção dos textos solicitados pela professora, como destacado anteriormente, nem todos os alunos(as) retornaram com a versão final.

Após a coleta dos primeiros textos (crônicas), realizamos uma leitura prévia e identificamos os aspectos pertinentes à investigação. Transcorridas dez semanas, retornamos à escola para coletarmos os demais textos (carta argumentativa). Com o *corpus* montado passamos a efetivação de uma análise minuciosa, buscando sistematizar, consoante a teoria funcionalista, norteadora das reflexões teórico-metodológicas realizadas nesta pesquisa, uma análise dos textos coletados.

No entanto, esclarecemos que não participamos do processo de mediação, orientação, facção e refacção de nenhum dos textos coletados e analisados por este estudo. O acesso a essas produções se deu apenas no momento das coletas efetivadas em sala de aula, como já mencionado. Ressaltamos, ainda, que as amostras foram digitadas. Optamos por essa forma de apresentação para favorecer uma melhor visualização dos textos.

#### 4.6 Categorias de análise do *corpus*

A análise e compreensão de planos discursivos sob a ótica das noções de figura e fundo, nas produções textuais que constituem o foco desta investigação, é abordada à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Uma perspectiva teórica em que as questões linguísticas são compreendidas levando-se em consideração o uso real, bem como as instâncias pragmáticas e discursivas que as gerou.



Dessa maneira, a língua é tida como uma atividade social, de forma que, estando a serviço das configurações cognitivas e comunicativas está suscetível às pressões do uso. Assim, a estrutura é flexível, adaptável e dinâmica, uma vez que o contexto discursivo e os fatores extralinguísticos exercem forte influência nos propósitos comunicativos dos falantes.

Nesse sentido o texto é concebido como uma manifestação da linguagem, no qual o gênero discursivo é tido como uma representação dos usos da língua, evidenciando a sua funcionalidade nas diversas instâncias sociais. Diante disso, as crônicas e cartas argumentativas adotadas como objeto de análise deste estudo, enquanto textos constituem um meio de propagação das práticas socioculturais da língua, que se processam a partir das evidências do uso linguístico dos falantes.

Tendo como intuito a compreensão de planos discursivos da perspectiva funcionalista da linguagem, com ênfase nas porções centrais e periféricas do texto, a que se denominam figura e fundo, às análises empreendidas são versadas tomando como subsídios teóricos as contribuições dos estudiosos vinculados a Linguística Funcional Centrada no Uso, a saber: Givón (2001, 2011), Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2003; 2015), Hopper e Thompson (1979; 1980), Martelotta (1998;2011), entre outros autores pertinentes a investigação.

Com base nisso, fizemos um mapeamento do *corpus* coletado e a partir dos vinte textos selecionados, propusemo-nos a efetivar uma compreensão e análise das ideias contidas nessas produções, vislumbrando o modo como os alunos articulam o seu discurso a fim de atenderem seus objetivos comunicativos e atingirem às necessidades do seu interlocutor. Assim sendo, deteremo-nos às premissas figura e fundo, já apresentadas no capítulo teórico, objetivando analisar como se processa a produção escrita dos alunos.

Para isso, consideramos pertinente refletir sobre os dados estipulando categorias de análise. À articulação dos dados em categorias vislumbram contemplar cada um dos questionamentos elaborados pela pesquisa, e estão assim apresentadas:

- Nível textual-discursivo;
- Nível semântico e pragmático.

Por meio dessas categorias e subsidiados no aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, visamos uma apreciação dos dados, no qual nos lançamos a investigar como se apresenta o plano discursivo nas amostras que compõem a análise. Para isso, optamos por analisar os gêneros separadamente.

As designações utilizadas para a distinção entre figura e fundo na apreciação do *corpus*, seguem apresentadas da seguinte forma: negrito para as informações principais (figura) e sublinhado para as ideias secundárias (fundo). Além disso, as amostras estão apresentadas seguindo uma ordem numérica que lhes foi atribuída aleatoriamente.

O processo de condução das análises procedeu com os seguintes encaminhamentos: como ponto de partida, delineamos algumas considerações acerca dos procedimentos de articulação textual utilizados pelos alunos na composição de seus textos. Por conseguinte, apresentamos alguns desdobramentos no que tange ao plano discursivo, enfatizando o eixo investigativo figura e fundo contido nas amostras, seguida das categorias convencionadas para a análise. Em síntese, esse é o percurso que se esboça para as análises pretendidas.

No capítulo seguinte, procedemos apresentando às referidas análises.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, fazemos uma discussão refletindo acerca dos dados coletados. Além do mais, apresentamos os resultados alcançados com a investigação sobre o plano discursivo com foco nos eixos central (figura) e periférico (fundo), tomando como *corpus* de estudo produções textuais de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, já mencionado no capítulo metodológico. Assim, os objetivos traçados para este estudo são analisados simultaneamente, uma vez que se encontram esmiuçados de forma correlacionada e contextualizada conforme as discussões teóricas que estão sendo realizadas no decorrer desse trabalho, bem como na medida em que as análises estão sendo empreendidas.

### 5.1 A organização textual nas produções dos alunos do 9º ano

Como já citamos anteriormente, o *corpus* deste estudo se constitui por vinte textos escritos, coletados em uma turma de concluintes do Ensino Fundamental II, advindos de uma escola pública estadual. Às análises que se sucedem damos-lhe um olhar funcionalista, uma vez que essa abordagem busca situar os dados da língua em uso, contemplando, com isso, os elementos sintáticos, semânticos e pragmáticos.

O intuito dessa apreciação atenta para os procedimentos de articulação textual com base nas premissas de cunho funcionalista classificadas como figura e fundo. Desse modo, a nossa análise se volta para os aspectos semânticos, pragmáticos e textual-discursivo em correlação com as estratégias discursivas utilizadas pelo indivíduo para organizar funcionalmente seu texto, frente a um determinado leitor, em face de uma determinada situação comunicativa.

O propósito das análises sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso incide, necessariamente, na possibilidade de compreensão da língua a partir do uso real. Nessa visão, evidenciamos várias formas de expressão comunicativa dos falantes, decorrendo, assim, na manifestação do processo organizacional do texto, inclusive na ordenação das informações narradas pelos eventos contidos nas produções textuais, de modo especial, referentes ao gênero crônica e à carta argumentativa, que constituem as amostras desse estudo.

Os procedimentos de organização textual evidenciados nas amostras coletadas se revestem de estratégias discursivas eminentemente essenciais para a elaboração do texto.

Certamente isso implica, para o fato de que, o emissor orienta o seu discurso afim de que o receptor possa (com)partilhar do(s) seu(s) propósito(s) comunicativo(s).

Dessa maneira, nos debruçamos na compreensão, interpretação e análise de dez cartas argumentativas e dez crônicas, o que integraliza um total de vinte textos. Pretendemos, com isso, vislumbrar os objetivos delineados para esse estudo. Nesse sentido, para a efetivação das análises, recorreremos às contribuições teóricas da Linguística Funcional Centrada no Uso, campo na qual nos baseamos para elucidar os propósitos pretendidos.

Com relação ao plano discursivo, cuja articulação está associada aos graus de centralidade e perifericidade das sentenças constitutivas do texto e que em outros termos são classificados de figura e fundo, destacamos que funcionam como elementos responsáveis pela sistematização das informações enunciadas nos textos.

Na sequência, exploramos as ocorrências de figura e fundo encontradas nas amostras constitutivas desta análise. Reiteramos dessa maneira a noção de plano discursivo como função pragmática, uma vez que o texto pode conter diversos planos, nos quais alguns eventos se sobressaem em relação aos demais, fato que ocasiona uma distinção entre os enunciados relatados, o que os tornam principais ou secundários (figura e fundo).

Inicialmente, achamos pertinente elucidar algumas considerações em torno dos aspectos que tratam do plano discursivo apresentados nas amostras. Destacamos no tópico seguinte, as considerações que refletem o modo como os participantes da pesquisa estruturam o seu texto para alcançar seus desígnios comunicativos.

Propomo-nos a consolidar uma análise contextual dos enunciados centrais e periféricos dos textos mencionados. Utilizamos para distinção entre figura e fundo os caracterizadores anteriormente citados e explicados na metodologia. Definido o mapeamento em que se alicerça a condução dessa pesquisa, passemos as considerações acerca das amostras que compõem a análise.

## 5.2 Desvendando os textos

Nesta sessão, tecemos comentários sobre a compreensão da sistematização do plano argumentativo produzido pelos alunos em seus textos. Nas amostras que se apresentamos buscamos identificar o nível textual-discursivo e os aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos dos eixos figura e fundo nas produções textuais coletadas, descrevendo quais orações estão associadas ao primeiro e ao segundo, respectivamente.

Procuramos verificar o grau de saliência dos eventos apresentados, analisando o que é mais e/ou menos acentuado no plano discursivo. Como sabemos, o processamento mental, bem como a comunicação humana, realiza o registro da natureza individual através da estruturação das informações postas no discurso, de modo a destacarem como ideias centrais ou secundárias, atuando como informações simultâneas a essas.

Em razão disso, vislumbrando confirmar a defesa de Martelotta (1998) para quem o fundamento compreensivo para plano discursivo vai além do domínio da narrativa, demonstramos, desse modo, que os parâmetros da transitividade podem ser aplicados a diversos tipos de gêneros, como é o caso que evidenciamos no decorrer dessa pesquisa.

Adotamos, assim, uma investigação que atenta para a correlação entre os traços caracterizadores do evento causal prototípico, assumindo a classificação base figura e fundo, em razão de atenderem aos objetivos estipulados, os quais subsidiam a análise a seguir.

### 5.2.1 Análise das cartas argumentativas

Este tópico consiste em expor, descrever e interpretar os graus discursivos distribuídos no plano argumentativo dos textos dos alunos. De início, tratamos da contemplação dos textos referente ao gênero carta argumentativa, posteriormente, abordamos a crônica. No entanto, essa organização não impede a possibilidade de uma contextualização entre os argumentos tecidos no decorrer da apreciação das amostras, que se encontram projetadas logo em seguida.

#### AMOSTRA (01)

Marcelino Vieira, Rio Grande do Norte

18 de novembro de 2014

Excelentíssimo Senhor Ministro da Educação José Henrique Paim.

**Venho através desse meio solicitar que o Senhor promova uma campanha nacional como o seguinte tema: “O nordeste e as suas potencialidades”.**

Deixe-me explicar melhor, todos nós sabemos que a região nordeste é rica em diversas potencialidades, tais como da nossa economia, da nossa formação social e, principalmente as nossas potencialidades culturais.

**Deste modo, pensamos em realizar essa campanha para que a mesma possa levar o Nordeste e toda a sua cultura ao reconhecimento de que é e sempre será uma das**

**identidades do povo brasileiro, onde, depois disso, ficamos a esperar a amenização do preconceito com relação a nossa região.**

Sendo assim, espero sua resposta positiva.

Atenciosamente,

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Fonte: Silva, 2016.

Na **AMOSTRA (01)**<sup>6</sup>, ao observarmos as proposições estruturais do gênero carta, nesse caso, excepcionalmente, a carta argumentativa, notamos as estratégias argumentativas utilizadas pelo(a) informante para fazer a solicitação direcionada ao Ministro da Educação. Os termos destacados em negrito indicam as informações que constituem a comunicação central. Referem-se às porções do texto que assinalam a sequência dêitico-temporal, isto é, a figura.

Por outro lado, as demais sentenças (sublinhadas) representam os argumentos que dão apoio e complementam a informação principal, que gira em torno da solicitação de uma campanha nacional em prol da promoção das potencialidades da região nordeste. Os argumentos que se sucedem ao eixo central, isto é, o plano fundo contextualiza a referida solicitação feita pelo(a) informante por meio da carta.

Na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, abordagem na qual nos embasamos para conduzir essa análise, o falante articula o seu texto a fim de não apenas comunicar algo, mas, sobretudo, de se fazer compreendido por um possível interlocutor para que, assim, seus propósitos comunicativos sejam alcançados.

Fazemos isso, em termos de sistematização do plano discursivo. Isto é, na tentativa de focalizar linguisticamente os argumentos que se concebem como mais relevantes, no qual o falante atribui-lhes um grau de saliência maior em relação às cláusulas tidas como secundárias, buscamos, no plano discursivo, a partir das noções de figura e fundo uma articulação dos eventos narrados.

Assim, a forma de organização apresentada na **AMOSTRA (01)** reflete a maneira como o informante percebe e interpreta o mundo, já que os planos discursivos figura e fundo estão diretamente relacionados ao processamento cognitivo e perceptivo, em que se funda a comunicação e à articulação da informação (GIVÓN, 2011).

---

<sup>6</sup> As amostras que compõem essas análises foram mantidas em sua originalidade.

Os eventos postos estão articulados em uma sequencialidade temporal, haja vista que a maneira como as informações são apresentadas contribuem para a progressão dos argumentos relatados pelo(a) informante, compondo, assim, os elementos de figura. Esses eventos estão correlacionados com as informações suplementares, concernentes aos elementos constitutivos de fundo, que são responsáveis pela contextualização e ampliação das situações enunciadas na carta.

À medida em que os eventos são explicados, comentados e situados no tempo e no espaço, o informante se serve de uma série de elementos discursivos e pragmaticamente situados que, por sua vez, atuam cooperando para a constituição do sentido do texto. Desse modo, esses aspectos caracterizam não apenas os fatores de ordem semântico-cognitiva, mas permeiam relação com o mundo social. Como elencado anteriormente, a linguagem não se detém à simples representação da realidade objetiva, mas expressa as experiências e a maneira como é percebida pelos indivíduos (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Já na **AMOSTRA (02)**, o (a) informante apresenta uma organização diferente da anterior. Vejamos a articulação argumentativa utilizada pelo discente para compor seu plano discursivo.

### **AMOSTRA (02)**

Marcelino Vieira, 21 de novembro de 2014

Exmo. Sr. Ministro da Educação José Henrique Paim,

Dias após o Brasil decidir nas urnas seu novo presidente, eleitores ressentidos com o resultado da eleição, usam as redes sociais para disseminar manifestações de ódio contra os nordestinos.

Embora esses ataques tenham fama de serem provenientes de pessoas do Sul e Sudeste, também, existem pessoas da própria região nordeste que ofendem seus conterrâneos pela escolha da candidata do PT, Dilma Rousseff.

**Diante dessa situação, queríamos que o senhor promovesse campanha em televisões, rádios, escolas mostrando a economia social e cultural do nordeste, fizesse palestras nas escolas para que os jovens não crescessem com a mentalidade preconceituosa, programas de conhecimento do povo nordestino, mostrasse o potencial da região.**

Atenciosamente,

XXXXXXXXXXXXXXXXXX
--------------------

Fonte: Silva, 2016.

Notadamente, é perceptível na carta da **AMOSTRA (02)** uma sistematização estrutural diferenciada da carta apresentada na amostra anterior. Seguindo o percurso argumentativo inverso do primeiro, o (a) informante da carta em análise opta por ordenar seu texto apresentando inicialmente as porções de texto correspondentes ao que se classifica como fundo.

Os encaminhamentos secundários são orientados pela descrição das sentenças que caracterizam o tema, os comentários dos eventos, a manifestação dos argumentos complementares das informações centrais, no qual exprimem suas opiniões e argumentos. Somente no parágrafo final, expõe o fato principal, intrínseco em seus comentários iniciais, revelando, assim, o seu propósito essencial via escrita da carta.

Além disso, o (a) informante também apresenta um grau maior das sentenças de fundo, visto que dispõe de um acréscimo mais conciso nas informações que constituem o plano de fundo, diferentemente do primeiro, que é mais sucinto.

Contudo, embora tenha optado pela estratégia de somente expor a ideia central no desfecho da carta, não podemos julgar que isso tenha agravado o plano argumentativo, acarretando problemas ou prejuízos, já que o informante consegue efetivar seu propósito comunicativo e suas ideias são expressas de maneira a não comprometer o aspecto semântico do plano discursivo.

Nesse caso, os eventos que se apresentam em um plano inferior (de fundo), se comparados à figura (solicitar ao Ministro da Educação a promoção de uma campanha contra o preconceito aos nordestinos), sobre os quais recaem o foco argumentativo incidem como elementos extensivos das ideias expressas, servindo como feixes informativos de níveis inferiores de saliência discursiva. Essas configurações estão relacionadas à percepção e à cognição, isto é, as informações de primeiro plano são nitidamente mais salientes já as menos aparentes, consequentemente, possuem menor relevo perceptual.

No conteúdo comunicado pelo(a) informante da **AMOSTRA (02)**, este recorre aos recursos linguísticos utilizando-os em suas múltiplas possibilidades de articulação discursiva. Uma demonstração disso é a sua opção em apresentar toda uma contextualização acerca do assunto abordado antes de anunciar o propósito principal. Isso representa, em certa medida, que o informante busca dosar a mensagem veiculada em função do que se supõe provocar em seu interlocutor.



Com isso, o conteúdo informacional é organizado discursivamente em função das demandas comunicativas específicas, com o intuito de atingir o interlocutor, neste caso José Henrique Paim, e atingir o propósito pretendido. Assim, a ênfase pragmática direciona a atenção do interlocutor para o conteúdo informacional com maior saliência discursiva (figura).

Para marcar linguisticamente seu texto, o (a) informante da **AMOSTRA (02)** faz opção pelo uso de estratégias discursivas que o projeta numa articulação argumentativa diferente da escolha feita pelo informante da amostra anterior. Isso representa do ponto de vista cognitivo, como também pragmático e semântico, que o locutor/falante se comunica com o outro a fim de trazer-lhe informações sobre uma determinada coisa, seja da esfera externa ou de seu universo interior, esperando, com isso, ocasionar alguma reação por parte de seu ouvinte/interlocutor.

Ao considerarmos a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso sobre as noções de plano discursivo, percebemos que os parâmetros figura e fundo correspondem, tanto a funcionalidades pragmáticas, como discursivas (HOPPER & THOMPSON, 1980). Assim, a organização que o falante dá ao seu texto é definida tanto pelas suas finalidades comunicativas, como pela percepção que possui acerca das possíveis exigências apresentadas pelo seu interlocutor. Vejamos como o próximo informante articula suas ideias no texto, conforme ilustra a amostra seguinte.

### AMOSTRA (03)

Marcelino Vieira- RN, 17 de novembro de 2014

Exmo. Ministro da Educação, José Henrique Paim,

A ampla vantagem da candidata Dilma Rousseff no primeiro turno no nordeste reacende o preconceito contra o nosso povo, e todos sabem que o nordeste é uma das regiões mais pobres da sociedade brasileira.

Desde já lhe pergunto quais serão suas propostas para que as pessoas de outras regiões possam ter o respeito para o povo desta humilde região chamada “Nordeste”. Tenho algumas propostas para indicar ao senhor, **uma delas é o sr.criar campanhas que mostre o que o nordeste tem de melhor**, para que o povo dessa região seja reconhecido de alguma forma.

**Peço-lhe que o senhor proponha um melhor desempenho para nossa região,**

**fazendo campanhas, e que o sr.possa fazer que o nordeste seja reconhecido pelos outros estados.** Estou aguardando sua resposta!

Com os melhores cumprimentos,

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Fonte: Silva, 2016.

Observemos que na **AMOSTRA (03)**, a figura, destacada em negrito, que é o parâmetro indicativo da informação considerada como primordial e se refere ao desenvolvimento do evento por meio da exposição sequencial do acontecimento relatado, aparece de forma menos evidente na carta escrita pelo(a) informante.

A progressão dos elementos constitutivos do plano de fundo, desencadeados no transcorrer das informações que compõem os argumentos contextualizadores do eixo central, embora não sejam apresentados de forma concisa e objetiva, contribuem para situar o interlocutor em torno do evento tratado.

Na formulação do texto, o falante, inicialmente, possui apenas uma ideia geral sobre o evento. Ao passo que este o constrói e/ou o produz, este vai utilizando-se de estratégias organizacionais que situam o interlocutor no evento enunciado, pois essa sistematização discursiva se dá no momento da enunciação.

No texto isso não se dá de forma diferente, em termos de plano discursivo. O emissor registra os fatos conduzindo o receptor acerca do grau de centralidade e perifericidade das sentenças que compõem o seu texto. Como discutido por Martelotta (2011), mesmo que cada indivíduo faça uso da língua a seu modo, revelando seu estilo ou procurando maneiras comunicativamente mais eficazes de enunciar suas ideias nas mais variadas situações comunicativas, ele o faz através da utilização de princípios gerais e regulares.

Diante disso, como a transitividade oracional na visão funcionalista, diz respeito a uma característica da oração como um todo e, não apenas ao verbo, Hopper e Thompson (1980) destacam que a relevância discursiva é cognitivamente determinada pela forma como o falante arquiteta as suas ideias. Nesse sentido, o plano discursivo é organizado cognitivamente, na busca de codificar linguisticamente o que se percebe conforme os planos de figura e fundo.

É importante registrarmos que os aspectos designativos das informações veiculadas pelo informante através da carta, refletem o seu posicionamento acerca do assunto discutido. Nesse caso, a construção das propriedades semânticas direciona o interlocutor à compreensão em torno de qual ponto de vista o assunto está sendo abordado. Ou seja, a maneira como o

plano de figura e fundo (em destaque no texto) estão dispostos no plano discursivo funcionam como indicadores organizacionais do propósito pretendido, que é convencer o Ministro da Educação a minimizar e/ou resolver o preconceito contra a região nordeste.

A articulação argumentativa adotada pelo informante da **AMOSTRA (03)** demonstrem os constituintes de fundo, ao incidir consubstancialmente sobre a figura coatum para que o propósito comunicativo do locutor seja estabelecido. Dado o caráter fluido e dinâmico da língua, esses fenômenos tendem a serem motivados pelos contextos comunicativos em que os indivíduos produzem seus enunciados.

Desse modo, temos que as unidades linguísticas apresentam ao mesmo tempo uma dimensão formal e uma dimensão significativa (semântica, pragmática e discursiva). Assim sendo, o uso do sistema linguístico envolve a ativação de todos esses fatores, e, por conseguinte, a análise linguística deve levar em consideração a relação entre todas essas instâncias.

Nesse sentido, o evento principal enunciado na carta (solicitação ao Ministro da Educação pela criação de campanhas contra o preconceito ao povo nordestino) focaliza a figura, que é acrescido dos comentários adicionais (fundo) ao eixo central. Dizem respeito, portanto, à porção de texto que colabora com o entendimento discursivo, oferecendo suporte ao plano argumentativo. Vejamos como isso é evidenciado, tomando como base a **AMOSTRA (04)**:

#### **AMOSTRA (04)**

Marcelino Vieira- RN, 18 de novembro de 2014

Exmo. Sr. Ministro da Educação, José Henrique Paim,

**O propósito da minha carta é buscar mudança e respeito.** Por que acho um absurdo que nós nordestinos sejamos caracterizados como ignorantes ou desinformados por nossos votos. Isso tudo, só porque grande parte do nordeste votaram na Dilma Rousseff.

Mas enquanto nordestinos, vamos lutar e mostrar apesar de tudo que primeiro somos brasileiros como qualquer outro, segundo uma nação, para ser grande tem que respeitar o jeito do outro de ser, e terceiro o nordeste traz uma riqueza muito grande para acultura brasileira, música, teatro e literatura.

**Finalizando a situação peço ao Senhor que promova campanha nacional que divulgue as potencialidades da região, econômica, social e cultural para que possa levar**

o nordeste e sua cultura ao reconhecimento de que é uma das identidades do povo brasileiro. Sópeço que salve a diversidade humana, diferença não é defeito.

Atenciosamente,

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**Fonte:** Silva, 2016.

O teor dessa conjuntura textual é comprometido, em razão do informante não apresentar de forma clara uma hierarquização coerente dos eventos enunciados. As informações que se sucedem como plano de fundo no desenvolvimento dos fatos revelam que o informante apresenta dificuldades em argumentar o tema proposto. É notório, até aqui, que existe uma semelhança com relação aos pontos de vista dos(as) informantes, visto que os mesmos defendem as potencialidades da região nordeste e demonstram sua indignação quanto às manifestações de preconceito dirigidas ao povo nordestino.

Entretanto, no plano argumentativo, os graus de centralidade e perifericidade dos enunciados variam conforme os propósitos comunicativos de cada informante. No caso dessa amostra, as informações constitutivas do eixo periférico são articuladas de forma precária, o que resulta em uma hierarquização incongruente das ideias veiculadas no texto. O plano discursivo figura não é articulado de forma consistente, pois, há uma dispersão no sequenciamento cronológico dos enunciados o que não favorece a contextualização dos acessórios (fundo) que tem por funcionalidade fundamentar os argumentos que o (a) informante da **AMOSTRA (04)** almeja conferir ao que é relatado.

Como podemos observar, a progressão dos eventos enunciados na carta, coloca em evidência uma carga emotiva de indignação e desrespeito perante a situação tratada. Ao se reportar às riquezas e à cultura nordestina que atuam como conteúdo constitutivo do plano de fundo, o informante recorre a certos mecanismos cognitivos e discursivos que visam orientar o interlocutor acerca do conteúdo comunicado.

Embora o fluxo informacional dos elementos que atuam como fundo se apresentem dispersos, o informante busca prover o interlocutor de informações julgadas necessárias, como também direcioná-lo ao propósito comunicativo almejado. Os elementos de figura e fundo se correlacionam na constituição discursiva, pois para a articulação desses aspectos atuam mutuamente, segmentos de ordem semântico-cognitiva como discursivo e pragmático.

Nas considerações de Hopper (1979), a figura deve tratar do conjunto que integra as sequências narrativas, já o fundo se refere aos acontecimentos que emolduram as sentenças principais e que, de certa forma, as complementam. Nesse sentido, a amostra em análise

revela que ao conduzir o relato dos eventos descritos, a atividade de construção argumentativa apresentada no texto resulta em prejuízos ao plano discursivo. Muito embora, consiga comunicar o evento informacional pretendido com a carta, o (a) informante revela a necessidade de redefinir a disposição do plano argumentativo.

Na **AMOSTRA (05)**, identificamos mais facilmente as entidades que se apresentam em primeiro plano, como figuras bem descritas e focalizadas. Esse procedimento resulta em uma contextualização que, simultaneamente, reveste o plano de fundo, enriquecendo-o e fortalecendo o evento cogitado, e que pode ser verificado na construção da carta argumentativa.

### AMOSTRA (05)

Marcelino Vieira (RN) 30 de outubro de 2014

Excelentíssimo Ministro da Educação

**Após a reeleição da candidata Dilma Roussef é muito comum vermos inumeros comentários maldosos nas redes sociais contra o nordestino, tendo em vista que não foi só o nordeste que votou nela a mesma conseguiu milhares de votos em outras regiões do Brasil, então para que esse preconceito com o nordeste?**

Será que o nordeste não tem direito de expor seus direitos, até porque o voto é onde você expressa a sua cidadania para decidir o que é melhor para o nosso país e esse preconceito não é só contra o voto, é também por causa da nossa fala, da nossa cultura, dos nossos costumes e entre outros motivos. Será que é porque vivemos em uma região não muito beneficiada, onde não chove frequentemente, onde a maioria da população é analfabeta, mas mesmo assim são pessoas batalhadoras que trabalham duro para conseguir o pão de cada dia. Lembrando que São Paulo também está sofrendo com racionamento de água. Entendam que apesar de vivermos em regiões diferentes, acima de tudo, somos seres humanos e devemos ser respeitados.

Embora no passado, termos sido motivos de preconceito devido a miséria causada pelas fortes secas enfrentadas, não deve se tornar estigma histórico, pois bem visto, esse preconceito parte principalmente de pessoas que se dizem ter boa educação. Nesse sentido percebemos que a educação destes não tem incluído questões de humanização, respeito e bom senso.

**Para reduzir esse mal social o senhor deve denunciar essas redes sociais e criar**

**campanhas para evitar esse preconceito.**

Diante do que foi exposto, **o senhor precisa percorrer um longo caminho para que possamos ter um país sem preconceito e com pessoas que não julguem e sim respeitem a decisão de votos que cada um tem.**

Atenciosamente,

XXXXXXXXXXXXXXXX

Fonte: Silva, 2016.

Ao enunciar o evento inicial, em que se apresenta o tópico central do conteúdo a ser desenvolvido no decorrer do fato narrado na carta, verificamos um sequenciamento bem articulado dos argumentos evidenciados como eixos secundários e que conferem apoio à ideia defendida, aspecto característico de textos classificados como argumentativos. Essa tipologia tem por quesito essencial a persuasão, dada a necessidade de convencimento por parte do locutor face a um determinado interlocutor, geralmente, com o intuito de resolver ou buscar soluções diante de uma problemática.

A maneira pelo qual as informações são dispostas na **AMOSTRA (05)** reflete a preocupação do(a) informante ao construir seu texto, por um lado, arquiteta-o de forma a representar suas intenções comunicativas e, por outro, fazendo um processo seletivo das ideias a serem propagadas ao seu interlocutor. Isso ocorre porque locutor e interlocutor estabelecem um processo interativo de sentidos. Isto é, ao passo que o locutor exprime seus propósitos comunicativos, sugere que o interlocutor construa expectativas e faça inferências, a fim de que os sentidos sejam processados.

Isso reflete a pressão que o contexto pragmático-discursivo desempenha sobre as possíveis interpretações que o interlocutor venha acionar acerca das informações veiculadas na carta. Por assim dizer, é através das relações comunicativas que os indivíduos articulam o discurso, numa espécie de simbiose, dadas as condições contextuais em que se processa a comunicação.

Nessa conjuntura textual, os parâmetros da clareza nas ideias postas, da precisão e da objetividade constituem fundamentos cruciais para a desenvoltura e progressão textual. Ao tratarmos de plano discursivo, esses fatores devem ser organizados de modo a assinalar os níveis de relevância discursiva. Referimo-nos, conforme afirma Hopper (1979), da identificação do grau de saliência dos enunciados apresentados no discurso.

Percebemos que o informante da **AMOSTRA (05)** consegue corresponder à descrição dos eventos (fundo) simultâneos ao eixo principal (figura), mantendo seu posicionamento

inicial e conferindo uma hierarquização lógica aos seus argumentos. Não podemos negar, portanto, a existência de algumas ideias dispersas, mas essas não ocasionam dificuldade na compreensão do texto, pois, atendem aos comentários realçados no desfecho da carta.

A organização em grau de centralidade e perifericidade, a que Hopper e Thompson (1980), fazem menção em seus estudos servem para favorecer a compreensão e colaborar, no plano discursivo, com a organização representativa interna e a manifestação externa para as pessoas. Com isso, os argumentos que compõem os acessórios do plano argumentativo (fundo) evidenciados na carta referente à **AMOSTRA (05)** atuam como elementos sustentadores que, fundem-se, sobre o tópico principal, ou seja, a figura.

Quando o falante escolhe o formato por meio do qual opta organizar seu texto, o faz, de fato, com o intuito de ajustá-lo às suas intenções comunicativas, bem como de corresponder às expectativas do seu interlocutor. Tais escolhas são cognitivas e pragmaticamente determinadas, e dizem respeito à noção de centralidade e perifericidade das sentenças constitutivas do plano discursivo, denominadas figura e fundo.

A forma de articulação discursiva feita pelo falante no(s) texto(s) revela o grau de saliência das informações, que além de auxiliar na ordenação das informações a serem expressas, também favorecem uma melhor sistematização das ideias, ajudando o interlocutor a situar-se discursivamente em torno das informações veiculadas no texto. Passemos, agora, à análise da próxima amostra.

#### **AMOSTRA (06)**

Marcelino Vieira- RN, 28 de outubro de 2014.

Exmo. Sr. Ministro da educação José Henrique Pain,

**O preconceito está em alta e através desta carta venho demonstrar minha indignação contra essas atitudes indignas em relação ao nordestino.**

O nordestino está sendo cada vez mais alvo do preconceito, principalmente nessa época da política onde estão sendo humilhados, desprezados etc, em redes sociais por pessoas que não respeitam o voto do outro. Agora eu pergunto: O que essas pessoas mal intencionadas estão ganhando? No que eu vejo elas não estão ganhando nada e, sim, perdendo tempo, pois as redes sociais são para ser usadas para coisas boas, como: postar fotos divertidas ou até mesmo denunciar algo de errado. No entanto, essas pessoas com alto poder aquisitivo, aproveitaram as redes sociais para denegrir a imagem de um povo

trabalhador e alegre.

O Nordeste já era uma das partes do Brasil mais excluídas por outras pessoas de outros estados, mas ainda há pessoas de corações bons e que defendem o nordestino e sua cultura. Não temos para que fazer uso de práticas preconceituosas nem com os nordestinos, que são pessoas trabalhadoras e de bem, nem qualquer outro ser humano, pois cada um tem seu direito de votar em quem quiser.

**Concluimos que o exmo. Sr. ministro deveria promover uma campanha nacional que divulgasse as potencialidades de nossa região, que é economicamente, socialmente e culturalmente muito rica e cheias de bons grados. Nesse sentido essa campanha servira para levar o Nordeste e sua cultura ao reconhecimento de que seu povo é dotado e constituído de uma das identidades do povo brasileiro. E com isso, esperamos amenizar a questão do preconceito, que chega a ser uma questão de princípios e educação.**

Atenciosamente,

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Fonte: Silva, 2016.

Nessa carta o (a) informante dispõe suas ideias de modo a evidenciar, inicialmente, em seu discurso o propósito pretendido com a carta. O trecho em negrito designa a figura, isto é, o assunto principal a ser abordado pelo informante. O realce do ponto de vista posto expressa toda sua indignação com relação ao cenário de desrespeito direcionado aos nordestinos, por ocasião das eleições, em especial, ao voto destinado à presidenta Dilma Rousseff, fato que constituiu, por parte de alguns, motivo de questionamentos e críticas a região.

Para fundamentar seu discurso, compõe os elementos de fundo sugerindo um questionamento “O que essas pessoas mal intencionadas estão ganhando?”, como estratégia semântica para marcar sua fala, afim de despertar o interesse do Ministro da Educação, a quem se destina a carta, para interagir com seu texto. Isto porque no processo de escrita, o autor/escritor resgata, cognitivamente, os conhecimentos de mundo e pragmaticamente construídos configurando-os, discursivamente, de modo a dispor na materialidade do texto, o seu propósito enunciativo.

Na **AMOSTRA (06)**, em análise, isso é feito de maneira a demarcar o que o (a) informante considera mais pertinente para o seu discurso, ou seja, o que classificamos de figura, isto é, os eventos mais salientes ou relevantes do texto. Compreendemos que em qualquer situação da fala o pensamento humano é cognitivamente processado a fim de se



estabelecer uma hierarquização nos níveis de centralidade e/ou perifericidade do plano discursivo (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015).

O locutor busca, assim, orientar seu interlocutor acerca do grau de fundidade das informações propagadas, refletindo a maneira como se organiza para atingir seus propósitos comunicativos. As circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas são pragmaticamente determinadas. Há, desse modo, uma relação contínua entre figura e fundo coatuando para a progressão do texto.

Nesse caso, as informações constitutivas dos eventos de fundo giram em torno das redes sociais e chamam atenção para os casos em que esses recursos tecnológicos são mal utilizados pelas pessoas. Entre os seus usos, destaca o (a) informante, está o fato de “práticas preconceituosas”. Contudo, o que podemos depreender da apresentação dessas informações é que, no plano constitutivo do fundo, o (a) informante não consegue articulá-lo de maneira clara e coerente. Há, portanto, uma argumentação inconsistente das ideias expressas, com frases dispersas que não corroboram para o desenvolvimento do texto.

No desfecho da carta quando a informação central é retomada (figura), momento em que o (a) informante direciona seu discurso à solicitação de uma campanha nacional, como possível medida para tratar a situação exposta, este(a) enfatiza que uma solução viável estaria relacionada à educação. Essa evocação fica dispersa no texto, em virtude dos argumentos sustentadores do seu ponto de vista não terem sido bem articulados no decorrer da carta.

Entretanto, o (a) informante consegue expor seus propósitos comunicativos, ainda que de maneira comprometida, visto que há a necessidade de uma organização discursiva mais sistematizada, com apresentação e defesa do ponto de vista do locutor, requisitos esses cruciais na composição do gênero carta argumentativa. Já que o intuito é convencer seu interlocutor, as informações precisam estar ordenadas de maneira que venham contemplar os aspectos requisitados pelo gênero em questão. Apreciemos, na **AMOSTRA (07)**, como se dá a articulação do plano discursivo veiculado na carta seguinte.

#### **AMOSTRA (07)**

Marcelino Vieira- RN, 30 de outubro de 2014.

Ao ministro da educação: José Henrique Paim

Exmo. Sr. Ministro da educação, José Henrique Paim

**Após e antes das eleições no ano de 2014, surgiu a discussão do voto**

**nordestino, e também a questão do preconceito linguístico com as pessoas da região nordeste.**

O eleitorado de outras regiões do país, olharam com uma força odiosa em relação a nossa região, e passaram a nos chamar de burros e analfabetos, sendo que muitas pessoas são formadas e letradas, tendo grande importância para o Brasil, por isso o voto do nordestino não se caracteriza como estão retratando.

Somos chamados de ignorantes e burros por pensarem que no Nordeste apenas existem pessoas pobres que passam necessidade e que não tem instrução, mas isso é um engano, pois só mostra a arrogância de alguns que não conhecem a nossa realidade e saem pelas redes sociais e na mídia em geral desabafando absurdos e se expondo preconceituosamente em relação ao voto nordestino.

Exmo. Ministro, vemos também a questão do preconceito linguístico, que abrange uma variedade de polêmicas sobre esse tipo de discriminação, sofremos isso por causa de nosso modo de falar que é característico de nossa região; **medidas mais rigorosas deveriam ser criadas para punir ou fazer com que esse tipo de preconceito não mais aconteça.**

Por essas razões peço para que seja criada uma campanha que divulgue as potencialidades da região tanto na economia, como social e cultural, para que possa levar o nordeste e sua cultura ao reconhecimento de que é uma das identidades do povo brasileiro e com isso esperamos amenizar a questão do preconceito em pauta, pois julga-se que o preconceito seja talvez devido a falta de conhecimento dos traços típicos do nosso povo, que tem suas próprias razões para dar seu voto de forma livre a quem achar certo.

Atenciosamente

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Fonte: Silva, 2016.

Na **AMOSTRA (07)**, observamos que o (a) informante relaciona as manifestações de preconceito ao voto do nordestino como sendo, também, um motivador de ordem linguística. Como destacado na porção de figura, o seu discurso se direciona a fatores de natureza cultural, social e educativa. Ao destacar “Somos chamados de ignorantes e burros por pensarem que no Nordeste apenas existem pessoas pobres que passam necessidade e que não tem instrução [...]”, o (a) informante expressa uma carga que evoca emoção entrecruzada com o sentimento de denúncia e descontentamento para com aqueles que “olharam com uma força odiosa em relação a nossa região”.

Em seus argumentos, demonstra dinamicidade ao expor a situação desencadeadora dos fatos decorridos. O material que fornece a sustentação de suas ideias, como porção de fundo, ampliando e comentando seu tópico principal aparecem distribuídos em uma ordem, não necessariamente bem articulada, mas lógica.

Do ponto de vista estrutural do texto, a linearidade das informações são justapostas em consonância com a mobilização dos elementos constitutivos do sentido do texto, tanto no nível discursivo, como pragmático. Agentes que interferem diretamente no processo de construção/escrita de um texto. Esses recursos não somente fornecem o material necessário para a formulação do discurso, como também variam desde feixes informativos veiculados em pontos estratégicos no desenrolar do texto, bem como para direcionar o interlocutor em torno de qual sentença representa o foco de progressão do discurso (figura) e/ou qual contribuem para a montagem da situação descrita (fundo).

Desse modo, os contínuos figura e fundo estão intimamente associadas a uma função discursiva-comunicativa tratada por Hopper e Thompson (1980) no grau de transitividade contidos nas sentenças. No caso da **AMOSTRA (07)** o (a) informante busca comover seu interlocutor, ao deixar claro nas palavras expressas a gravidade dessa problemática. A forma pela qual os eventos são enunciados na carta demonstra a inquietude do(da) informante ao compor seus argumentos de sustentação (fundo) em consonância com o foco principal (figura).

Na busca pelo convencimento por parte de seu interlocutor, esse (essa) recorre a recursos linguísticos cognitiva e pragmaticamente orientados para persuadi-lo. Além disso, faz uma seleção das palavras direcionando o seu interlocutor a fazer parte do texto. Para isso, enfatiza as informações consideradas necessárias (fundo) para a constituição discursiva do foco argumentativo.

Muito embora não o faça com propriedade, pois revela dificuldades em argumentar seu ponto de vista, busca estabelecer uma relação de interação com seu interlocutor. Feitas essas considerações, o (a) informante destaca como porção de figura que “medidas mais rigorosas deveriam ser criadas para punir ou fazer com que esse tipo de preconceito não mais aconteça”.

Observamos que primeiro(a) informante dosa a informação preparando seu interlocutor para a informação subsequente. Assim, culmina fazendo a solicitação a José Henrique Paim, acrescido de mais eventos de fundo que se relacionam com a figura, estabelecendo, dessa maneira, uma organização argumentativa criativa e dinâmica. Na

amostra seguinte, a articulação do plano argumentativo feita pelo(a) informante se dá conforme se segue.

### AMOSTRA (08)

Marcelino Vieira/ RN	16 de novembro de 2014
<p>Exmo. Ministro da Educação José Henrique Paim,</p> <p><b>Sabemos que depois das eleições de 2014, onde a presidente Dilma Rousseff foi reeleita as críticas nas redes sociais não parava de crescer, essas críticas era diretamente para a população nordestina que votou no PT (Partido dos Trabalhadores), onde era difamando o voto do nordestino.</b></p> <p><u>A maioria da população nordestina vive do bolsa família, portanto essas famílias carentes leva em consideração o direito de votar no PT que foi o partido que criou o programa do bolsa família.</u></p> <p><u>Muitas das críticas aos nordestinos foi porque votaram pelo o seu bolsa família, o estado de São Paulo foi um dos que mais criticou os nordestinos por causa de seu voto, Será que os paulistanos não sabe que 1,2 milhão de sua população vive do bolsa família?</u></p> <p><b>O Brasil precisa acordar e para isso acontecer precisamos muito da ajuda educacional, onde podemos realizar campanhas para tentar finalizar essas críticas que o povo nordestino vem sofrendo e não só campanhas mais sim também programas educacionais.</b></p> <p>Atenciosamente.</p> <p>XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX</p>	

Fonte: Silva, 2016.

Nessa carta argumentativa, a correlação entre os planos discursivos figura e fundo são apresentados de maneira distribuída na conjuntura do texto. Há, como podemos visibilizar na medida em que efetivamos a leitura, uma escrita que deixa a desejar nos aspectos concordância e coerência textual. Na **AMOSTRA (08)** o que pudemos notar é que as composições das sentenças constitutivas de fundo estão postas de forma comprometida.

Enquanto o foco (figura) da argumentação recai sobre as críticas permeadas em torno do voto a Dilma Rousseff e ao partido em que está vinculada (Partido dos Trabalhadores), o (a) informante não apresenta, sob o nosso olhar contemplativo, muita competência em defesa ao seu posicionamento, haja vista que não consegue expô-lo de forma clara. Os eventos de

figura em destaque não focalizam coerentemente os seus propósitos comunicativos, o que se estende aos comentários avaliativos (fundo), que giram em torno de ideias repetidas comprometendo o desenvolvimento do texto.

Há, no entanto, por parte do (da) informante a tentativa de atribuir consistência ao seu discurso, quando este (esta) faz usos de estratégias cognitivamente estabelecidas e pragmaticamente motivadas para dar sustentação ao que diz. É o fato que o faz trazer para o texto um dado estatístico a fim de contemplar uma justificativa para o voto nordestino, ao afirmar: “Será que os paulistanos não sabe que 1,2 milhão de sua população vive do bolsa família?”

Com essa indagação, há a busca de causar reflexão no interlocutor, e ao fazê-lo provocar a manifestação de inferências, entrelaçadas na representação do mundo interior e exterior e na interação semântica, pragmática e discursiva que atribuem sentido ao texto.

A ênfase para delimitar as porções de texto referente ao fundo aborda, especialmente, a criação de programas assistencialistas pelo governo do PT, entre eles o bolsa família. Um programa que contempla milhões de famílias nordestinas. É, principalmente, norteadada por esse argumento que o (a) informante busca sustentar a defesa do seu ponto de vista.

Na finalização da carta, o (a) informante tem dificuldade em direcionar a solicitação feita ao Ministro da Educação. O fluxo informacional dos eventos que se caracterizam como fundo se apresentam dispersos. Percebemos, no decorrer da carta a necessidade de uma melhor sistematização do plano discursivo, de forma coerente e coesa.

Na **AMOSTRA (09)** como podemos visualizar, o (a) informante apresenta em uma carta breve o tema proposto. De início, a ênfase do seu discurso, destacado como figura está, necessariamente, em demonstrar a sua preocupação com as críticas pós pleito eleitoral contra o povo nordestino na campanha da presidente Dilma. Vejamos como se apresenta a articulação do seu plano discursivo.

#### **AMOSTRA (09)**

Marcelino Vieira 17 de novembro de 2014

Exmo. Sr. Ministro da Educação José Henrique Paim;

**Mediante as discussões que estão presentes, principalmente, nas redes sociais depois do pleito eleitoral um dos assuntos que chamou atenção foi a questão do voto nordestino. Que preocuparam a região, e está preocupando cada vez mais se não tomar**

**uma atitude lógica para acabar com essa polêmica.**

Geralmente, o voto do povo nordestino ajudou muito ao cargo de Dilma na presidência, por isso a questão que mais chama a atenção, foram os fatos chocantes da brutalidade de estarem após o pleito eleitoral que se procederam.

Concluir-se que os problemas sociais, culturais e econômicos do povo nordestino. A violência é que está sendo mais vinculadas, o problema sociais é um erro.**A ideia é que boa parte dos problemas de segurança poderia ser resolvida com investimentos maciços na área social.**

Atenciosamente:

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Fonte: Silva, 2016.

O (a) informante dessa amostra revela diversos entraves no processo de formulação e sistematização das suas ideias. Pudemos depreender ao apreciar essa amostra a dificuldade de elaboração de um pensamento bem arquitetado, o que dificulta a constituição do seu ponto de vista. Como a figura não está posta de maneira clara e focalizada, isto interfere na relação com os eventos de fundo, não contribuindo, assim, para a contextualização do assunto abordado.

Nos eventos descritos em fundo, a informações expostas estão concisas e dispersas, sem uma hierarquização congruente às porções de texto que deveriam atribuir sustentabilidade ao foco argumentativo (figura). Isto demonstra que o (a) aluno(a) apresenta dificuldades em dimensionar os fatores de natureza semântica, pragmática e discursiva na articulação do seu plano argumentativo.

Um aspecto evidente, é que o (a) informante revela grande dificuldade em argumentar no seu texto, pois não consegue ampliar, comentar e fundamentar o eixo principal (figura). No desenvolvimento da carta, as informações secundárias (fundo) estão centradas na mesma ideia transmitida ao iniciar o seu discurso. Assim, a progressão textual é comprometida, haja vista o fato de o (a) informante não conseguir acrescentar e/ou trazer dados novos à temática.

Por não conseguir delimitar seu ponto de vista, as porções de texto referentes ao fundo não colaboram para que o leitor/interlocutor compreenda evidentemente as suas intenções comunicativas. Em todo texto há a necessidade de interagir com o interlocutor, trazê-lo para participar do texto, interagir com ele. Quando isso não ocorre, a compreensão e a construção

dos sentidos são comprometidas e, conseqüentemente, o propósito comunicativo também será.

Nesse caso, como estamos lidando com o gênero argumentativo, há a necessidade de uma competência discursiva norteada pelos fatores de natureza semântica, pragmática e discursiva. É preciso que o falante se sirva de todos os recursos linguísticos e extralinguísticos para efetivar com competência o seu discurso. Quando não dispõe desses recursos, o estabelecimento da interação comunicativa deixa a desejar.

Nessa perspectiva, a organização do plano discursivo revela não somente o grau de saliência perceptual das orações, mas visa direcionar o interlocutor em torno do que se refere às informações mais importantes ou mais periféricas, no sentido de fazê-lo entender qual o objetivo do seu discurso. Como nessa conjuntura textual o plano discursivo está comprometido, ainda que o (a) informante se faça entender, a articulação dos argumentos se mostram insatisfatórios.

Culmina, assim, na finalizaçãoda carta com a ausência de uma solicitação clara, já que consiste no objetivo principal da atividade proposta. O (a) informante deixa a informação vaga e não consegue formular o pedido destinado ao Ministro da Educação. A conclusão deixa uma sugestão implícita: “A ideia é que boa parte dos problemas de segurança poderia ser resolvida com investimentos maciços na área social”. Fica o questionamento: qual a pretensão do locutor com a carta? Há, portanto, uma evasão das ideias postas em relação à figura e a fundo no plano discursivo da carta sem que a correlação entre tudo o que se está relatando resulte coerente.

Passemos, então, a leitura e análise da carta argumentativa relativa à **AMOSTRA (10)**, conforme se apresenta a seguir.

#### AMOSTRA (10)

Marcelino Vieira RN

17 de Novembro de 2014

Exmo. Sr. Ministro da Educação José Henrique Paim

**Estou indignado com o preconceito ao povo do Nordeste que se deu depois do pleito eleitoral2014.**Dentre as características dessa região podemos dizer que nos orgulhamos do modo de ser de nossa gente, ou seja temos orgulho por se Nordestino.

**Por meio, desta solicitamos ao Senhor ministro da educação que promova uma**

**Campanha Nacional de reconhecimento pelo nordestino**,apontando os seguintes pontos, a cultura, a produção agrícola, entre outros aspectos do Nordeste, como a música já proclama “Imagina o nordeste fica independente, como seria o Brasil”.

Pois a cultura nos o artesanato, as festas, por exemplos as quadrilhas que já tradição da nossa gente, a produção agrícola, como o melão, a Petrobras que importa o petrolio, a cidade de Mossoró que tem a maio sálina, entre outras.

Saúdo o Senhor e espero a resposta positivamente a esta solicitação.

Atenciosamente

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Fonte: Silva, 2016.

Na **AMOSTRA (10)**, o plano discursivo se encontra organizado de maneira bastante precária. Constatamos desde altas evidências de erros ortográficos, supressão de palavras e argumentos fracos, tudo isso comprometendo o desenvolvimento dos enunciados propagados na carta. Além disso, o (a) informante não consegue expor os elementos de fundo, como comentários de apoio, avaliativos e contextualizadores da figura, de forma a apresentar uma sequencialidade coerente dos eventos.

O evento correspondente à figura, nessa amostra, está apresentada de maneira focalizada, com uma ordem lógica do discurso, ao contrário do que evidenciamos na **AMOSTRA (09)**. No entanto, semelhante à amostra anterior, o (a) informante também não consegue fazer uma articulação discursiva com propriedade, revelando, dessa forma, bastante dificuldade em argumentar o tema proposto.

Nos eventos secundários (fundo) descritos no texto são observáveis uma sistematização de ideias desconexas. Embora consiga designar a tese defendida, isto é, a ideia com maior grau de saliência perceptual a que denominamos figura, parece-nos confuso no momento de articulá-las no texto. Esse fato é percebido na tentativa do (da) informante de expor para o seu interlocutor a intenção comunicativa pretendida.

Verificamos, ainda, que nas porções de texto de fundo há a apresentação de diversas exemplificações que são colocadas de maneira vaga, incongruente e sem sequencialidade nas informações. Apenas são expostas uma série de ideias de maneira superficial, sem a preocupação com uma contextualização dos eventos propagados. Já que como discutido anteriormente, para a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), o fundo deve compor um recurso de apoio ao desenvolvimento discursivo, possibilitando a amplificação da



informação primária (figura), já que ambas, figura e fundo, estão correlacionadas e atuam corroborando para que isso aconteça (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015).

No entanto, na **AMOSTRA (10)** constatamos que isso não acontece de maneira adequada, em virtude da dificuldade argumentativa do (da) informante. Conseqüentemente, como podemos perceber, resulta em uma conjuntura textual que ocasiona prejuízos ao plano discursivo. Isso talvez venha decorrer, cognitivamente, de um processamento descontextualizado dos fatos veiculados na carta. Haja vista a necessidade do entrelaçamento desses eventos com as instâncias pragmáticas e discursivamente determinadas, fatores que contribuem para a formulação, articulação e disposição das informações contidas no texto.

Feita a apreciação das cartas argumentativas passemos, agora, a análise das amostras relativas ao gênero discursivo crônica, conforme se segue.

### 5.2.2 Análise do gênero discursivo crônica

Nessa sessão, fazemos uma análise do nível textual discursivo em consonância com os aspectos semânticos e pragmáticos que direcionam a forma de articulação discursiva dos textos produzidos pelos alunos(as) investigados(as). Nesse espaço, detemo-nos a elucidação das amostras referentes ao gênero crônica. Contudo, apesar da análise dos dados estarem dispostas de maneira individualizada, isso não nos impede de estabelecermos relações com as amostras analisadas anteriormente.

Para tanto, é necessário compreendermos que as informações centrais ou periféricas no texto não nos levam a uma distinção rigorosa e dicotômica entre as categorias classificadas como figura e fundo nas produções analisadas. Sendo, pois, necessário esclarecermos que ambas atuam no plano discursivo de forma conjunta, cooperando, assim, para sua progressão. O problema é quando estas não estão dispostas de maneira satisfatória, acarretando diversos problemas no texto.

Atentamos, desse modo, para a investigação acerca da capacidade do(a) aluno(a) em expressar e articular as informações contidas em seu texto no momento de sua produção, a partir do que se considera como mais relevante e/ou menos saliente para o seu discurso. Para ilustrarmos, vejamos as amostras seguintes.

#### **AMOSTRA (11)**

Do outro lado da feira
------------------------

No final da manhã, o relógio marcava onze e meia, minha mãe estava prestes a voltar do trabalho. Ela trabalhava numa escola, aí me veio à lembrança das frutas que ela havia me pedido para comprar na feira livre, como já é de costume todas as segundas.

Fui o mais rápido possível fazer as compras, mas chegando lá estava quase no fim da feira, mesmo assim, muita conversa tomava conta do ambiente, era um ruído misturado com um calor que vinha daquele sol ardente, no qual fazia escorrer um líquido meio desagradável no nosso corpo, entretanto, todos ali estavam como se estivessem felizes em meio a toda aquela bagunça, que quebrava a rotina da nossa cidade.

Era como se fosse uma explosão de cores das frutas e legumes que se tornava um colírio para nossos olhos. Enquanto uns continuavam a vender suas frutas gritando:

- Olha a goiaba laranja, cinco por dois reais.

- Vamos lá, é o fim da feira e o precinho é para esvaziar tudo.

Outros iam ao terminar aquela feirinha continuar suas vendas em outras cidades, porém entre todo esse alvoroço, passava despercebido no cantinho das barracas um casal, talvez idosos, por causa do rosto sofrido, roupas maltrapilhas e cabelos tão maltratados que nem a brisa do vento os fazia balançar. Ali estavam, recolhendo os restos de frutas, muitas delas estragadas para o consumo, para alimentar sua família que não tinha boas condições financeiras.

Aquela situação me deixou triste, mas ainda havia uma esperança, pois no final da rua, vinha uma senhora de idade e muito bem vestida por sinal, que se comoveu com aquela cena e resolveu repartir suas compras com aquele casal que precisava alimentar sua família.

O casal agradece a senhora dizendo:

- Muito obrigado pela sua gentileza, agora tenho como alimentar meus filhos que não tinham uma refeição digna há dias.

A senhora diz:

- Não me agradeça, apenas não fique se lastimando, pois como dizem os mais sábios “aquele que desperdiça o dia de hoje lamentando, mal gastará o amanhã deplorando o de hoje e nunca conseguirá sair da situação em que entrou”.

Então a senhora foi embora e deixou aquele casal pensativo, e eu fui para casa com

as compras da minha mãe. Ia pensando na conversa dos mesmos, pois sei que apesar de vivermos em um mundo egoísta onde as pessoas se importam mais com o ter do que com o ser, há pessoas ainda com dignidade de ajudar o próximo.

**Só que essa sensação foi como uma anestesia, cai em si e me bateu um sentimento de piedade,** pois na próxima feira quem aquele casal iria encontrar? A mim? Que já venho como o dinheiro contado e ainda por cima de minha mãe? Quem iria garantir o alimento da semana? **Ficou em mim essa grande dúvida que minha consciência me diz ser é um mal social.**

Fonte: Silva, 2016.

O texto da **AMOSTRA (11)** revela que o (a) informante da crônica demonstra uma articulação discursiva dinâmica: os eventos destacados como figura se apresentam em uma sequência temporal linear, de forma que a organização discursiva feita pelo(a) informante reporta os acontecimentos em uma ordenação que favorece o desenrolar dos fatos apresentados.

Os eventos em negrito (figura) são informações que contribuem para o desenvolvimento da narrativa, revelando uma saliência discursiva superior aos eventos sublinhados, a que classificamos de fundo. Nas porções de texto referentes ao fundo, as situações relatadas atuam de maneira a expandirem o enredo, na medida em que o (a) informante vai, cognitivamente, concatenando suas ideias de maneira a fazer inferências e estabelecer relações com o mundo exterior, este(a) faz uma seleção do que considera ser mais relevante para o seu texto.

Desse modo, há uma correlação forte entre figura e fundo. Compactuando das ideias de Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2015) podemos afirmar que a descrição das ações em fundo corresponde a eventos simultâneos às porções de texto referentes a figura. Isto é, ambas, figura e fundo funcionam conjuntamente no processo de constituição discursiva, uma vez que a primeira depende da segunda para sua contextualização.

Em termos da conjuntura estrutural do texto cronístico que se configura por apresentar uma linguagem simples, aproximando-se da oralidade, o escritor precisa ser capaz de usá-la configurando-a de modo a oscilar entre o jornalístico e o literário, constituindo-se assim como um texto artístico. Para isso, é necessário extrapolar a mera informação e contornar a linguagem de subjetividade. Contendo essas características, a crônica se reveste de peculiaridades que a torna um gênero dinâmico e híbrido.

Na **AMOSTRA (11)** em análise, percebemos que a maneira pela qual o (a) informante articula seu plano discursivo revela uma disposição de figura e fundo que coatuam para o progresso da história. Nos trechos relativos ao fundo pudemos evidenciar a ocorrência do uso de uma linguagem mais informal, com estilo conversacional e a reflexão de um fato do cotidiano, descrito como “um mal social”. Essa referência crítica a que o (a) informante se reporta evidencia os comentários descritivos e narrativos que o orienta para a composição do plano de fundo.

A centralidade da informação é percebida contrastivamente em oposição ao que se apresenta como elementos de fundo: comentários avaliativos e explicação dos fatos. Por outro lado, as informações principais a que denominamos de figura, evidenciam os eventos da comunicação central. Nessas orações os verbos são pontuais e estão no perfectivo (verbos no passado: marcava, estava, trabalhava, fui, era, passava, deixou) o que marca o relevo discursivo, visto que essas sentenças se sobressaem com um grau de saliência perceptual superior as demais, isto é, as que correspondem ao fundo.

Na **AMOSTRA (12)** observamos a apresentação de um enredo interessante e criativo. O fato do cotidiano relatado na história é recontado de maneira despretensiosa, reflexiva, com linguagem simples e um lirismo deslumbrante, características estas essenciais na composição do gênero crônica. Vejamos como isso se articula na **AMOSTRA (12)** a seguir.

### AMOSTRA (12)

Testemunha de um fantasma da solidão

**Qual cidadão vieirense não conhece ou nunca ouviu falar em um senhor que vive a caminhar pelas ruas.**Ele chama atenção de várias pessoas, por nada mais nada menos que pelo jeito de guardar as coisas, ou como diria alguns, juntar cacareco. Sim, ele anda pelas ruas catando bagulhos, tem uma barba meio branca, suja e que nunca é feita. Já deve ter seus 70 anos, ele é uma pessoa com cara de abandono. E as coisas que ele recolhe são aparentemente sem valor algum... mas para sua rotina do nada, solitária e a perambular pelas ruas da cidade isso ganha significados que não sabemos definir.

**Em uma tarde de quinta-feira, eu estava indo comprar utensílios para fazer um trabalho escolar, ia passando em frente a praça da rua abaixo, quando olhei e vi aquele senhor jogado no chão sofrendo uma crise epilética.**Várias pessoas estavam passando na rua naquele momento, só que ninguém se importava em ajudar aquele senhor.

**Parei de caminhar, fiquei quase sem ação, mas ao observar o que se passava naquele instante naquele recinto meio público.**E ao olhar para ele comecei a pensar como consegue viver sozinho com tamanha dificuldade. Não contava com o auxílio de nenhuma pessoa. Sua situação já tinha caído na rotina das pessoas.No entanto eu por ali, parada ainda, me comovia com aquele ar de tremedeira durante sua crise, sem uma mão amiga para ajudá-lo depois, sem um abraço para confortá-lo daquela dor tão pública.

**Até que em certo momento ele começou a se recuperar de sua crise e então se levantou, pegou seus objetos e foi embora. Parei de olhar e voltei a caminhar, mas mesmo assim continuei naquela cena...**

E se minha velhice chegar e eu não tiver ninguém para quem estender a mão?**Tentei imaginar isso, mas um sabor amargo de futuro cortou minha garganta e desceu rasgando uma angústia que me invadia.**

De quem se trata mesmo? De quase ninguém! Mas aqui estou eu, testemunha de um fantasma da solidão.

Fonte: Silva, 2016.

Nessa crônica, podemos vislumbrar uma articulação discursiva bem definida, com figuras focalizadas em um sequenciamento temporal de eventos afirmativos e lineares, aspectos que favorecem a progressividade das informações. Nessas porções de texto com maior realce discursivo, os eventos de figura estão postos de maneira ordenada, com ideias dispostas hierarquicamente fazendo com que haja um bom desenvolvimento do enredo.

Essa sequencialidade temporal, como abordadas designações de Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2003) nos permite afirmar que é o que faz a história avançar. Por isso, enfatizamos que os eventos referentes ao plano de figura precisam estar bem articuladas para o bom desenvolvimento do texto. Caso isso não ocorra, como verificamos no decorrer das análises realizadas com o gênero carta argumentativa, o plano discursivo fica comprometido. Contudo, não é o que ocorre na **AMOSTRA (12)**.

Notamos, nessa conjuntura textual que o (a) informante consegue atender as características do gênero em pauta, além de revelar consonância com a proposta de produção do texto. O texto revela aspectos que demonstram propriedade na seleção, formulação e disposição das ideias constitutivas do plano discursivo.

Com relação às partes do texto que assinalam as porções periféricas, isto é, o fundo, os enunciados que constituem seu discurso expressam os eventos que corroboram para a sustentação e contextualização da história. Dessa maneira, dizemos que é a porção fundo

responsável pela composição do cenário, ou melhor, pela caracterização do(s) evento(s). Assim, ancorados em Hopper (1980) afirmamos que é o plano de fundo o componente do emolduramento das situações e fatos apresentados.

Como podemos notar na **AMOSTRA (12)**, a organização das informações periféricas estão cognitiva e semanticamente orientadas pelas funções extralinguísticas das práticas discursivas vivenciadas pelo(a) aluno(a). O (a) informante consegue se servir dessas dimensões para estabelecer suas intenções comunicativas. Como o tema principal a ser abordado nas crônicas, em análise, é o lugar onde vivo, isso requer um mergulho na cultura, no tempo e no espaço para que possam ser estabelecidas essas relações. Instâncias, estas, que se apresentam bem definidas na composição do plano discursivo da **AMOSTRA (12)**. Passemos, agora, à análise da **AMOSTRA (13)**.

### AMOSTRA (13)

#### Retrato da vida

**Todo dia ao amanhecer, um velho senhor sai de sua casa para trabalhar na roça.** Toma seu café às pressas para não perder a hora. Ele se traja com seu chapéu de palha, calça e camisa de mangas compridas para proteger do sol e leva sua garrafinha de água para quando a sede bater molhar sua garganta.

No fim da tarde ele volta com a roupa cheia de barro, unhas sujas, a brisa do vento soprando e ele pedalando sua velha bicicleta.

**No caminho, ele ouviu de repente um barulho vindo do mato, foi olhar o que era, empurrou as folhas e viu um pequeno cachorro, todo machucado.** O senhor com um bom coração, pega-o e leva-o até o açude que tem ali perto do caminho. Coloca-o para beber água e limpa-o do seu modo, com um grunido carinhoso, o animal diz obrigado. O senhor segue seu rumo em busca de casa. Mas o senhor não consegue seguir, fica por ali conversando com as folhas, os sapos, vendo as lagartixas em sua disparada para lá e para cá. Ele fica dando um tempo na esperança do cãozinho voltar. Quando ver que o sol já está se pondo se despede dos seus “amiguinhos”:

- Bom meus amigos, tenho que ir, pois amanhã tem que esperar mais um dia raiar para vi de volta ao meu pedaço de chão, onde por aqui encontro vocês sempre felizes e brincando. Onde a vida é sempre festa.

**Foi um despedida fantástica, a flor lhe deu uma pétala para perfurar o suor do**

**dia, as águas acenando com as ondas, os pássaros cantando e no caminho o sol dando thau e fechando as cortinas do dia.**

Chegando em casa, ele toma seu banho, janta com a família, assiste seu telejornal e deita para dormir. Deixa que ele estava mesmo era dormindo e já era hora de acordar pra começar a vida com um amanhecer que promete expectativas boas, pois acordara destinado a reviver aquela jornada que carrega como um filme em sua mente.

Fonte: Silva, 2016.

Nessa amostra, o registro do fato do cotidiano narrado pelo o(a) informante evoca um acontecimento simples, referente ao homem do campo e de vida humilde, associado a relacionamento com a natureza, em especial com os animais. As marcas da oralidade presentes no texto, em forma de diálogo com os seres inanimados (flor, água, sol) a que se reporta a crônica, revelam a preocupação do (da) informante em atribuir um teor subjetivo a história, característica inerente ao gênero.

Pudemos evidenciar na **AMOSTRA (13)** que os planos de figura e fundo estão organizados de maneira a se fundirem no decorrer do texto. Isto é, constatamos que o (a) informante processa, cognitivamente, as suas ideias de maneira a mesclar os níveis de centralidade e perifericidade das informações. Isto se explica, como aponta Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2015) pelo fato de que as escolhas do indivíduo são pragmaticamente determinadas de acordo com os objetivos a que se presta a comunicação.

Desse modo, a distribuição dos planos de figura e fundo na **AMOSTRA (13)** nos revela que houve a preocupação, por parte do escritor(a) da crônica, em articular o seu discurso de maneira a não comprometer a sequência narrativa em relação ao foco principal do texto. Embora as dimensões de figura estejam distribuídas dinamicamente na conjuntura textual, não podemos julgar que o plano discursivo esteja mal articulado. Mas, podemos afirmar que essa ocorrência representa a maneira, ou melhor, as escolhas discursivas feitas pelo (a) informante para processar as suas informações.

O processamento das ideias são, portanto, não somente cognitivamente sistematizadas, mas, pragmática e discursivamente determinadas. Em outras palavras, essas dimensões estão inteiramente associadas e atuam de forma a constituírem o processo da comunicação. Por assim dizer, os critérios de seleção das ideias e a forma como o discurso é propagado estão, desse modo, entrelaçadas por tais dimensões discursivas.

O contraste entre figura e fundo na **AMOSTRA (13)** ilustra bem a atuação dessas categorias. Ambas estão funcionando de maneira correlacionada, os eventos de fundo são

postos de modo a evidenciarem as formas mais acentuadas do plano de figura, que estão em destaque perceptual em relação à saliência discursiva.

A ordenação das ações narradas no plano de fundo segue uma hierarquia cronológica dos fatos, com detalhes dos acontecimentos e comentários descritivos que ajudam a complementação dos eventos de figura. Notamos, com isso, uma organização discursiva criativa que favoreceu a dinamicidade do texto, não acarretando prejuízos ao aspecto semântico da construção textual.

No que compete à **AMOSTRA (14)**, percebemos, em primeira instância, um desvio com relação ao atendimento da proposta solicitada. Lembremo-nos que as amostras provenientes desse gênero discursivo foram produzidas por ocasião da realização das Olimpíadas de Língua Portuguesa do ano de 2014, tendo como tema: “O lugar onde vivo”. Diante disso os participantes do concurso deveriam, referenciados nessa temática, desenvolver um texto crônístico.

Contudo, o que pudemos constatar nesta amostra é que o (a) informante tenta desenvolver uma narrativa apresentando um fato do seu cotidiano, mas não consegue orientá-lo conforme as características inerentes do gênero crônica, como podemos visualizar na **AMOSTRA (14)**.

#### AMOSTRA (14)

O espírito humano

**Hora do almoço. Família reunida, mesa farta. Quanta comida em minha frente!**

Se eu comer um pouco de tudo, vou acabar estourando minha barriga. Sinto-me feliz em ter uma mesa assim e poder desfrutá-la com minha família. Tudo parece estar perfeito, pois tenho a garantia de uma alimentação de qualidade, que me nutre e dá prazer.

Mas, teimo em pensar além da comida que tenho. Penso em como eu sobreviveria sem aquela mesa farta e quantas dificuldades eu enfrentaria: não seria o adolescente alegre que sou, aprenderia pouco na escola, ter um prato de comida seria meu maior sonho.

Penso nisso tudo, e observo que, em minha cidade existe pessoas caridosas, que ajudam muitas outras que não tem esse direito básico garantido. Como é o caso do filho de dra. Lúcia, o qual não me recordo o nome. Todo ano no mês de junho ele faz uma festa, na qual o valor do ingresso não é em dinheiro, mas sim dois quilos de alimento que no final seramdividos em sextas básicas e dadas as famílias carentes. Vendo esse jesto, logo me vem



um sentimento de responsabilidade com aquelas pessoas que não tem a mesma mesa farta que eu. Não que eu deixe de comer bem, mas me vem a cabeça que eu tenho de fazer algo para que outros deixem de passar fome, se não até nossa querida cinderela poderá passar por esse problema.

Penso em que eu poderia fazer. Ai me vem a cabeça a figura de um brasileiro, seu nome Betinho, que lutou até o fim da vida contra a fome no nosso país. Se ainda tenho alguma dúvida sobre a minha responsabilidade com a questão da fome no mundo, a figura de Betinho e de outros milhões de brasileiros solidários me ajuda a superá-la.

Fonte: Silva, 2016.

Na **AMOSTRA (14)**, o fato de o (a) aluno(a) não conseguir arquitetar o seu discurso de maneira satisfatória, torna o plano discursivo vago e difuso. Os eventos são meramente relatados, sem preocupação com a utilização de uma linguagem mais subjetiva, lírica ou poética. Nos eventos que se configuram como plano de fundo, verificamos uma incidência de ideias dispersas e a descrição de situações e eventos que, por vezes, não atuam em consonância com o plano de figura.

As porções de texto referentes ao foco central da comunicação (figura) também se apresentam soltos no plano discursivo. Com relação a isso, a figura não estando bem centralizada, conseqüentemente, a disposição das cláusulas de fundo também sofre prejuízos que afetam não somente a progressão textual, como também os fatores semânticos discursivamente determinantes da articulação do texto.

No que diz respeito ao aspecto organizacional da **AMOSTRA (14)**, como podemos observar o (a) informante opta por uma sistematização informacional em que a apresentação das porções de texto relativas à figura se encontram distribuídas, intencionalmente, no plano discursivo. Deprendemos dessas evidências que o (a) informante busca elementos cognitivamente mais salientes para realçar o seu discurso.

Observamos, ainda, que outras ideias são agregadas ao plano de fundo, com vista a uma contextualização mais eficiente dos eventos simultâneos à cadeia da figura. A referência feita ao Betinho, citado na crônica, foi colocado de forma descontextualizada, funcionando apenas como um acréscimo informativo. Esses eventos constitutivos do plano de fundo, por estarem postos de forma dispersa não estão atuando de maneira satisfatória para o progresso do plano discursivo, uma vez que não estão assegurando eficazmente o emolduramento dos fatos registrados na figura para que a história avance.

Na **AMOSTRA (15)**, intitulada “A cama quebrada”, o (a) informante constrói o seu texto crônístico relatando acerca de um acontecimento vivido na infância. Mais especificamente, a narrativa é produzida tendo como cerne informacional uma cama, para ele(a), apresentada como mágica, conforme podemos visualizar na amostra em seguida.

### AMOSTRA (15)

#### A cama quebrada

**A cama já devia está velha, defeituosa, ela vive a muito tempo na minha memória, desde a minha infância** ela era tão confortável, tão macia, tão grande, enfim ela era tão especial, que pensava até que ela fosse uma cama mágica, lembro-me que assim que colocava meu corpo nela, já conseguia dormir de tão confortável que ela era, cheguei até a começar a chamar ela de cama mágica. Agora recebo a notícia me dizendo que ela tinha sido quebrada e teria que ir pro lixo.

A notícia dizia que minha mãe e meu pai escutaram ruídos e barulhos esquisitos vindo do meu quarto, isso era de madrugada por volta das 4:00 da manhã. Meus pais com muito medo foram no meu quarto para saber o que estava acontecendo, quando eles chegaram lá a cama tinha desaparecido do quarto, não havia nenhum sinal da cama. Meus pais ficaram abismados, igualmente a mim quando recebi a notícia. Meus pais voltaram a dormir, no mesmo dia, mais ou menos de umas 8:00 da manhã, assim que eles acordaram, eles foram no meu quarto, **chegando-lá a cama estava no mesmo lugar de antes, mas estava totalmente aos pedaços.** Meus pais se assustaram pensavam que fosse alguma macumba, ou coisa do tipo. Meus pais ficaram sem saber o que fazer, eles pensavam que a cama estava possuída, mandaram queimar a cama.

Aquela cama que era confortável, que era bonita, que era imensa, aquela cama que me deixava descançar nela. Agora não iria passar de meras cinzas queimadas.

Fonte: Silva, 2016.

Na crônica da **AMOSTRA (15)** evidenciamos que a disposição dos planos discursivos figura e fundo estão em constante movimento. Ambas as categorias de análise se intercalam no discurso do (da) informante. Essa estratégia discursiva subjaz a percepção e a cognição humana a que se refere Givón (2011). Ancorados nesse teórico, podemos afirmar que a maneira como os indivíduos interpretam as coisas do mundo perpassam as dimensões comunicativas, perceptuais e cognitivas em que os processamentos das ideias são fundados.

Nessa perspectiva, o nosso sistema de comunicação reflete a concepção do nosso universo interior e exterior. Dessa maneira, o modo como figura e fundo estão sendo apresentadas pelo(a) produtor(a) do texto nessa amostra nos revela uma atuação mútua na constituição discursiva.

No plano fundo observamos a inércia dos fatos, visto que há nessas porções de texto a caracterização do evento, com comentários que amplificam a história situando-a nas instâncias espaciais e temporais. No processo de construção da crônica, percebemos que o (a) informante busca prover o seu interlocutor com apontamentos considerados pertinentes ao enredo. Dessas evidências destacamos a narração detalhada dos atributos relacionados a cama (macia, grande, especial, mágica), que atuam compondo o cenário.

Essa estratégia cognitiva do (da) informante para a organização do seu discurso opera através da distribuição dos planos na ordenação dos eventos em termos de centralidade e perifericidade das orações. Isto implica salientar que ao nos referirmos ao plano de fundo da **AMOSTRA (15)** verificamos que a apresentação dos comentários explicativos tenciona não somente a complementação do enredo, mas fornecer suporte às sentenças de figura.

Isto posto e tomando como base, por exemplo, as proposições de Hopper (1980), compreendemos que a relação entre figura e fundo não é meramente distintiva, mas se trata de categorias que operam estabelecendo uma relação de complementaridade ao processo organizacional do plano discursivo.

Com relação aos eventos de figura destacados, constatamos o movimento, isto é, a quebra da inércia. Há, portanto, nessas porções de texto, a mudança das informações constitutivas da narrativa que atuam, desse modo, na progressividade da história. Embora isto esteja articulado de maneira precária, a disposição dos planos figura e fundo, bem como as escolhas discursivas do (da) informante revelam a tentativa de atender às funções pragmáticas em que o gênero crônica emerge.

No que diz respeito a **AMOSTRA (16)**, notamos que a projeção do plano discursivo apresentado pelo (a) informante nesta conjuntura textual se revela precariamente articulado. Um aspecto que merece destacarmos é, exatamente, a inadequação da produção escrita em relação ao gênero abordado. Em outras palavras, a amostra evidencia que o (a) aluno(a) apresenta dificuldades em construí-lo nos moldes inerentes ao gênero cronístico.

Essa constatação, inicialmente, nos permitiu perceber que o texto da **AMOSTRA (16)** caracteriza, na verdade, um breve relato em torno de um acontecimento real, vivido no momento em que o Brasil sediava a copa mundial de futebol. É sobre essa temática que o (a) informante se baseia para construir sua produção. Como podemos ver na **AMOSTRA (16)**.

### AMOSTRA (16)

#### O primeiro jogo

**Cinco dias antes da copa do mundo, eu estava na maior ansiedade. O carro de som já passava na minha rua, avisando da arena sorvelanche, onde o povo vieirense poderia ver em telão grande todos os jogos do Brasil.**

O primeiro jogo da arena sorvelanche me lembro como se fosse amanhã. A arena estava lotada cheias de brasileiros de lá pra cá, todos estavam com os olhos vidrados para não perder nem um lance se quer.

**O sofrimento tomou de conta quando o Brasil fez um gol. Só que tinha um defeito o gol era contra. O público foi a loucura, teve gente que tentou até se matar, calma ai seu Zé!**

**Depois o Brasil conseguiu virar para 3 a 1, minutos depois foi só alegria, não me deixa esquecer das apostas que foram feitas antes do jogo, Chico de Zeca foi o sortudo levou todo o dinheiro dos cabra macho que não apostaram no Brasil.**

E assim foi o primeiro dia na arena sorvelanche, sem pernas, nem braços e cabeça, por que lá houve de tudo até mesmo o sofrimento que não é típico de um povo tão alegre como os brasileiros.

Fonte: Silva, 2016.

Nessa amostra, o registro dos acontecimentos relatados na narrativa assinala que a distribuição dos níveis de centralidade e perifericidade das ideias constitutivas do plano discursivo estão postas de maneira superficial e inconsistente. A organização espaçotemporal das situações descritas nos eventos de fundo não reportam uma sequencialidade linear. Isto acarreta prejuízos à composição discursiva.

O (a) informante não consegue arquitetar cognitivamente e pragmaticamente o seu discurso de maneira satisfatória ao processamento das suas estratégias linguística e comunicativa no ato da enunciação. Isto é, lançamo-nos na construção de um texto em meio a um aglomerado de instâncias que determinam e, por sua vez, contribuem no processo de elaboração discursiva. Nas designações da Linguística Funcional Centrada no Uso isto significa afirmar que não há como desvincular o discurso das condições em que se efetiva. Desta maneira, entendemos que as estratégias cognitivas e perceptuais perpassam as relações estabelecidas com o mundo, como propõe Givón (2011).

Assim, a orientação discursiva do indivíduo em termos de figura e fundo está relacionado à saliência perceptual atribuída pelo escritor e/ou falante ao seu discurso, com destaque ao que almeja conferir com maior enfoque ou visibilidade a sua construção. Na **AMOSTRA (16)** essa articulação discursiva se apresenta semanticamente difusa e incongruente.

As orações destacadas como fundo, revelam argumentos explicativos dispersos que, necessariamente, deveriam atuar fornecendo apoio à cadeia de figura, mas como podemos contemplar na **AMOSTRA (16)** essa correlação entre informações primárias e secundárias no plano discursivo não se estabelece, satisfatoriamente, na organização do texto produzido pelo(a) informante.

Quanto aos eventos referentes à figura, estes estão expressando mudança informacional e atribuindo continuidade aos fatos relatados na história, embora estejam requerendo uma composição discursiva com uma elaboração congruente. Além do mais, enfatizamos que os comentários avaliativos e os elementos contextualizadores dos eventos narrados correspondentes ao plano de fundo se apresentam confusos.

No que concerne à **AMOSTRA (17)**, o (a) informante desenvolve o seu texto narrando a respeito da feira livre que acontece todas as semanas em seu município. De modo particular, o (a) aluno(a) focaliza a ideia central (figura) em torno de uma mulher, não especificada, que mendiga auxílio financeiro para amparar sua família carente. A progressão da narrativa se desenvolve quando surge o personagem de um vendedor, conforme podemos constatar no decorrer da amostra seguinte.

#### **AMOSTRA (17)**

A feira em Marcelino Vieira

**A feira em Marcelino Vieira acontece, toda segunda feira vem gente de todo município para ganha seu sustento.**Meninas nas bancas perguntam o preço de tudo mas, não compra nada as bancas cheia de coisas gostosa deliciosas só esperando alguém compra.

**De repente aparece uma mulher pedindo dinheiro para comprar alimento para seu filho.**De banca em banca a mulher passava ninguem dava nada a pobre senhora. Só um vendido que não tinha ganhado quase nada deu a mulher 10 reais.

Animada a senhora desse “obrigado senhor”. Com muita educação o vendedor perguntou a mulher “onde você mora”. Respondeu a-mulher “moro num barco flutuante que

vim morar comigo”. O homem falhou esta louca nunca deixarei minha família e frutas para morar com vocês”.

A noiteceu e o homem foi para casa na segunda seguinte o homem ia para feira e viu uma mulher chegando o senhor teve medo mas, a mulher pegou o senhor e sai pelo mundo afora e nunca mais apareceu.

Fonte: Silva, 2016.

Na **AMOSTRA (17)**, percebemos que o (a) informante ao enfatizar linguisticamente os eventos que considera como principais (figura), colocando-os em realce com relação ao que julga como informações periféricas (fundo) conforme a sua percepção, revela-nos que sua articulação discursiva se desenvolve precariamente.

Sobre as orações com maior visibilidade e saliência perceptual representantes dos segmentos caracterizadores da cadeia de figura, evidenciamos que a sequência temporal dos eventos constitutivos da comunicação enfática se apresentam complexamente sistematizadas. Esse fato ocorre em razão da incidência de informações articuladas de forma dispersa no plano discursivo, como podemos comprovar na **AMOSTRA (17)**.

A manifestação dessas constatações ressalta que, além dos diversos problemas linguísticos evidenciados no plano discursivo, há o comprometimento dos fatores de ordem semântica do texto. Em decorrência desse fato o (a) informante demonstra dificuldades em desenvolver a temática a que se propõe, conseqüentemente, os aspectos de ordem discursivo-comunicativa também são comprometidos.

Com relação aos eventos simultâneos às porções centrais do texto, correspondentes ao plano de fundo, notamos que os comentários avaliativos, a descrição das ações e a localização dos participantes na narrativa estão dispostos de maneira descontextualizada, causando, assim, um descompasso frente às ideias apresentadas.

Ao analisarmos a ordenação das ideias propagadas pelo(a) informante em relação ao que é primário e/ou secundário na **AMOSTRA (17)**, depreendemos no processo de investigação deste texto cronístico a dificuldade de elaboração de um arranjo cognitivo articulado do pensamento do(a) informante em face às instâncias pragmática e discursivas determinantes do seu discurso.

Nessa análise, lembramos aqui as proposições de Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2015), ao afirmar que, na Linguística Funcional Centrada no Uso, a construção/produção do discurso é uma atividade relacionada às motivações funcionais, sociais, semântico-cognitivas e pragmáticas subordinadas a cada instância comunicativa que o determina.

Estamos dizendo, portanto, que a organização funcional do texto em níveis de saliência discursiva (figura e fundo), reflete a necessidade de condução do interlocutor a fim de que se estabeleça os seus propósitos comunicativos. Em termos de organização discursiva quando isto não é bem articulado, como evidenciado na **AMOSTRA (17)**, o plano discursivo fica comprometido.

No tocante à **AMOSTRA (18)**, o (a) informante desenvolve sua crônica fazendo referência às experiências vivenciadas em família e aos momentos de conversas na calçada. Os trechos em negrito, caracterizados como figura, são eventos que expressam sequencialidade lógica dos fatos, contribuindo para que a história evolua. Acompanhem como isso se apresenta na respectiva amostra.

### AMOSTRA (18)

#### Histórias das calçadas

**As calçadas de minha rua sempre estão cheias, principalmente quando algum parente ou conhecido vem nos visitar. Todos que nela sentam tem alguma história, piada, ou alguma aventura que tiveram para contar.**

Quando nos reunimos pra conversar, sempre surge uma brechinha para uma piadinha, ou para as histórias assombradas que muitos de meus primos não gostam, tanto por medo, quanto pelo fato de não gostarem mesmo.

**Um dia estávamos a conversar e de repente minha tia pergunta se alguém se lembra de quando minha outra tia nasceu mataram uma raposa.**

Nós todos começamos a rir, mas de certa forma espantados, pois, nunca tínhamos sequer ouvido falara naquele assunto.

**Minha avó logo foi tratando de contar, que segundo ela foi assim:**

- Estavam na casa, eu, meu marido, minha cunhada, mamãe e minha filha mais velha. Na época, muitos animais selvagens ficavam como o cachorro contaminados pela raiva. Minha cunhada que estava com a gente viu um pequeno vulto se dirigindo para a frente da portade nossa casa, mas no momento não ligou para o que poderia ser, e nós sempre distraídos com a conversa. O tempo foi passando, até que ela foi até a porta e disse:

- Olha só o que eu achei aqui!

Então eu disse:

- O que foi, que você viu aí?

- Um cachorrinho. Vou colocar pra dentro de casa.

- Eu disse pra ela não colocar e meu marido foi ver se era mesmo um cachorro,  
quando ele abriu a porta ele logo gritou dizendo:

- Isso não é um cachorro, isso é uma raposa e ela ainda por cima, está louca.

**Ele foi logo pegando a espingarda,** a raposa correu e, ele correu atrás dela. Depois  
**de muito tempo ele conseguiu atirar e matar a raposa,** para poder voltar pra casa.

Minha avó terminou de contar, e todos nós estávamos rindo muito.

Fonte: Silva, 2016.

Na **AMOSTRA (18)** as orações com grau de saliência perceptual maior estão exprimindo os eventos pontuais, factuais e afirmativos que representam, no nível textual-discursivo, a sequencialidade espaçotemporal da comunicação central enunciada na crônica. Subjacentes a essas informações estão os fragmentos do texto constitutivos do plano de fundo da história. Nessas porções de texto, destacamos a localização dos participantes na narrativa e a explicação das ações simultâneas à categoria de figura.

Quanto à organização dessas categorias no plano discursivo, percebemos que os eventos de fundo estão dispostos de maneira que contextualizam o evento enunciado. Muito embora, se levarmos em consideração os aspectos característicos do gênero crônica, possamos perceber que o texto deixa a desejar. Isto porque o (a) informante da **AMOSTRA (18)** mantém seu discurso preso ao reconto e/ou relato da história e não ousa, cognitivamente, apresentar em sua composição uma dimensão discursiva mais elaborada.

Para atingir seus propósitos comunicativos, o indivíduo precisa ser capaz de processar, cognitivamente, seus conhecimentos linguísticos com o mundo exterior. Assim, orientado pela sua percepção acerca do mundo extralinguístico, mostrar-se capaz de construir o seu próprio discurso. Para tanto, usa estratégias criativas para a sua produção, como discutido por Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2015).

Compreender que os elementos que compõem o discurso estão, necessariamente, associados às instâncias extralinguísticas (os interlocutores, o contexto comunicativo), nos permite admitir que a função discursivo-comunicativa do texto perpassa, inevitavelmente, as dimensões semântico, pragmáticas e discursivas, fatores determinantes para sua efetivação.

Na **AMOSTRA (18)** em análise, as relações estabelecidas entre os planos de figura e fundo, exercem a função de complementaridade das situações enunciadas no texto crônico. Ainda que requeiram uma sistematização melhor das ideias formuladas pelo(a) informante, corroboram para que propósito comunicativo seja estabelecido.



Em referência à **AMOSTRA (19)**, o texto construído pelo(a) informante retrata o cotidiano vivido pelos membros de uma comunidade. Conforme podemos visualizar na amostra seguinte, a composição textual elaborada pelo aluno(a) está assim arquitetada:

### **AMOSTRA (19)**

Na Rua Antonio Braulio

**Ao amanhecer as donas de casa, já com suas vassouras amanhecem varrendo suas calçadas (Pé da Porta).** A vizinhança nessa rua é muito complicada há amizades e intrigas. As vizinhas vão de porta em porta fazer aquela velha fofoca.

Ao chegar a tarde essa rua fica verdadeiramente um deserto. Pois sempre tem aquele cochilo da tarde.**Depois desse cochilo as vizinhas se reúnem, se sentam nas calçadas e conversam até o sol admirar a lua.**

**Chegando a noite as senhoras voltam para suas casas para prepara o jantar.**Após o jantar em família todas vão tomar um chazinho na casa do vizinho, e não pode faltar aquela conversa da vida alia. As crianças brincando no meio da rua de pega-pega e os pais mortos de preocupação que um carro pegasse eles quando chega a hora de ir pra casa, as crianças chorando querendo brincar mais.

Assim é dia-a-dia na rua Antonio Braulio, agitado.

**Fonte:** Silva, 2016.

A **AMOSTRA (19)** revela que o (a) aluno(a), ao produzir seu texto, apresenta um distanciamentocom relaçãoaos requisitos inerentes ao gênero crônica, assim como também foi evidenciado na composição da **AMOSTRA (16)** analisada anteriormente. Em ambas as amostras os (as) informantes não conseguem apresentar em sua produção uma projeção organizacional típica do que se caracteriza como crônica, isto consequentemente resulta em um relato.

Com relação à maneira como o (a) informante da **AMOSTRA (19)** articula as porções textuais que se apresentam em primeiro plano (figura), notamos que a disposição desses eventos se revela vago e não fornece a caracterização de figuras bem recortadas e focalizadas. Identificamos que estas informações, de certa forma, estão dispostas de modo a manter a continuidade tópica da história.Essa é a tentativa do (da) informante, mas percebemos asua dificuldade em sustentar uma linha principal de progressão do discurso.

Já nas dimensões de fundo realçadas na amostra, constatamos que os eventos relatados assinalam situações descritivas, inertes e imperfectivas, porém a articulação das ideias do (da) informante se revela, sob a nossa ótica, processada de maneira dispersa no plano organizacional do texto.

A partir das contribuições de Martelotta e Alonso (2012), considerando essa conjuntura textual apresentada na **AMOSTRA (19)**, podemos depreender que as relações que o indivíduo estabelece na organização dos níveis de centralidade e perifericidade do discurso perpassam não somente fatores de natureza cognitiva, mas também, os aspectos dinamicamente processados nos diferentes eventos comunicativos.

Por isso, convém incluímos nessa discussão a consideração de que os aspectos de ordem sociocultural determinam a forma de sistematização cognitiva do pensamento humano. Assim, entendemos que o funcionamento dos sistemas conceituais nos indivíduos estaria condicionado às vivências experienciadas com o mundo exterior. Pois, a maneira como processamos e/ou organizamos o nosso discurso estão intensamente associadas a tais relações que são, desse modo, moldadas pelas determinações pragmático-discursivas.

Sendo assim, a organização dos níveis de figura e fundo na disposição do discursivo da **AMOSTRA (19)**, torna evidente que o(a) informante não consegue dispor de uma articulação discursiva satisfatória aos objetivos comunicativos solicitados via escrita da crônica, dado que o plano discursivo se encontra organizado de forma precária e dispersa.

Feitas essas considerações, passemos à elucidação da crônica referente à **AMOSTRA (20)** do nosso *corpus* de análise.

#### **AMOSTRA (20)**

O famoso “preazinho”

Numa manhã de segunda-feira, aproximadamente 06h25min. **Eu ia caminhando para a escola. De repente decidi passar pela feira livre da minha cidade.**

**Quando me deparei com um moço chamado Carlos, popularmente conhecido como “preazinho’.** Na medida em que as pessoas iam terminado de fazer suas compras, ele se oferecia para levar.

Ele dizia:

- Quer que eu leve dona Maria?

A mulher responde: (sai muito apressada).

- Não, não. Muito obrigada!

Acho que de certa forma as pessoas tem medo dele, sabe! Dá pena! Você vê-lo por ai jogado no chão como se fosse um animal. Sei lá, de repente bateu uma tristeza. A culpa disso tudo é dele mesmo por ter destruído sua vida em álcool.

Mas hoje ele está em uma clínica de recuperação em Mossoró/RN, e estou torcendo que volte recuperado do seu vício.

Fonte: Silva, 2016.

Nesse texto, semelhante ao que evidenciamos nas **AMOSTRAS (16) e (19)**, o (a) informante também foge do gênero crônica, detendo-se ao mero relato de um acontecimento do cotidiano. Notamos que a articulação das ideias veiculadas no texto estão, em certa medida, distribuídas no plano discursivo de maneira desconexa e inconsistente.

Percebemos que os níveis mais baixos de saliência perceptual, relativos ao plano de fundo, estão articulados de forma dispersa. Tais constatações evidenciam que esses eventos, indispensáveis para a narrativa, não fornecem o auxílio necessário para a contextualização das ações de figura, ajudando a complementá-la com mais lucidez.

Diante disso, a distribuição dos níveis em torno do que se constitui como primário ou secundário no texto, quando não dispostos de maneira, cognitivamente elaborada e discursivo-pragmaticamente processadas, acabam ocasionando danos ao plano discursivo, como observados no plano organizacional da **AMOSTRA (20)** desta análise.

Aludindo às designações de Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015), em termos de estrutura do texto, ou de planos discursivos podemos afirmar que, para o estabelecimento satisfatório do processo comunicativo, a fim de que locutor(es) e interlocutor(es) possa(m) compartilhar(em) das mesmas perspectivas, é necessário uma articulação coerente e elaborada das ideias.

Desse modo, a ordenação a respeito do que é central (figura) e periférico (fundo) nas informações contidas no texto visa ajudar os interlocutores a se situarem diante do evento enunciado. Inevitavelmente, quando isso não se dá de maneira satisfatória o plano discursivo é corrompido.

Na **AMOSTRA (20)**, a articulação cognitiva feita pelo(a) informante no processamento das ideias que se pretende comunicar, requerem uma melhor elaboração discursiva. A disposição dos planos de figura e fundo nesta amostra não contribuem hierarquicamente para o desenvolvimento da progressão discursiva do texto.

Em suma, como discutido no decorrer das vinte amostras analisadas, a articulação do plano discursivo extrapola a compreensão dos elementos meramente linguísticos. Isso porque, na visão teórica norteadora das análises empreendidas, considerar as dimensões comunicativas como prioridade para explicar a organização do discurso favorece o entendimento das questões em torno dos fatos da língua.

Assim, as reflexões apresentadas nesta seção realçam a importância da consideração dos aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos para a constituição do texto. Torna, pois, o reconhecimento da Linguística Funcional Centrada no Uso como uma teoria alternativa que pode trazer direcionamentos significativos para o ensino e aprendizagem da língua. No sentido de fortalecer à prática pedagógica e contribuir para a dinâmica de sala de aula, tornando-a mais flexível. O que pode colaborar para o desenvolvimento das habilidades linguístico-discursivas dos informantes dos textos investigados, ajudando-os a superar as dificuldades com a escrita apresentadas ao longo das análises.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na efetivação desta pesquisa, objetivamos analisar a articulação do plano discursivo nas produções textuais escritas por alunos pertencentes ao 9º ano de uma instituição de ensino pública estadual. Nessa empreitada, procuramos, a partir das noções de figura e fundo compreender como esses informantes organizam as ideias enunciadas nos textos constitutivos do *corpus* do referido estudo, composto por dez produções do gênero carta argumentativa e dez do gênero crônica.

As reflexões em torno da temática a qual nos propomos investigar e as interpretações aqui realizadas foram alicerçadas nas designações teóricas mapeadas pelos estudiosos da Linguística Funcional Centrada no Uso, que comungamos como fecundo campo do conhecimento. Vinculados à essa perspectiva teórica, congregamos da compreensão de que o sistema linguístico é dinâmico e suas estruturas são fluidas, pois decorrem das frequentes motivações desencadeadas pelo uso, que as constroem e reconstroem continuamente.

Assim, as discussões desenvolvidas neste trabalho levaram em consideração a influência dos aspectos extralinguísticos na construção do texto. Entendemos que a produção do(s) discurso(s) é uma atividade cognitiva, social e pragmaticamente (com)partilhada face aos processos estabelecidos consoante a interação comunicativa em que se efetiva. Dessa maneira, convém afirmarmos, em consonância com a teoria que nos apoia, que o texto é concebido como a materialização das manifestações dos discursos que o suscita (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). É, pois, uma atividade de interação verbal, ou seja, comunicativa.

É por compreendermos que o trabalho com a produção de textos, no âmbito escolar, representa uma ferramenta relevante para o ensino de língua, que vislumbramos a elucidação de um debate instigante, de maneira a contribuir para a reflexão dos aspectos norteadores da pesquisa, análise e compreensão da linguagem. Nessa perspectiva, a investigação com ênfase no funcionamento dos planos de figura e fundo em textos argumentativos realizados nesse trabalho comprova, assim como previsto por Martelotta (1998), a dimensão amplificada para o entendimento de plano discursivo, que transcende a propriedade do domínio da narrativa.

Para a Linguística Funcional Centrada no Uso a compreensão dos fatos da língua ultrapassam a sua mera estrutura e sistematização, pois reconhece que é nos eventos comunicativos realizados nas diferentes instâncias sociais que o sistema linguístico é legitimado, em função das contínuas reivindicações manifestadas pelo uso. Desse modo, a

percepção de análise desse estudo comunga da ideia de que não se pode conceber a língua desvinculando-a do seu contexto discursivo.

Fundamentando-nos nessas considerações, o foco no plano discursivo nos permitiu vislumbrar a dinamicidade do funcionamento do texto. Dado que, considerá-lo como processo resultante da efetivação dos usos concretizados nas dimensões social, histórica e culturalmente determinadas, nos levou a entendê-lo como objeto discursivamente constituído, cuja organização decorre das motivações advindas das várias instâncias de comunicação humana. Depreendemos, com isso, que a distribuição das dimensões de figura e fundo no desenvolvimento organizacional das ideias veiculados nos textos são pragmaticamente articuladas, conforme o evento comunicativo que as gera.

Dessa maneira, para a elucidação dos dados determinamos como categorias de análise o nível textual-discursivo e o nível semântico e pragmático. Por meio dessas, buscamos, com base nos elementos constitutivos de figura e fundo, investigar a disposição do plano discursivo. As categorias estabelecidas foram abordadas concomitantemente com vista a atender os objetivos norteadores da referida pesquisa e merecem alguns apontamentos pertinentes.

Primeiramente, as evidências constatadas no *corpus* revelaram que a distribuição dos planos apresentados como figura e fundo na sistematização dos eventos propagados nas produções dos (das) informantes foram dinamicamente projetados. De modo que, ao formular, selecionar e organizar discursivamente as ideias enunciadas nos respectivos textos procuraram, cada um(a) sob o seu modo, manifestarem estratégias discursivas criativas com o intuito de atender as necessidades comunicativas do(s) interlocutor(es).

Nas amostras analisadas, percebemos no decorrer das informações enunciadas nas produções escritas dos gêneros em análise que, com relação às cartas argumentativas, os(as) informantes apresentaram uma estrutura composicional textual concernente as características inerentes ao gênero e conseguiram compreender a proposta temática de produção de texto sugerida pela professora regente da disciplina, à solicitação ao Ministro da Educação de uma campanha nacional de valorização ao povo nordestino.

Na organização dos planos de figura e fundo nas cartas argumentativas analisadas, notamos uma disposição discursiva bastante diversificada. Pudemos verificar, por exemplo, a flexibilidade dos eventos apresentados nas amostras investigadas. Visto que, como os indivíduos se servem de estratégias discursivas que o projetam para uma articulação argumentativa própria, estes optaram por apresentarem figuras em movimento no decorrer do texto.

As cartas argumentativas apresentaram, como constatamos nas amostras (01), (02), (05) e (10) eventos articulados em uma sequencialidade temporal linear, com figuras bem definidas e focalizadas. Em consonância com isso, percebemos planos de fundo com uma apresentação bem articulada, com contextualizações que contribuíam para a progressão do texto, como comentários avaliativos que ampliaram, emolduraram e situaram as situações enunciadas no espaço e no tempo.

Contudo, chamamos a atenção para o caso da amostra (10) que, embora o (a) informante tenha conseguido apresentar a porção de texto referente a figura de maneira focalizada, revela um fundo disperso, com ideias desconexas, vagas e incongruentes acompanhado de uma série de problemas de natureza ortográfica, coesão e coerência textual. Essa evidência demonstra, assim como pressupõe Givón (2011) que os planos figura e fundo estão, essencialmente, relacionados ao processamento cognitivo e perceptivo a que se ligam por uma função discursivo-comunicativa.

Em outras palavras, como a figura possui um grau de saliência perceptual maior ela é de fácil apreensão e, portanto, de formulação mais simples. Diferentemente dos eventos de fundo que, apesar de serem classificados com grau de saliência discursiva inferior, demandam uma mobilização maior dos aspectos de ordem semântica, pragmática e discursiva para a sua sistematização. Essa confirmação revela, ainda, outro fator importante observado nas cartas, a dificuldade de alguns alunos(as) em argumentar o tema proposto.

Como é o caso dos informantes das amostras (03), (04), (06), (07), (08) e (09) em que verificamos planos de figura dispostos de maneira desarticulada, porções de texto de fundo precariamente sistematizados, com ideias soltas e hierarquicamente dispersas. Aspectos esses responsáveis por ocasionarem problemas ao plano discursivo, desde fatores relativos à concordância e progressão textual, como também de natureza semântica.

Quanto às amostras referentes ao gênero crônica, os dados da análise revelaram que, dos dez textos investigados, em cinco deles os (as) informantes apresentaram dificuldade em desenvolvê-lo de forma a atender as características constitutivas do gênero cronístico, a saber, as amostras (14), (16), (18), (19) e (20). Nesses textos percebemos que, embora o gênero abordado seja considerado dinâmico e híbrido, por possibilitar ao escritor(a) transitar entre o linguístico e o literário e assim favorecer a utilização de uma linguagem criativa, predominantemente narrativa, mas também, argumentativa e/ou expositiva, que os (as) informantes se detiveram apenas ao relato de uma história do cotidiano.

Constamos no universo das cinco amostras mencionadas, que o plano discursivo em termos de figura e fundo se revelaram articulados de maneira precária. As porções de texto

referentes às informações principais se apresentam dispostas de forma vaga e difusa, cuja organização não contribuiu para a caracterização das ações narradas via fundo. Conseqüentemente, o plano constitutivo dos eventos secundários estão postos de forma confusa, descontextualizada e superficial. O (a) informante da amostra (17) revelou um plano discursivo complexamente articulado e dificuldades em desenvolver a narrativa. Problemas dessa natureza constituem, assim, em prejuízos de ordem de sentido do texto.

Com relação às amostras (11), (12), (13) e (15) verificamos, de forma geral, articulações discursivas criativas e interessantes. Quanto à disposição dos graus de centralidade e perifericidade dessas amostras verificamos figuras focalizadas, com sequência temporal linear de eventos afirmativos e ordenados. Outra importante evidência relativa a essas amostras diz respeito à dinamicidade dos planos de figura e fundo expressas nos textos. Dado que, foram articuladas de maneira a se correlacionarem no desenvolvimento da produção escrita. Contudo, percebemos que embora não tenham sido distribuídas com propriedade, a tentativa dos (das) alunos(as) visaram atender aos propósitos da comunicação que tinha como contexto de produção as Olimpíadas de Língua Portuguesa 2014.

Considerando os objetivos que mediaram a realização dessa pesquisa, podemos afirmar que, pelo menos em boa parte, os propósitos tencionados foram atingidos. Esse estudo nos oportunizou investigar a articulação textual nos gêneros crônica e carta argumentativa, desempenhada pelos alunos no encadeamento das informações enunciadas nas produções escritas, verificando o domínio discursivo nas dimensões de figura e fundo, baseados na percepção e cognição, bem como examinar a influência dos aspectos discursivos, pragmáticos e semânticos que direcionam a organização textual desses gêneros.

A visão funcional a que esse estudo se vincula, proporcionou investigar o plano discursivo levando em consideração a dinamicidade da produção do(s) discurso(s). E, por conseguinte, nos possibilitou contemplar os aspectos extralinguísticos inerentes na sua construção, acrescentando a essa discussão a atenção em elucidar a influência da tríplice semântico-discursivo-pragmática na constituição do texto. Essa reflexão comprova, cada vez mais, a relevância do trabalho com a produção de texto em sala de aula.

A inserção nas diversas práticas discursivas que o mundo moderno nos envolve, tem possibilitado o acesso a uma variedade de gêneros. Além disso, representa para o ensino uma abertura para a inserção do aluno no mundo da leitura e da escrita. As inúmeras possibilidades que estão ao nosso alcance devem impulsionar novos direcionamentos para favorecer o trabalho com o texto, com a linguagem e seu funcionamento, a partir de gêneros diversos.



Como pudemos constatar nas nossas análises, ainda são muitos os problemas com a escrita dos alunos. Nas evidências constatadas no nosso *corpus*, verificamos muitos textos articulados precariamente, com ideias desconexas, pensamentos incompletos, discursos dispersos e, principalmente, a dificuldade em argumentar e desenvolver os temas propostos, conforme os requisitos de cada gênero abordado.

Esperamos que este estudo venha suscitar reflexões em torno da forma produtiva e criativa do trabalho com textos, provocando novos diálogos. No sentido de colaborar com as discussões teóricas acerca da linguagem, entendida enquanto sistema fluido, mutável e passível às pressões do uso. Como também trazer alternativas e redimensionamentos que possam contribuir com a prática pedagógica, uma vez que, há a necessidade de um constante (re)acentuamento no ensino-aprendizagem e na dinâmica de sala de aula, esses que assim como a língua estão, frequentemente, se renovando.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Muito além da Gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo. Parábola editorial, 2007.
- ANDRADE, C. D. Uma prosa (inédita) com Carlos Drummond de Andrade. **Caros Amigos**. São Paulo. n. 29, p. 12-15, ago. 1999.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- \_\_\_\_\_. Os Gêneros do Discurso. In: Bakhtin, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 279-326.
- \_\_\_\_\_. Estética da criação verbal. In: Bakhtin, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.
- \_\_\_\_\_. Diálogo em Dostoiévski. In: Bakhtin, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – 5ª a 8ª séries**. Brasília: SEF, 1998.
- BENDER, F. LAURITO, I. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.
- BEZERRA, M. A. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: \_\_\_\_\_: **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.37-50.
- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In.: \_\_\_\_\_. **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas-SP: Editorada UNICAMP, 1997.
- CHEDIER, C. M. **Perfil Figura Fundo em crianças com e sem queixas escolares**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2007.
- CONCEIÇÃO, P. T. **Planos discursivos em diferentes níveis de escolaridade: estudo de recontagem de Figura e Fundo**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2010.

DU BOIS, J. W. **Competing Motivations**. In: HAIMAN, J. (org). Iconicity in syntax. Amsterdam : John Benjamins Publishing Company, 2003.

FARACO, C. A. **Bakhtin e a subversão do enunciado**. Porto Alegre: 2001. Conferência no Instituto de Letras da UFRGS, em 30/03/01. Mimeo.

FERREIRA, A. C. F. **Semântica Argumentativa**: A questão da autoria para uma designação brasileira. *Línguas e instrumentos linguísticos*, Campinas, n. 11, p. 64-72, 2003.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. COSTA, M. A.; CEZÁRIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2003.

\_\_\_\_\_. TAVARES, M. A. Ensino de gramática com base no texto: subsídios funcionalistas. In: **Ariús**. v.13, n. 2, jul./dez. 2007.

\_\_\_\_\_. SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de usos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

\_\_\_\_\_, M. M. CEZÁRIO. Linguística Centrada no Uso uma homenagem a Mário Martelotta. In: FURTADO DA CUNHA, M. A; BISPO, E. B; SILVA, J. R. **Linguística Funcional Centrada no Uso**: conceitos básicos e categorias analíticas. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E (orgs.). **Linguística Funcional**: teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GIVÓN, T. **Syntax**: an introduction. v. 1. Amsterdam: John Bejamins, 2001.

\_\_\_\_\_. **Compreendendo a gramática**. Trad. CUNHA, M. A. F.; MARTELOTTA, M. E.; ALBANI, F. Natal: EDUFRN, 2011.

GOMES. M. S. B. **Análise do plano discursiva em recontos orais e escritos de narrativas de alunos do 2º ano do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), 2012.

HOPPER, P. J. Aspect and Foregrounding in Discourse. In: **Discourse and syntax**. Ed. By Talmy Givón. New York: Academic Press, p. 210-280, 1979.

\_\_\_\_\_. **Emergent grammar**. In: Berkeley Linguistics Society, vol. 13. p. 135- 154, 1980. Disponível em: <<http://eserver.org/home/hopper>>. Acesso em: 18/12/14 às 20:30hs.

HOPPER, P. & S. THOMPSON. **Transitivity in Grammar and Discourse**. Language, vol.56, n.2, p. 246-300, 1980.

KOCH, I. G. V. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LAGINESTRA, M. A. PEREIRA, M. I. **A ocasião faz o escritor: caderno do professor. Orientação para produção de textos**. São Paulo: CENPEC, 2010. (Coleção da Olimpíada).

LIMA, E. A. **O lugar do leitor na crônica contemporânea brasileira**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2001.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: Brait, B. **Bakhtin: conceitos-chaves**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso e a ciência dialógica do texto**. In.: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G.; BRAIT, B. 4. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

M. M. CEZÁRIO; FURTADO DA CUNHA. M. A. Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta. In: FURTADO DA CUNHA M. A; BISPO E. B; J. R. SILVA. **Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

MARTELOTTA, M. E; VOTRE, S; CEZARIO, M. M. **Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional**. UFRJ- Grupo de Estudos Discurso & Gramática, Rio de Janeiro, 1996.

MARTELOTTA, M. E. **Figura e fundo: uma proposta prática de análise**. Manuscrito. 1998.

\_\_\_\_\_. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M.A.; RIOS DE OLIVEIRA, M. MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2003.

\_\_\_\_\_. A mudança linguística. In: FURTADO DA CUNHA, M.A.; RIOS DE OLIVEIRA, M. MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2003.

\_\_\_\_\_. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Contexto, 2011. (Coleção leituras introdutórias em linguagem; v.1).

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA**. Vol. 10, n.2, 1994, p. 325-334.

NASCIMENTO, M. Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua. **DELTA**. Vol. 06, n.1, 1990, p. 72-84.

NEVES, M. H. M. Teorias sintáticas e análises gramaticais. In: **Estudos Linguísticos**, XLIII, V. 2. Ribeirão Preto: UNAERP, 1995, 50-63.

\_\_\_\_\_. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gramática do português falado**. V. 7. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, Campinas: Editora da Unicamp. 1999.

\_\_\_\_\_. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

PAIVA, V. L. M. O. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucena, 2004, p. 68-92.

PEZATTI, E.G. **Uma abordagem funcionalista da ordem de palavras no português falado**. Alfa, São Paulo, 1994, p. 37-63.

\_\_\_\_\_. O funcionalismo em linguística In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, vol. 3. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 165-218.

PPP. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Estadual Padre Bernardino Fernandes, 2014.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.; BONINI, A.; D. MOTA-ROTH (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p.152-183.

SILVEIRA, E. **Relevância em narrativas orais**. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.

\_\_\_\_\_. **O aluno entende o que se diz na escola?** Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

SOUZA E. R. Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas. In: MARTELOTTA, M. E.; ALONSO K. S. **Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua**. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas. In: CASTILHO, A. T. **Funcionalismo e gramáticas do Português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

TOMASELLO, M. **Constructing a language: A usage-based theory of language acquisition**. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

VIDAL, R. M. B. **As construções com adverbiais em mente: análise funcionalista e implicações para o ensino de língua materna**. 187p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL). Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal 2009.

VILELA, M; KOCH, I. G. V. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

# ANEXOS